

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, GEOGRAFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM HISTÓRIA

GINEGLEYSON AMORIM DA COSTA

A LUTA PELA TERRA
NO ROMANCE DE BERNARDO ÉLIS
“*A TERRAE AS CARABINAS*”:
REPRESENTAÇÕES E SENSIBILIDADES

GOIÂNIA

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, GEOGRAFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM HISTÓRIA

GINEGLEYSON AMORIM DA COSTA

A LUTA PELA TERRA NO ROMANCE
—*A TERRA E AS CARABINAS!*:
REPRESENTAÇÕES E SENSIBILIDADES

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de Mestre em História, no Curso de
Pós-graduação e Pesquisa Mestrado em História, da
Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros.

GOIÂNIA

2013

C8371 Costa, Ginegleyson Amorim da

A luta pela terra no romance de Bernardo Élis "A Terra e as Carabinas" [manuscrito] : representações e sensibilidades / Ginegleyson Amorim da Costa.-- 2013.

102 f.; il.; 30 cm

Texto em português com resumo em inglês.

Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em História, Goiânia, 2013

Inclui referências, f. 90-99

1. Élis, Bernardo, 1915-1997. 2. Literatura - História e crítica. 3. Civilização - História. 4. Regionalismo na literatura. I. Quadros, Eduardo Gusmão de. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 930.85(043)



**PUC
GOIÁS**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Av. Universitária, 1059 • Setor Universitário
Caixa Postal 86 • CEP 74605-010
Goânia • Goiás • Brasil
Fone: (62) 3946.1070 • Fax: (62) 3946.1070
www.pucgoias.edu.br • prope@pucgoias.edu.br

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM HISTÓRIA DEFENDIDA EM
18 (DEZOITO) DE DEZEMBRO DE 2013 (DOIS MIL E TREZE) E
Apurada PELA BANCA EXAMINADORA.

1) Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / (Presidente) PUC Goiás

Eduardo Gusmão de Quadros

2) Dra. Heliane Prudente Nunes / (Membro) ALFA

Heliane Prudente Nunes

3) Dra. Albertina Vicentini / (Membro) PUC Goiás

Albertina Vicentini

Ao Poderoso e Amoroso —DEUS YHWH, por ter ajudado a ultrapassar todos os obstáculos que tive no decorrer dessa pesquisa, ao seu Reino que em breve solucionará todos os problemas que assola a humanidade.

AGRADECIMENTOS

Ao “DEUS YHWH” pelo maravilhoso presente que é viver, por estar dando orientação correta por meio da sua palavra, sobre o melhor modo de vivermos neste mundo tão turbulento.

À minha querida e amada mãe, Izabel pela ajuda que proveu em épocas difíceis, que sempre me apoiou, e acompanhou de perto a elaboração desta, nas muitas madrugadas sem dormir, o meu muito obrigado!

Aquele que foi além de um orientador, adaptando-se para atender as necessidades da pesquisa e do aluno, sendo essa pessoa acessível, que ajudou em meu crescimento em sentido intelectual, com seus muitos conselhos Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros.

À professora Dr. Heliane Prudente Nunes pela colaboração.

À professora Dr. Albertina Vicentini pelas sugestões dadas para realização dessa pesquisa.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História que tão bem executaram seu papel.

A todos os funcionários que atenderam às necessidades desta pesquisa.

A todos, embora não citados aqui, colaboraram para a elaboração dessa pesquisa, o meu muito obrigado!

Canção dos lavradores no
romance:

—*A terra e as carabinas*||

—*O*|| *meu irmão arrendeiro!*
Arrendo não pague não.
O ladrão do fazendeiro
faz guerra e faz opressão
por conta desse dinheiro
que nos lhe pomos na mão||.

—*Devemos todos seguir*
o aviso do capital.
Devemos nos reunir
dentro da nossa União
e entre nós dividir
a fazenda do patrão||.

—*Meus filhos abençoei*
e afiei meu punhal,
com amor eu oliei
a minha fogo central.
Arrendo não pagarei,
Seja por bem ou por mal||.

—*O ladrão do fazendeiro*
Faz guerra e faz opressão
por conta desse dinheiro
que nós lhe pomos na mão...
(ÉLIS, 2005, p.90 - 92)

RESUMO

Este trabalho faz uma análise da Literatura Engajada em Bernardo Élis, particularmente sua novela, escrita nos fins da década de 1940, *A terra e as carabinas*. Ela foi publicada em forma de folheto, periodicamente, no Jornal Estado de Goiás. Observamos que essa literatura foi feita para um objetivo específico, visto que o autor estava ativo no Partido Comunista Brasileiro, refletindo seus ideais na referida obra. O estudo apoia-se teoricamente na História Cultural, o que possibilita utilizar a literatura como fonte histórica de pesquisa. No primeiro capítulo demonstramos como o historiador pode usar a literatura como documento, como alguns escritores assumiram o tom regionalista e relataremos como surgiu à literatura engajada. No segundo, exporemos de forma resumida a vida e as obras de Bernardo Élis e como seu engajamento no PCB refletiu-se na literatura que produziu. No capítulo final, fazemos uma intersecção possível entre a literatura enquanto “ficção” e seu poder de simbolização da realidade histórica da luta pela terra.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; História; Engajamento; Regionalismo.

ABSTRACT

This paper makes an analysis of the Elis Literature Engaged in Bernardo, particularly his novel written in the late 1940s, "The Earth and Carbines". It was published in booklet form periodically in the Official State of Goiás observed that this literature was made for a specific purpose, since the author was active in the Brazilian Communist Party, reflecting its ideals in such work. The work is supported theoretically in Cultural History, which enables to use literature as a source of historical research. In the first chapter we demonstrate how the historian can use literature as a document; as some writers have become regionalist, do a quick story about how it came to literature engaged. In the second, expose briefly the life and works of Bernardo Elis, as well as their engagement in PCB reflected in the literature they produced. In the final chapter, we make a possible intersection between literature as "fiction" and its power of symbolization of the historical reality of the struggle for land.

KEY – WORDS: Literature, History, Engagement, Regionalism.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACBEPC	Associação Cultural Bernardo Élis dos Povos do Cerrado
ANL	Aliança Nacional Libertadora
CANG	Colônia Agrícola Nacional de Goiás
CEDAE	Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
CEDOC	Centro de Documentação (Grupo Jaime Câmara)
DEI	Departamento Estadual de Imprensa
DEIP	Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
IEL	Instituto de Estudos da Linguagem
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PCB	Partido Comunista Brasileiro
UCG	Universidade Católica de Goiás
UDN	União Democrática Nacional
UFG	Universidade Federal de Goiás
ULTAB	União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil
ULTAG	União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Goiás
UNESCO	Org. Educacional Científica e Cultural das Nações Unidas
UNICAMP	Universidade de Campinas

SUMÁRIO

RESUMO	07
ABSTRACT	08
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1	
LITERATURA E HISTÓRIA: POSSÍVEIS ENTRELAÇAMENTOS.....	20
1.1-A Possibilidade da Intersecção entre História e Literatura	21
1.2-História da Vida e das Obras de Bernardo Élis	27
CAPÍTULO 2	
LITERATURA ENGAJADA, REGIONALISMO NO BRASIL.....	37
2.1-O Engajamento na Literatura	38
2.2-A Literatura Engajada de Bernardo Élis	43
2.3-Breve Histórico do Regionalismo no Brasil	49
2.4-As Cores do Regionalismo	53
2.5-O Sertanejo na Literatura	56
CAPÍTULO 3	
AS REPRESENTAÇÕES EM A TERRA E AS CARABINAS E SUAS SENSIBILIDADES.....	61
3.1-Primeiro Momento: A Fazenda Retiro	62
3.1.1 - A Moagem... ..	65
3.2-Segundo Momento: Tratamento na Cidade	67
3.2.1 - O Malévolo Capital... ..	69
3.2.2 - Discurso Empolgante.	71
3.3-Terceiro Momento: Morando com a Família de Carijó	73

3.3.1 - Os Meios de Comunicação.....	74
3.3.2 - Corrupção no Judiciário	77
3.3.3 - O Verdadeiro Doutor Macioso.....	79
3.3.4 -Manipulação da Mídia.....	81
3.3.5 - Colheita Alegria e Tristeza.....	83
3.3.6-A Liga Camponesa	88
3.3.7-Governantes Truculentos.....	91
3.4-Quarto Momento: Fazenda N. S. Perpétuo Socorro	94
3.5-Quinto Momento: Reflexões e Decisões Estabelecidas.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS	
BIBLIOGRÁFICAS	105
ANEXOS	114

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -Situações vividas pelo protagonista.....	56
Figura 2 -Bandeira representando capitalismo X socialismo. . .	94

INTRODUÇÃO

A tentação a que o historiador cultural não deve sucumbir é a de tratar as imagens de um certo período como espelhos, reflexos não problemáticos de seu tempo [...] os historiadores culturais têm de praticar a crítica das fontes, perguntar por que um dado texto ou imagem veio a existir, e se, por exemplo, seu propósito era convencer o público a realizar alguma ação (BURKE, 2005, p. 32-33).

Esse tema foi escolhido devido à importância de conhecer e divulgar a história dos lavradores nas décadas de 1940-50, que foram escravizados pelo arrendo. É muito parco o material de pesquisa que temos a respeito do arrendo, período em que houve no Brasil muitas lutas para erradicar exploração do arrendo exorbitante, assim, recorreremos a fontes de pesquisas que envolveram a Revolta de Trombas e Formoso, em que se tratou do arrendo. O meu interesse na questão da luta pelo direito dos lavradores à terra, começou ainda na graduação, quando assisti a uma palestra em 2004 sobre os “Os cinquenta anos da resistência de Trombas e Formoso”, realizada na UCG, ocasião em que também foi lançado, em nível nacional, o filme “Cadê Porfírio?”. Por causa deste interesse, terminei a monografia da graduação em História - bacharelado e licenciatura com o tema: “Como os meios de comunicação retrataram a Revolta de Trombas e Formoso” em 2005. Havia pesquisado os arquivos microfilmados do Grupo Jaime Câmara (CEDOC), que constavam dos jornais: “O Popular” e “Folha de Goiás”; o “Jornal de Notícias” de Alfredo Nasser estava contido no livro *O líder não morreu*, Alfredo Nasser. Essa pesquisa constituiu o momento em que compreendi a luta dos lavradores por seus direitos contra uma mídia manipulada. Continuei com o tema nas especializações que cursei, escrevendo os trabalhos finais acerca do tema.

Pretendia, ao iniciar esta dissertação, abordar três livros de literatura para fazer uma ponte entre história e literatura: *A terra e as carabinas* de Bernardo Élis, Jurubatuba e Nunila de Carmo Bernardo e *O Caminho para Trombas* de José Godoy Garcia. Todavia, devido ao curto período para pesquisa e várias sugestões de alguns professores, optei pelo livro que teve maior expressividade em seu tempo e por seu escritor, ser bastante engajado em seus ideais, assim o livro escolhido foi *A terra e as carabinas* de Bernardo Élis, deixando os outros para futuras pesquisas.

No primeiro capítulo, procuramos analisar como o historiador pode utilizar a

Literatura como fonte. Tentamos compreender alguns momentos nos quais a Literatura foi usada como fonte em forma de intersecção com a História. Salientamos que ela não foi feita para esse fim, mas que pode ser um recurso extra para análise mais aguçada de momentos da história quando faltam fontes para uma análise aprofundada. Observamos o tempo da narrativa, o autor e seus personagens, focalizando qual a mensagem dos escritores à sociedade. Fizemos também um breve relato sobre a vida e as obras de Bernardo Élis; como escrevia e para quem escrevia; como seus escritos trataram da questão social de Goiás.

Por meio da narrativa desta obra, buscamos compreender o que acontecia nas décadas de 1940-50 na sociedade goiana e brasileira, visto que o escritor está inserido nesse meio e, por meio dos seus personagens, faz uma representação, com objetivo específico. Para entendermos como se consolida uma narrativa na literatura e seu escritor, buscamos Antonio Candido, em artigos de sua autoria e em seu livro: *Literatura e Sociedade* bem como em outras fontes e artigos de outros autores não detalhados neste momento.

Para o perfil do escritor, recorremos à sua autobiografia: “A vida são as sobras”, onde o próprio Élis, entrevistado pelo Prof. Ricciardi, relatou pormenores da sua vida pessoal e literária. Para entendermos que tipo de literatura escrevia, quando escreveu, para quem escrevia e o alcance de seus livros, recorremos à revista *Remate de Males* que publicou uma edição especial com título: “Dossiê Bernardo Élis” IEL-UNICAMP n°17, 1997, em homenagem ao escritor. Não podemos esquecer que o escritor foi o único do Estado de Goiás a pertencer à Casa Machado de Assis (ABL), portanto seus livros tiveram, e continuam tendo, grande importância para compreensão de nossa sociedade.

Para sugestões de análise do uso da literatura como fonte, recorremos ao artigo “Literatura: a fonte fecunda”, escrito por Antonio Ferreira, no qual faz sugestões de como utilizarmos a literatura como recurso para pesquisa da história. Recordemos que a possibilidade de usarmos a literatura como fonte para o historiador surgiu com a Nova História Cultural, que ampliou o leque de fontes para análise, adotando também, além dos oficiais, vídeos, jornais (não oficiais), fotos, oralidade e a literatura. A obra “História e História Cultural” de Sandra Jatahy Pesavento, é fonte essencial para o historiador, ao mostrar o uso da literatura como fonte fornecedora de pistas para a compreensão do passado.

No segundo capítulo, o enfoque será sobre a literatura engajada: como esses escritos foram realizados; seu apogeu no fim da II Guerra Mundial, e o que se desejava com esse tipo de literatura. Também mostramos a questão do regionalismo; como apareceu essa tendência de literatura no Brasil; suas principais características e escritores.

Procuramos também entender onde vivia o autor da obra analisada e todo o contexto daquele momento. Salientamos o engajamento do escritor e recorremos ao livro de Benoît Denis, *Literatura e engajamento*, para caracterizar a escrita de Élis. Essa obra de Élis pertence a uma linha de literatura engajada, descrita por DENIS com estes traços:

Escolha ética, vontade de participação, urgência, todos esses traços que caracterizam em primeira instância a literatura engajada, tal como Sartre a definiu e impôs ao sair da 2ª Guerra, assinala-se outro, sem dúvida, menos aparente: a literatura engajada questiona permanentemente a ideia que nós nos fazemos da literatura toda; por que ela rompe com a representação comumente partilhada do escritor e da obra, ela coloca de algum modo o fato literário em crise e contesta as evidências aparentes sobre as quais a sua representação está fundada (DENIS, 2002 p. 42).

Élis está nesse momento, ativo no PCB, fazendo uma literatura a favor dos menos favorecidos, os abandonados pelos governantes e explorados pela elite. O escritor confirma:

Tentei (tentado pelo marxismo) fazer da literatura uma arma de denúncia contra semelhante situação social, sem, contudo, abandonar de todo meu projeto de sair de Goiás [...] Ousadia das maiores, se considerarmos o tempo em que se deu tal decisão – década de 1940, quando a região era tão somente quintal dos poderosos coronéis, praticantes de toda sorte de abuso sem ter de prestar contas a ninguém (ÉLIS, 2000, p.7,95).

Então, na linha do Realismo Socialista, esse tipo de obra não estará preocupado com a estética da literatura: o objetivo dessa literatura é denunciar os males que acontecem na sociedade, busca alertar os cidadãos para os eventos ocorridos:

*Tratava-se da política cultural traçada pelo Partido para divulgação do Realismo Socialista [...]. Mas, mesmo assim, seguramente o seu poder criador foi maior, ao menos o suficiente para ultrapassá-la. Fruto dessa fase é o romance *O Tronco*, no qual, segundo ele mesmo afirma, emprega as três leis da dialética: a tese, a antítese e a síntese. A propósito, há um curioso caso, relatado pelo autor em conversa informal, sobre seu papel de intelectual militante do Partido Comunista, nesta fase (ÉLIS, 2000, p.10-11 Org. José Lino Curado).*

Verificamos alguns autores intitulados regionalistas, e como o Sertão é usado na Literatura. A questão do regionalismo, de acordo com Alfredo Bosi, coloca-se ao se “discutir a realização estética de Bernardo Élis. Mas não é possível ignorar que ele mantém em nível de alta dignidade estilística a ficção regionalista brasileira. O que é, hoje um grande alento” (ÉLIS, 1984 p.1). Flávia Leão Carneiro comentou sobre todo o acervo do escritor e como construía seus personagens:

Essas fontes para pesquisas incluem: —originais de romances, edições raras, antigos dicionários, correspondência pessoal, acervos do gênero, particularidades de seu processo de trabalho que conseguimos analisar a construção de suas obras, encontramos recortes de jornais e revistas referentes a fatos acontecidos nas regiões de alguns romances, possuindo vários cadernos, com estudos socioculturais, referentes ao meio, também pesquisas sobre o dialeto caipira, construção de personagens e genealogias.(LEÃO, 1997 p.141-142).

O capítulo terceiro apresenta a análise da obra de Élis *A terra e as carabinas*. Destacamos o tipo de engajamento do autor, quais são seus ideais, quem os representava, como seus personagens na sociabilidade proposta passam por uma refiguração. Com o cruzamento de outras fontes, buscamos uma compreensão melhor desse momento histórico das décadas de 1940-50, no Estado de Goiás e no Brasil. Veremos a literatura como “ficção”, sua busca de verossimilhança e seu poder de simbolizar a histórica luta pela terra.

A nossa pesquisa é sobre as representações da luta pela terra no romance “que foi publicado em folhetins, periodicamente, no jornal O Estado de Goiás de 1951-53” com o título: *A terra e as carabinas*.(ALMEIDA, 1970, p.47). Essa forma de literatura foi distribuída periodicamente com um objetivo específico: a conscientização da sociedade, principalmente dos lavradores, sobre seus direitos. Noticiava, portanto, o que estava acontecendo em Goiás durante aquele período, sob os governos, em nível estadual, de Pedro Ludovico e, em nacional, do Presidente Eurico Gaspar Dutra. Esses governantes perseguiram as pessoas da oposição, causando em nossa sociedade ansiedade, angústia e medo. Usavam a máquina administrativa em prol dos seus interesses, sendo os cidadãos até torturados e mortos. Assume-se que os meios de comunicação eram vigiados, e a imprensa noticiava, muitas vezes, o que o poder político desejava, ou seja, meias verdades tentando manipular a informação e enganar o coletivo.

O autor, por meio de folhetins, denunciou alguns eventos importantes de sua época, como a grilagem de terras, a exploração dos lavradores por meio do arrendo, a corrupção do judiciário, os governantes atroz. Todos esses fatos são verossímeis no período da década de 1950, o que é demonstrado no decorrer da pesquisa por várias fontes. No prefácio do livro “O Tronco”, Francisco de Assis Barbosa teve palavras justas para ressaltar o contexto em que Élis escreveu:

A literatura de ficção [...] é que nos revela o drama até então desconhecido do sertão —belo e terrível, com seus vaqueiros, jagunços, soldados, sertanejos humildes, mortos nas lutas dos —coronéis [...] A literatura enche o vazio da história. Pelo menos, os escritores do tipo de Bernardo Élis mostram que são menos alienados do que os historiadores, a grande maioria dos historiadores omissos.(BARBOSA:1967 apud ÉLIS, 1967 v. II, p.11)

Buscamos compreender essa obra esmigalhada pelo confronto com fontes históricas acerca da vida e das lutas do período. Esta dissertação é apenas uma peça, em que queremos montar um mosaico para o entendimento do tempo abordado e como a ficção o representou.

CAPÍTULO 1

LITERATURA E HISTÓRIA: POSSÍVEIS ENTRELAÇAMENTOS

Se a História Cultural está em busca do resgate das representações passadas, se almeja atingir aquele reduto de sensibilidade e de investimento primário na significação do mundo, a Literatura é uma fonte realmente especial: ela pode dar ao historiador aquele algo a mais que outras fontes não fornecerão (PESAVENTO, 2005 p.82).

Para o uso da Literatura como fonte, precisamos compreender como ela chegou aos historiadores atuais, quais caminhos percorreu e como passou a ser considerada como fonte para pesquisas da história. No século XIX, primeiramente, relembremos que a História se tornou uma disciplina na academia, procurando obter o estatuto científico então:

A Escola Metódica Francesa¹ encarregou-se de estabelecer os parâmetros metodológicos orientadores da crítica interna e externa das fontes, com o objetivo de assegurar a autenticidade documental para reconstituir objetivamente o passado —numa correlação explicativa de causas e consequências. Foi nessas circunstâncias que as fontes escritas, preferencialmente oficiais, ganharam o status de documentos verdadeiros para a historiografia preocupada, sobretudo, com o encadeamento cronológico dos acontecimentos políticos nacionais. Nesta perspectiva, os textos literários, assim como outras fontes artísticas, não eram considerados documentos fidedignos para atestar a verdade histórica (FERREIRA, 2011 p.63).

¹ No século XIX, a aplicação do pensamento formulado por Auguste Comte na área de análise histórica postulava que os pesquisadores deveriam encontrar o fator que determinasse a verdadeira história: ela seria algo indiscutível e localizado através dos documentos governamentais que jamais estariam errados, com omissões, ou deturpado. Em tal forma de análise, apenas as histórias militares e políticas teriam importância ser verificadas. Após a localização dos fatos do passado, deveriam ser criadas leis gerais que explicassem todos os dados coletados, a quantidade de leis deveria ser a mínima possível, até se alcançar uma lei única e universal. Na verdade, tal posicionamento revela a necessidade de uma pesquisa científica e metódica nas ciências sociais, fruto e tentativa de aplicação do mesmo que ocorre nas demais ciências a partir do século XIX, anteriormente, as narrativas históricas se limitavam a textos que misturavam credos religiosos com possíveis realidades, impossibilitando de serem separados um do outro, ou mesmo narrativas de pessoas de destaque que tivessem presenciado os fatos ocorridos.

Mas, com o movimento da renovação da historiografia no século XX, na França, Lucien Febvre, Marc Bloch, e outros iniciaram a colocação de “uma pesquisa de *História-Problema*, com o objetivo da compreensão da complexidade e soma das experiências humanas, e passaram a enfatizar os processos sociais e econômicos” (FERREIRA, 2011 p.63). Eles pesquisaram os aspectos mentais das civilizações e isso exigiu a aproximação de áreas como Geografia, Economia, Sociologia, Psicologia. Também houve a necessidade de recorrer a novas fontes de pesquisa para entender melhor as novas temáticas que os historiadores passaram a investigar.

1.1 - A Possibilidade da Intersecção entre História e Literatura

Abrindo espaço para investigar a Literatura como da História das Mentalidades, Lucien Febvre mostrou muita sensibilidade com essa fonte afirmando que em uma pesquisa importam:

Os textos, sem dúvida: mas todos os textos. E não só os documentos de arquivos em cujo favor se cria um privilégio [...]. Mas também, um poema, um quadro, um drama: documentos para nós, testemunhos de uma história viva e humana, saturados de pensamentos e de ação em potência. (FEBVRE, s/d, p-3 apud FERREIRA, 2011 p.64).

No período da década de 1970 surgiu uma nova geração de historiadores franceses abrangendo outros aspectos: objetos, abordagens, problemas novos da disciplina. Com o eixo da análise dos *Annales*, o objeto temático do historiador passou a ser o inconsciente, o cotidiano, a literatura, a língua e outros passaram a pesquisar documentos-escritos, visuais e sonoros. O renomado historiador Eric Hobsbawn comentou sobre a história das mentalidades:

[...] encarar a mentalidade como um problema de empatia histórica ou de arqueologia, ou, se preferirem, de psicologia social, mas da descoberta da coesão lógica interna de sistemas de pensamento e comportamento que se adequam ao modo pelo qual pessoas vivem em sociedade em sua classe particular e em sua situação particular de classes, contra aquelas de cima, ou, se preferirem, de baixo (HOBSBAWN, 1998 p.200).

Com a *Nova História*, o documento passou a ser entendido como expressão de verdades sociais e alguns historiadores renovaram os métodos usando a Literatura como fonte significativa.

Podemos melhorar o nosso entendimento daquele momento da história, utilizando como fonte para pesquisas a Literatura, que é uma fonte riquíssima de significados para o conhecimento cultural e valores sociais de cada período. Cabe bem o uso do termo fonte, “source em francês mesmo que: manancial, nascente. a) água viva que sai da terra, nascente, princípio, origem; b) a causa primária de um fato, a sua verdadeira origem, autoridade competente” (AURÉLIO, 2013 p.01).

Em nosso país, “Antonio Cândido tratou muito bem desse assunto, na década de 1950. Suas pesquisas em ciências humanas e sociologia abriram portas” (FERREIRA, 2011 p.65), mas poucos se interessaram pela Literatura como fonte histórica. Apenas com a chegada da proposta de abordagem da “História Cultural, na década de 1980, que os historiadores no Brasil passaram a recorrer regularmente à Literatura” (FERREIRA, 2011 p.65).

Anteriormente compreendia-se a Literatura como ensino das primeiras letras, arte das belas letras e a arte literária. Mas, desde o século XIX, a palavra passou a ser empregada para definir uma atividade que inclui os textos poéticos e todas as expressões escritas, mesmo científicas e filosóficas. O filósofo Aristóteles considerava literatura como uma “mimese”, representação ou imitação do mundo.

No século XX, especialmente, “os defensores da arte engajada principalmente Jean-Paul Sartre, Barthes, Flaubert, Zola, Gide e vários outros” (DENIS, 2002 p.26), afirmaram que a representação literária deveria envolver uma tomada de posição crítica e ideológica do escritor diante da realidade, Bernardo Élis tomou essa posição como escritor engajado

Na segunda metade do século, com os estudos linguísticos, começou a ser usada uma nova conceituação a ser empregada para especificar a criação literária. Enfatizou-se não tanto o conteúdo das obras, mas como a literatura se realiza na “literariedade”.

Outros recursos imaginativos são controlados ou mitigados pela intenção de objetividade, que se manifesta no discurso referencial ou científico. Ele está comprometido com a veracidade da realidade exterior. “Nesse sentido, alguns classificam o texto literário como sinônimo de ficção ou fingimento, destinado a entreter ludicamente o leitor, transportando-o para os universos imaginários” (FERREIRA, 2011 p.66). Como sugere o

escritor Mário Vargas Llosa:

Condenados a uma existência que nunca está à altura de seus sonhos, os seres humanos tiveram que inventar um subterfúgio para escapar de seu confinamento dentro dos limites do possível: a ficção. Ela lhes permite viver mais e melhor, ser outros sem deixar de ser o que já são, deslocar-se no espaço e no tempo sem sair do lugar, nem de sua hora e viver as mais ousadas aventuras do corpo, da mente e das paixões, sem perder o juízo ou trair o coração (LLOSA apud ABREU, 2006, p.29-30).

Toda ficção está sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos de sonhos, utopias ou desejos explorando ou inventando formas de linguagem. O externo, “o social”, desempenha uma função na estrutura ficcional, tornando-se interno à sua origem. A vida social dos autores, a influência da organização econômica da sociedade e a política, tudo isso influencia a construção de um livro. Nesse sentido Antonio Candido afirma:

Se nos voltarmos agora para o comportamento artístico dos públicos, veremos uma terceira influência social, a dos valores, que se manifestam sob várias designações — gosto, moda, voga — e sempre exprimem as expectativas sociais, que tendem a cristalizar-se em rotina. A sociedade, com efeito, traça normas por vezes tirânicas para o amador de arte, e muito do que julgamos reação espontânea de nossa sensibilidade é, de fato, conformidade automática aos padrões. Embora esta verificação fira a nossa vaidade, o certo é que muito poucos dentre nós seriam capazes de manifestar um juízo livre de injunções diretas do meio em que vivemos (CANDIDO, 2006 p. 45).

Não podemos negar que a Literatura em seus diversos estilos, em vários lugares e diferentes épocas, sirva para a pesquisa histórica, para compreensão dos modos como foi concebida e apropriada por diferentes grupos sociais. A Literatura serve para compreendermos determinado período, mas cumprindo a norma estética em vigência. Por exemplo:

O romance: —O amante de Lady Chatterley, de D.H.Lawrence (1885-1930), pode ser uma porta de entrada ao conhecimento do crepúsculo da rígida moral vitoriana e das tensões sociais na sociedade inglesa [...] assim como o livro: —A Carnel, de Júlio Ribeiro (1845-1890), igualmente condenado para o

seu tempo, mas que possibilita ao historiador entender os valores sociais e morais dominantes no fim do Segundo Reinado brasileiro (FERREIRA, 2011 p.72).

Para entender melhor os processos históricos, o historiador precisa ser como um médico analisando os sintomas de uma doença, semelhante ao detetive, observando as pegadas ou marcas deixadas. A esse respeito, adverte Sandra Pesavento:

É preciso não tomar o mundo – ou as suas representações, no caso – na sua literalidade, como se elas fossem o reflexo ou cópia mimética do real. Ir além daquilo que é dito, ver além daquilo que é mostrado é a regra de ação desse historiador detetive, que exercitar o seu olhar para os traços secundários, para os detalhes, para os elementos que, sob um olhar menos arguto e perspicaz, passariam despercebidos. De detetive o historiador se transforma em médico, em busca dos sintomas, dos fenômenos paralelos que emitem sinais e dão a ver sentidos. Como crítico de arte, o historiador não se atém apenas ao primeiro plano ou a aparência de um conjunto que se dá a ver, segundo uma primeira impressão; busca o segundo plano, vai na procura dos detalhes que cercam a cena principal, analisa cada elemento em relação ao conjunto (PESAVENTO, 2005 p.64).

O papel do historiador que utiliza a literatura é confrontá-la com outras fontes, outros registros que lhe permitam contextualizar a obra, para assim se aproximar dos vários significados da realidade histórica. A literatura nos ajuda como uma lanterna, clareia momentos escurecidos em outras fontes.

Sandra Pesavento comentou:

Neste cruzamento que se estabelece entre a História e a Literatura, o historiador se vale do texto literário não mais como uma ilustração do contexto em estudo, como um dado a mais, para compor uma paisagem dada. O texto literário lhe vale como porta de entrada às sensibilidades de um outro tempo, justo como aquela fonte privilegiada que pode acessar elementos do passado que outros documentos não proporcionam (PESAVENTO, 2005 p.113).

Podemos usá-la como recurso para compreender acontecimentos não esclarecidos, e para entendimento das concepções políticas, científicas e filosóficas daquele momento, como eram tratados os grupos minoritários e majoritários na sociedade, os conceitos de moral em

determinado período e local. Todos esses aspectos são estudados por meio do historiador e sua sensibilidade observando um simples romance. Portanto:

As sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana no mundo. O conhecimento sensível opera como uma forma de apreensão do mundo que brota não do racional ou das elucubrações mentais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo. Às sensibilidades compete essa espécie de assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade. A rigor, a preocupação com as sensibilidades da História cultural trouxe [...] a questão do indivíduo, da subjetividade e das histórias de vida (PESAVENTO, 2005 p.56)

O referencial da História Cultural foi o utilizado para analisarmos o livro *A terra e as carabinas* de Bernardo Élis, pois objetivamos mostrar que, através da Literatura, o autor buscou denunciar os desequilíbrios e diferenças regionais. Portanto, faremos o estudo das Representações que essa obra traz, pois

Tais traços das representações: são, por sua vez, indícios que se colocam no lugar do acontecido, que se substituem a ele. São por assim dizer, representações do acontecido, e que o historiador visualiza como fontes ou documentos para sua pesquisa, porque os vê como registros de significado para as questões que levanta. Estamos, pois, diante de representações do passado que se constroem como fontes através do olhar do historiador. Mas não esqueçamos que o historiador da cultura visa, por sua vez, a reconstruir com as fontes as representações da vida elaboradas pelos homens do passado. Fonte como representação do passado, meio para o historiador chegar as representações construídas no passado. Mais que um mero jogo de palavras, este raciocínio não leva a desconsiderar a realidade sobre a qual se construíram as representações, mas sim a entender que a realidade do passado só chega ao historiador por meio de representações (PESAVENTO, 2005 p.42)

1.2 - História da Vida e das Obras de Bernardo Élis

Bernardo Élis Fleury de Campos Curado, continua sendo o único goiano a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Eleito em 23 de outubro de 1975, ocupou a cadeira Nº 1 da instituição. Foi candidato duas vezes, eleito na segunda, “disputando com o ex-presidente do

Brasil Juscelino Kubitschek de Oliveira. Sucedeu a Ivan Lins, e recebeu a nomeação em 10 de dezembro de 1975 pelo acadêmico Aurélio Buarque de Holanda Ferreira” (CARVALHO, 2009 p.150). Em seu discurso de posse, disse:

Neste momento, quando o primeiro goiano chega a esta Academia, refletindo a alegria que vai na satisfação de meus coestaduanos, eu também não consigo disfarçar minha emoção. Não consigo nem quero abafar as recordações que vêm ao meu peito, especialmente as lembranças de Goiás, a Vila Boa dos Bandeirantes, onde estudei e formei meu espírito, onde fiz as grandes amizades de minha juventude. Goiás foi, na verdade, semente e berço da cultura da dilatada pátria que é o Oeste [...] nem tudo ainda são flores, mas a vida, que se renova, lá vai construindo um mundo melhor, em meio dos sofrimentos e das alegrias de cada momento [...]. Com orgulho, sincero orgulho sertanejo, recebo a honra de poder gozar do fino e culto convívio desta sociedade. Sem a menor ilusão, serei o mais humilde de vossos companheiros [...] A vós todos, que me ouvistes, meu muito obrigado. (ÉLIS, 1987, v. V Discursos p.15-27).

Nascido em Corumbá de Goiás, em 15 de novembro de 1915, era proveniente da pequena burguesia, mas oriundo de uma das tradicionais famílias do local, descendentes do segundo Bandeirante e do primeiro Capitão-Mor de Goiás, os Fleury – Curado.

Sobre essa família Macedo declara:

Os Fleury - Curado são uma velha família da classe média urbana: ou são comerciantes, ou são funcionários públicos, dando preferência ao derradeiro. Entraram em Goiás com Bartolomeu Bueno da Silva, o segundo Anhangüera, pois descendem de Inácio Dias Pais, sargento-mor, casado com Joana de Gusmão, segunda filha do Anhangüera (MACEDO, 1968 p.67).

Filho do poeta Érico José Curado e de Marieta Fleury Curado, seu nascimento inspirou seu pai escrever o soneto Genethliaco² escrito em 1916.

Seu pai desempenhou o papel de professor e iniciador do nosso romancista no universo da ficção, “os filhos eram incentivados a ler Machado de Assis e Eça de Queiros,

²- Ao Élis: Quando nasceste, os gênios benfazejos, Dansando em ronda, em volta do teu leito, Deram-te à boca a música dos beijos, E esse entorno que tens de um deus eleito...Foram depois, em trêmulos adejos, Dando-te os dons que ostenta o teu aspeito, A luz do olhar, os hynos, e os arpejos Do teu sorriso angelical, perfeito. Deu-te o sol fulgor de tua coma...E, a aurora, o vivo colorido tyrio dos teus lábios que exalam doce aroma, E a lua scimarenta em céu tranquilo, Derramando em teu corpo o alvor de um lírio Deu-te a feição dos anjos de Murillo. Érico Curado (ALMEIDA, 1970 p.12-13).

também liam contos de jornais e revistas de São Paulo, do Rio de Janeiro, argentinas, norte-americanas” (ÉLIS, 2000 p.75).

Aos doze anos escreveu “o primeiro conto, (1926) *Assombração*, num percurso similar ao conto: *Assombramento* (1895), de Afonso Arinos” (ÉLIS, 2000 p.84), em 1928, viajou com a família para Goiás, onde fez o curso ginasial no Liceu de Goiânia em 1940, ampliando suas leituras, dos autores modernistas.

Iniciando-se na função pública, “em 1936, como escrivão da Delegacia de Polícia em Anápolis” (MACEDO, 1968 p.68), foi nomeado escrivão do cartório do *crime de Corumbá*. *Participou, desde o ano*

De 1934, dos acontecimentos literários do Brasil central, escrevendo poesias e enviando colaborações de cunho modernista para os jornais de Goiânia. Em 1939, transferiu-se para Goiânia, onde foi nomeado secretário da Prefeitura Municipal, tendo exercido as funções de prefeito por duas vezes. Em 1945, formou-se na Faculdade de Direito, sendo orador de sua turma, como advogado, militou nos foros de Goiânia, Anápolis, Inhumas e outras cidades (ÉLIS, 1987 v. I p. x-xi).

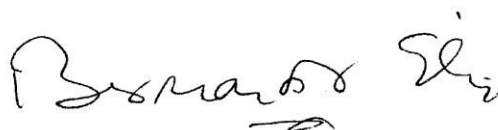
Em “1942, mudou-se para o Rio de Janeiro na tentativa de deslanchar sua carreira literária. Levava um livro de poesias e outro de contos que pretendia publicar. Sem realizar seu intento e após ter adoecido preferiu, retornar a Goiás” (MACEDO, 1968 p.68-69).

Participou da “criação da “revista Oeste” e nela publicou o conto: *Nhola dos Anjos* e a *Cheia de Corumbá*. Em 1944 casou-se com a poetisa Violeta Metran e também publicou seu livro de contos: *Ermos e Gerais* pela Bolsa de Publicações de Goiânia” (ANDRADE, 2007, p.3).

Saindo do anonimato, o advogado e escritor do interior goiano deu o pontapé inicial em uma carreira cuja representatividade extrapolaria qualquer previsão. “Não representava apenas um talento individual, mas um marco da literatura nacional, herdeiro da tradição muito própria do Brasil central, que teve Hugo de Carvalho Ramos, com “*Tropas e Boiadas*”, um de seus precursores” (ÉLIS, 1987 v. I p. vii-viii). O escritor Élis comenta sobre como suas obras foram influenciadas pelo aspecto regional e social:

A literatura me parecia mais completa, embora também me atormentasse uma

dúvida [...] Minhas primeiras produções literárias, e a partir delas muitas outras posteriores, tinham na visualidade o seu principal suporte. E reforçado pelo cinema, uma arte puramente visual ao tempo, esse traço de minhas produções se acentuou. Minha ambição era recriar uma história dinâmica, mas que fixasse com nitidez pessoas, coisas e paisagens sertanejas, inclusive retratasse o linguajar comum. Meu ideal tinha dois suportes: um era reproduzir fielmente narrativas que ouvia, com a graça, o calor, a emoção do contador vivo; dois, recriar (pintar emocionalmente) as paisagens e pessoas como eu as via ou interpretava. Assim, eu procurava visualizar sob minha sensibilidade perfeitamente cada cena, como se as cenas fossem unidades isoladas completas e, como no cinema, ia encadeando-as depois. Esse encadeamento era um processo de montagem cinematográfica, embora eu não soubesse que cinema fosse feito assim. Chegava a ponto de usar a tesoura e descolar certos blocos narrativos para o começo, o meio ou o fim, em busca de um melhor resultado de surpresa ou fluxo de consciência. Além de minha tendência à visualização das cenas, no momento, a primeira fase do modernismo foi essencialmente pictórica, como se pode constatar em poemas de Cassiano Ricardo, Murilo Araújo e Murilo Mendes, Manuel Bandeira [...], minha literatura, pictório aliado a um ritmo veloz da narrativa. Hoje entendo que as duas coisas resolviam minha dúvida: pintava com palavras cenas dinâmicas, transfigurando-as de certa forma. Esse aspecto de transfiguração artística que sempre existiu em minha literatura, dando-lhe um cunho surrealista ou expressionista, eu atribuo à influência do simbolismo, escola literária amada de meu pai, cujos cultores foram bastante lidos por mim em meus verdes anos. Por força disso, minha mimese é carregada de visões individuais que modificam o real perseguido na pintura [...] Grande parte de minha literatura é a descrição, a meu jeito, de paisagens e coisas de Goiás e do Brasil (ALMEIDA, 2003a p.51-53 apud VIEIRA, 2000 p. 135-138).



Bernardo Élis

Élis, em seu livro de contos estabelecia e inaugurava um novo momento desse estilo literário, obtendo sucesso e elogios de toda a crítica nacional, foi proclamada obra-prima pelas mais autorizadas vozes da crítica nacional. Muitos intelectuais daquele período comentaram acerca de seus livros e contos:

*Comentou o escritor **Tristão de Athayde**: A obra de Bernardo Élis é de verdade social impressionante e uma criação linguística de uma beleza e de uma originalidade absoluta singular. **Kleber Adorno**, Secretário da Cultura do Estado de Goiás em 1987 disse:[...] ele levou a notícia de Goiás aos quadrantes do mundo, como sonhou na adolescência, criando a grande saga da região do cerrado [...] Seus livros e vários de seus contos são hoje patrimônio da literatura universal, como acontece com —Nhola dos Anjos e a*

cheia de Corumbá, —*A enxada*, —*Uma certa porta*, —*Ontem, como hoje e amanhã, como depois*. Afirmou **Antonio Cândido** autor do livro *Formação da literatura brasileira: A minha impressão é que subiu a uma altura de mestre original com Veranico de janeiro, e que na literatura brasileira poucos podem gabar-se de ter encontrado uma fórmula narrativa tão eficiente* (apud ÉLIS, 1987 v. I, p. viii). Grifo nosso.

A posição de pioneiro que ocupa em determinada fase do regionalismo na literatura brasileira, muitas vezes não possui o devido reconhecimento sendo ele um dos protagonistas de uma linha de abordagem:

Da realidade brasileira que era diferente da adotada pela geração de 1930 dos autores nordestinos, como Graciliano Ramos e José Lins do Rêgo, que também explorava o tema regional. Nesse caminho trilhado por Élis, existem grandes nomes, sendo maior deles o de João Guimarães Rosa, autor de Sagarana, editada em 1946 (ANDRADE, 2007, p.3).

O escritor Francisco de Assis Barbosa comentou sobre o romance de protesto de Bernardo Élis e seu surgimento:

*Desde o aparecimento de Ermos e Gerais, em 1944, Bernardo Élis se tornou vanguardista de um novo ciclo da ficção brasileira – o do sertanismo goiano-mineiro. Cronologicamente, é ele o primeiro. Vieram depois João Guimarães Rosa (Sagarana é de 1946), Mário Palmério (com Vila dos Confins, em 1956) e José J. Veiga (Os Cavalinhos de Platiplanto, 1959). E a literatura do Oeste passou a competir em prestígio e significado nacional com a literatura do Nordeste, que se havia transformado numa literatura líder, a partir da fornada dos grandes romances de conteúdo social iniciada com A bagaceira, de José Américo de Almeida. A literatura do Nordeste ficou ligada a Revolução de 1930. A literatura do Oeste ressurgiu – já que não deve ser omitida a contribuição pioneira de Bernardo Guimarães, Afonso Arinos e Hugo de Carvalho Ramos – na fase atual da nossa evolução histórica: a fundação de Brasília. Ermos e Gerais bem que pode ser considerado o marco oeste da nossa rosa-dos-ventos literária, uma antecipação, tal como A bagaceira para o ciclo nordestino. Naquela coletânea de contos de um rapaz de Goiás, completamente desconhecido, **Monteiro Lobato** sentiu, como num espanto, o impacto da revelação de um escritor acima da bitola comum. Um escritor reconheceu ao mesmo tempo, Mário de Andrade, capaz de transmitir uma realidade mais —real que a real, o que é, afinal de contas, o segredo do ofício, envolto no mistério da própria criação literária [...] A literatura de ficção – assim chamada por ironia – é que nos revela o drama até então desconhecido do sertão —belo e terrível, com os seus vaqueiros, jagunços, soldados, sertanejos humildes, mortos nas lutas dos —coronéis [...] Agora*

chegou a vez do Oeste. A literatura enche um vazio da história. Pelo menos, os escritores do tipo de Bernardo Élis mostram que são menos alienados – vá lá a palavra da moda – do que os historiadores, a grande maioria dos historiadores omissos. Refletindo a vida brasileira, a nossa literatura tem que ser também, forçosamente, uma literatura de protesto(ÉLIS, 1987 v. II p.vii, x-xi). Grifo nosso.

Em 1945, participou do “1º Congresso de Escritores de São Paulo, quando conheceu vários escritores nacionais, entre os quais Aurélio Buarque de Holanda, Mário de Andrade e Monteiro Lobato, voltando para Goiânia, fundou a Associação Brasileira de Escritores” (ÉLIS, 1987 v. I p.x-xi), da qual foi eleito presidente.

Militante do PCB³ no qual ingressou na década de 40, o que “marcou definitivamente seu ponto de vista social, sentimental, histórico, político passando a ser defensor do materialismo histórico e dialético” (TEIXEIRA, 2010 p.31), fez da sua literatura um protesto popular e revolucionário. Confirmando sua militância disse: “Falaremos de um acontecimento que marcou definitivamente sob o ponto de vista social, sentimental, histórico, político. Tal acontecimento se deu em 1943/45 – foi meu ingresso no Partido Comunista do Brasil” (ÉLIS, 2000, p.93).

Ingressou no magistério como “professor da Escola Técnica de Goiânia e do ensino público estadual e municipal”. Em 1955, publicou o livro de poemas "Primeira chuva". Nos anos subsequentes, dedicou-se ao magistério e à vida literária, “foi cofundador, vice-diretor e professor do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade Federal de Goiás, sendo ainda professor de Literatura na Universidade Católica de Goiás” (ÉLIS, 1987 v. I p.x), e em vários cursos preparatórios ao vestibular.

Além disso, colaborou com os órgãos culturais que circulam no Brasil central, “participou de congressos de escritores realizados em São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e, em Goiânia, promoveu em (1953), o I Congresso de Literatura em Goiás” (ÉLIS, 1987 v. I p.xi).

³ - Fundado em 25/03/1922, surgiu como consequência do movimento operário, mas também pelos fracassos obtidos nas manifestações operárias, devido à desunião existente entre anarquistas e anarcosindicalistas, socialistas e outras correntes. Nasceu marcado pela influência dessas correntes, herdada principalmente dos imigrantes italianos, e no auge das repercussões geradas pela Revolução Soviética de 1917. Embora as informações demorassem a chegar por aqui, e muitas vezes chegassem já distorcidas pelas agências telegráficas, o conhecimento de tal feito era inevitável. Aliado a isso, começavam a difundirem-se no Brasil as obras de Marx, Engels e Lênin. Destacaram-se entre seus fundadores: Astrogildo Pereira, Hermogênio Silva, Manoel Cedon, Cristiano Cordeiro e José Elias (FILHO, 1997 p.53).

Entre 1970 a 1978, desempenhou as funções de Assessor Cultural junto ao Escritório de Representação do Estado de Goiás, no Rio de Janeiro, “e reassumiu o cargo de professor na Universidade Federal de Goiás. Desempenhou ainda a função de Diretor Adjunto do (MEC) Instituto Nacional do Livro” (ÉLIS, 1987 v. I p.xi), em Brasília, de 1978 a 1985. Em 1981, casou novamente com a também escritora Maria Carmelita Fleury Curado. Em 1986, foi nomeado para o Conselho Federal de Cultura, ao qual pertenceu até a extinção do órgão, em 1989.

Foi homenageado “pelo Presidente Sarney com a insígnia e o diploma da Ordem do Rio Branco, no grau de Grande Oficial” (ÉLIS, 1987 v. I p.xi). O escritor teve muito reconhecimento no fim de sua vida, sendo elogiado até fora do país por suas obras. Mas por ser uma literatura de protesto, contra um sistema que explorava os menos privilegiados, tentaram de diversas formas silenciá-lo. Em 1967, o crítico R. E. Diminick, Washington, D. C. – livros do exterior - Imprensa Universitária de Oklahoma, acentuava o dinamismo narrativo da nova obra de Bernardo Élis, elegendo-a como

uma das mais significativas e impressionantes novelas do contexto escritural do seu tempo, aproxima da escritura de Mario Palmério, em Chapadão do Bugre, é difícil acreditar como uma novela tão cheia de vida em suas descrições de cenas e acontecimentos, que se desdobra numa narrativa tão rápida, tão hábil em manter –suspensell, possa ter passado sem quase ser noticiada pelos críticos ou outro público semelhante ao tempo de sua primeira publicação em 1956(ALMEIDA, 1970 p.213).

Foi também consagrado com inúmeros Prêmios Literários:

José Lins do Rego (1965); Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro (1966), pelo livro de contos Veranico de Janeiro; Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, pelo seu livro Caminhos e descaminhos; Prêmio Sesquicentenário da Independência, pelo estudo Marechal Xavier Curado (1972), criador do Exército Nacional (ANDRADE, 2007, p.3).

Recebeu ainda “prêmio da Fundação Cultural de Brasília 1987, pelo conjunto de obras, e a medalha do Instituto de Artes e Cultura de Brasília” (CARVALHO, 2009 p.152).

Abordaremos agora brevemente em sinopse, uma obra que o aclamou como escritor regionalista, de modo que percebemos os temas e problemas predominantes em seus escritos. Retrataremos o romance: “*O tronco*”, que Monteiro Lobato havia encomendado em uma carta enviada a Bernardo Élis em 1944. Elogiando-o pouco após de ter escrito *Ermos e Gerais*, disse: “Escreva um romance tremendo sobre a coisa como é neste dantesco Goiás, onde não há o que não haja, e ofereça-o à Brasiliense. Verás como te recebe” (ÉLIS, 1987 v. I p. xix). Esse romance foi publicado em 1956 (Ed. Martins), sem Lobato ter a alegria de lê-lo, pois já havia falecido.

O livro rendeu-lhe muitas críticas e elogios dos intelectuais de sua época. Um dos que comentou, como nos afirma Nelly Alves de Almeida foi Guimarães Rosa:

—Gostei, imenso, de ler O Tronco, com a mesma viva admiração – de quem se entusiasma com coisa, coisa verdadeira, bela, palpitante, nova. E delicieime com os Caminhos e Descaminhos. Formidável aquele conto (—aqui, ali, acolá?!) dos índios da indiazinha com a veadinha. Ninguém, em país nenhum, nenhum tempo, parte alguma, escreveu coisa melhor’. (ALMEIDA, 1970, p.212).

O drama consiste na disputa pelo poder que acontece no início do século XX, entre grandes fazendeiros do sul de Goiás, que comandam o governo, e coronéis do norte do Estado. O coletor de impostos Vicente Lemos, homem de confiança do governo, é enviado para a região norte a fim de combater o domínio absoluto exercido pela família do patriarca Pedro Melo, cujo filho, Artur, é ex-deputado e ex-aliado dos coronéis sulistas. Os Melo incendiam a coletoria de Vicente, o que obriga o governo a enviar uma tropa com soldados comandada pelo astuto e carreirista juiz Carvalho, que manda invadir a fazenda. Todos são presos, menos Artur, que escapa, escondendo-se. Temendo a represália, o juiz foge da região, deixando a tropa e os cidadãos sob fogo cruzado. A guerra começa envolvendo de um lado a selvageria dos jagunços e, do outro, a violência dos soldados, que aprisionam os familiares do coronel Pedro Melo a um tronco, sob a ameaça de matá-los um a um, caso os jagunços não se rendam.

Esse livro quando foi escrito, Élis destinava atingir a camada popular. Esta nunca o leu, “quem leu foi a classe média superior brasileira, leram bastante, de todos seus livros este é o que alcançou maior divulgação, estando no ano de 2000 na 9ª edição e sendo considerado

como um dos bons romances nacionais” (ÉLIS, 2000 p.152). “O jornal Cataguases, de 5 de março de 1989, em artigo assinado por Sergio Braga, enumerou os 44 autores de maior significação dentro da Literatura Brasileira, a partir de 1964, estando Élis incluído” (ÉLIS, 2000 p.153).

Na biografia que fez sobre Élis, a escritora Cremilda de Araújo Medina, diz:

Autor (Bernardo Élis) de vários ensaios que ressaltam a cultura goiana, este não é um regionalista. Já no início de sua criação, segundo a crítica da época, ultrapassava os limites do espaço geográfico, numa obra universalista. A UNESCO já o incluiu entre os escritores de valor internacional, faz parte de antologias alemãs e norte-americanas e a Publisud está preparando uma edição francesa (ÉLIS, 2000 p.154).

O livro, *O tronco* apareceria em versão “fílmica em 1997, dirigida e adaptada pelo cineasta João Batista Andrade” (ÉLIS, 2000 p.228), que após ler o livro em 1968, admirou a fragilidade absurda do personagem central.

Pouco antes de seu falecimento o escritor observou que não havia interesse das autoridades em Goiás, em preservar seus documentos, ele comentou: “Aqui nunca houve interesse em preservar esses documentos, alguns com mais de 50 anos” (ANDRADE, 2007, p.3). Decidiu então vender a maior parte de seu acervo pessoal⁴, pois temia que um verdadeiro tesouro que havia guardado no decorrer da vida acabasse caindo no esquecimento perdendo-se, isso provavelmente aconteceria, porque sua literatura expunha o lado real da nossa sociedade, ferindo o ego de muitos conforme Élis:

Além do que, minha literatura punha a nu as mazelas da única camada social que poderia ler, a dos alfabetizados, todos eles integrantes da classe dominante dos latifundiários ou a ela ligados pelos laços da burocracia, do magistério, magistratura e cargos e funções eclesiásticas. Enfim, minha literatura metia o dedo nas chagas mais dolorosas de uma cultura regionalizada. Minha literatura tem como base a alienação humana e a ideologia que nos é imposta. E neste aspecto oferece originalidade. Não se submeti a subjetivismos metafísicos nem a influências mágico-religiosas, e procura fugir às aparências e abordar o lado real. (ÉLIS, 2000,p.100).

⁴- Vendeu para Universidade de Campinas (UNICAMP), que foi incorporado ao Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (CEDAE) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), em 1996. Todo o material está sob cuidados especiais, com respeito à temperatura, umidade e manuseio.

Após uma cirurgia infelizmente faleceu no domingo, 30 de novembro de 1997, aos 82 anos, em Goiânia, —foi desejo expresso ser sepultado na cripta de honra do Mausoléu da Academia Brasileira de Letras, no Cemitério de São João Batista, Rio de Janeiro, 1º coestaduano a eleger-se membro da Casa de Machado de Assis” (AGL, 1998 p.04).

Deixou significativa produção literária, expressão de suas preocupações de cunho social, com ampla e criteriosa visão da luta dos menos favorecidos pela sobrevivência, oprimidos sob os interesses dos poderosos, conforme escritor:

Minha literatura, então, era matéria difícil, porque focalizava problemas goianos tidos como indignos do lazer literário. Procurava sublinhar a humanidade do homem sem terra, mostrando a injustiça do latifúndio e da opressão feudal, responsáveis pelo atraso e pelos males sociais de que éramos vítimas. (ÉLIS, 2000, p.99).

Esse autor que pesquisamos com suas obras deu sua contribuição para a cultura e a história do Brasil Central, especialmente nas décadas de 1940-50. Tratou de temas muito importantes como exploração dos lavradores pelo arrendo, corrupção dos agentes do governo, grilagem de terras, marcha para o oeste, êxodo rural, as representações políticas, dentre outros. Mostrou como era o estado de Goiás para o mundo.

Das muitas transformações sociais por ele tratada, desvendaremos as questões da luta pela terra por meio da sua literatura no livro *A terra e as carabinas*, de Bernardo Élis, que aborda temas goianos e envolvem os leitores com os personagens de seus enredos.

CAPÍTULO 2

LITERATURA ENGAJADA, REGIONALISMO NO BRASIL E A REGIÃO CENTRAL

Os estudos sobre sua obra têm privilegiado sobremaneira a questão de linguagem (dialeto caipira e oralidade) e os procedimentos estéticos empregados (expressionismo, surrealismo, metáforas ousadas), além, é claro, da explícita temática de denúncia social, demonstrando que, apesar de enxergar a literatura com função política, o autor ultrapassou, através da arte, a pesada, marca do tempo que trazem as obras proselitistas (ÉLIS, 2000, p.12).

Engajar, no sentido amplo “significa colocar ou dar em penhor; engajar-se é, portanto, dar a sua pessoa ou a sua palavra em penhor, servir de causa e, por conseguinte, ligar-se por uma promessa ou juramento constrangedor” (DENIS, 2002 p.31).

Tratando-se de literatos e de literatura, percebe-se imediatamente que o que está em causa no engajamento são fundamentalmente

As relações entre o literário e o social, quer dizer, a função que a sociedade faltando palavra à literatura e o papel que esta última admite aí representar. No sentido estrito, o escritor engajado é aquele que assumiu, explicitamente, uma série de compromissos com relação à coletividade, que se ligou de alguma forma a ela por uma promessa e que joga nessa partida a sua credibilidade e sua reputação (DENIS, 2002 p.31).

Toda obra literária é em algum grau engajada, uma vez que ela propõe uma certa visão de mundo e que dá forma e sentido ao real; literatura engajada designa uma prática literária estreitamente associada à política, aos debates gerados por ela e aos combates que ela implica. Um escritor engajado, seria em resumo, um autor que faz política nos seus livros.

Os detentores do poder sempre se preocuparam com os escritores e suas obras: desde as reflexões de “Platão, na República sobre o lugar dos poetas nas cidades, até a maneira na

qual o poder real organizou a edição e a censura no século XVIII, tudo indica que a literatura não foi nunca um objeto neutro e indiferente em termos políticos” (DENIS, 2002 p.11).

Grosso modo, falar de engajamento significa voltar a se interrogar sobre o alcance intelectual, social ou político de uma obra, sem algo mais preciso, em outros termos a problemática do engajamento surge “a partir de um sentimento de falta ou de dificuldade: a literatura, tal como a modernidade a concebe, não é naturalmente “ramificação” sobre o político (ela não é a priori um discurso político) e não é certo que a separe assim do universo social” (DENIS, 2002 p.12).

O engajamento implica com efeito uma reflexão do escritor sobre as relações que trava a literatura com a política (e com a sociedade em geral) e sobre os meios específicos dos quais ela dispõe para inscrever o político na sua obra.

2.1-O Engajamento na Literatura

A noção de literatura engajada, assim como a de engajamento é, com efeito, suscetível de duas acepções que, no uso, raramente são distinguidas: a primeira tende a considerar a literatura como fenômeno historicamente situado, também:

Jean-Paul Sartre e à emergência, no imediato pós-guerra, de uma literatura passionavelmente ocupada com questões políticas e sociais e desejosa de participar da edificação do mundo novo anunciado, desde 1917, pela Revolução russa, a segunda acepção propõe do engajamento uma leitura mais ampla e flexível e acolhe sob a sua bandeira uma série de escritores, que de Voltaire e Hugo a Zola, Péguy, Malraux ou Camus, preocuparam-se os defensores de valores universais, tais como a justiça e a liberdade, e, por causa disso, correram frequentemente o risco de se oporem pela escritura aos poderes constituídos (DENIS, 2002 p.17).

Esse tipo de literatura pode ser uma corrente ou doutrina que conheceu o seu apogeu mais intenso entre 1945 e 1955. O engajamento na literatura acontece como uma possibilidade literária que se encontra sob outros nomes e com outras formas. Essa literatura apareceu antes de tudo historicamente situada. Se a sua fase de forte emergência data do fim da 2ª Guerra, o fenômeno cobre, entretanto, um período mais longo, sendo determinada pela conjunção singular de três fatores:

1°. O aparecimento, por volta de 1850, de um campo-literário autônomo [...] Este fenômeno, autonomização, que Pierre Bourdieu descreveu e analisou abundantemente, teve várias consequências: para constituir a literatura numa obra especializada do social, os escritores adotaram uma série de atitudes e de posturas destinadas a distingui-los do homem comum e a reagrupá-los no seio de uma aristocracia simbólica; eles elaboraram, igualmente, —regras do jogo— literário próprias para assegurar e fazer reconhecer a especificidade das suas atividades. 2°. A aparição, na passagem do século XIX para o XX, de um novo papel social, situado à margem da literatura e da Universidade, o do intelectual [...] o escritor que procede como intelectual permanece um escritor e é esse prestígio que ele coloca em jogo na sua intervenção, mesmo quando a sua distância da atualidade política e social exista ainda, já que o intelectual açambarca o campo da intervenção social [...] o escritor engajado deseja fazer aparecer o seu engajamento, na literatura mesmo; ou, dizendo de outra forma, deseja fazer de modo que a literatura, sem renunciar a nenhum dos seus atributos, seja parte integrante do debate sociopolítico. 3°. Fator que provoca a aparição da problemática do engajamento é a revolução de Outubro de 1917. Ela prova-se decisiva, na medida em que se trata lá de um tipo de acontecimento dominante e fundador, cujo poder de atração exerceu-se conjuntamente sobre a camada literária e intelectual do entre guerras. As causas da instalação do —tropismo— revolucionário são múltiplas [...] O efeito mais visível deste tropismo revolucionário é, nos anos de 20 e 30, uma grande politização do campo literário, que vê dividir-se não somente entre direita e esquerda, mas, sobretudo, entre escritores engajados e não engajados (DENIS, 2002 p.21-22).

O escritor se vê também forçado a reconhecer a hegemonia da instância política que encarna esse processo – o partido comunista – e de conceder-lhe um direito de vigilância sobre a vida literária. Engajado, entende participar plenamente e diretamente, através de suas obras, no processo revolucionário, e não mais simbolicamente. Ele faria literatura de propaganda, para tentar fazê-la servir à revolução, às lutas políticas e sociais em geral:

Para dizê-lo esquematicamente, permanecendo integralmente literatura, a literatura engajada não se pensa mais exatamente como um fim em si, mas como suscetível de tornar-se um meio ao serviço de uma causa que ultrapassa largamente a literatura, possibilidade que o artista modernista ou vanguardista recusará sempre (DENIS, 2002 p.25).

De modo figurado, engajar-se consiste em praticar uma ação, voluntária e efetiva, que manifesta e materializa a escolha efetuada conscientemente, como que tomando uma direção. Este tipo de escritor como que se coloca em penhor faz uma escolha e estabelece uma ação. Dessa forma Sartre definiu engajamento como “participação, por uma opção, assumindo dela os riscos da ação, com relação à vida social, política, intelectual ou religiosa do seu tempo [...]renuncia a uma posição de espectador e coloca seu pensamento ou arte a serviço de uma causa” (DENIS, 2002 p.32).

Esta escrita deve reduzir-se tanto quanto possível à espessura temporal que separa o acontecimento da assunção da sua responsabilidade pela escritura. É porque muitos dos escritores engajados fascinaram-se pela escrita jornalística e a praticaram. De todas as formas de escritura, aquela do jornal é talvez a que “se cola” o mais estreitamente ao acontecimento, aquela em que se encontra com relação a ele na maior imediatidade. Por isso,

Já que o escritor não tem nenhum meio de se evadir, nós queremos que ele abrace estreitamente a sua; época ela é sua chance única: ela é feita para ele e ele é feito para ela [...] parece-nos, com efeito, que a reportagem faz parte dos gêneros literários e que ela pode tornar-se um dos mais importantes deles. A capacidade de apreender intuitivamente e instantaneamente as significações, a habilidade em reagrupá-las para oferecer ao leitor conjuntos sintéticos imediatamente decifráveis são as qualidades as mais necessárias ao repórter; são essas que nós pedimos a todos os nossos (DENIS, 2002 p.39-40).

Na prática, a literatura engajada compreende uma grande diversidade de formas, exprimindo-se em “gêneros (romance, teatro, ensaio, panfletos) e em outros meios de comunicação (jornais, revistas, livros) muito variados para que se possa *a priori*, isolar o perfil ideal de uma obra engajada” (DENIS, 2002 p.45).

Élis passou por essas etapas e utilizou dessa linguagem, enquadrando-se claramente como escritor engajado.

2.2-A Literatura Engajada de Bernardo Élis

Um dos elementos-chave para a compreensão de parte substantiva de sua trajetória como escritor constitui sua militância no PCB. Basta lembrar que, dos mais de cinquenta anos de carreira, dedicou à construção de uma prática literária visceralmente ajustada aos dilemas

associados ao seu engajamento. Ele afirma que:

De qualquer forma, num balanço crítico do alto de seus mais de 80 anos, a visão que Bernardo Élis tinha da militância política para a sua literatura era positiva. Acrescentaríamos, então, ao de escritor goiano, um outro traço que lhe dá um contorno mais definido: comunista (ÉLIS, 2000, p.12).

Esse goiano professou a vida inteira as ideias que o fizeram membro do Partido Comunista Brasileiro, que resultou em páginas ideológicas e cujo vigor pode ser atestado pela produção distribuída entre teatro, poesias e, sobretudo, romances. Referimo-nos a *Ermos e Gerais* (1944), *A terra e as carabinas* (1951), *Primeira Chuva* (1955), *O tronco* (1956), *Caminhos e Descaminhos* (1965), *Veranico de Janeiro; contos* (1966), *Marechal Xavier Curado Criador do Exército Nacional* (1973), *Caminhos dos Gerais* (1975), *Estado de Goiás* (1976), *André Louco* (1978), *Os Enigmas de Bartolomeu Antônio Cordovil* (1980), *Apenas um Violão* (1984), *Jeca Jica – Jeca Jeca* (1986), *Chegou o Governador* (1987).

Portanto, podemos abordar no romance analisado, *A terra e as carabinas*, a relação íntima entre literatura e política nessa primeira fase de sua carreira. Evidenciamos como a militância partidária e as posições do autor no campo das lutas ideológicas interferiram de maneira decisiva na concepção e no formato e sua ficção. Os seus romances encerram uma série de referências pertinentes para se pensar a história política e cultural brasileira na primeira metade do século XX. Portanto, “o seu engajamento no Partido Comunista, aliás, de boa parte da intelectualidade da época, mostra a sintonia do escritor com as lutas que se travaram a seu tempo: contra a ditadura de Getúlio Vargas, ao lado do Cavaleiro da Esperança, Luís Carlos Prestes” (ÉLIS, 2000, p.10).

Misturando ideologia, romance e luta de classes nos anos 1940, Élis surgiu na cena intelectual num momento particularmente tumultuado da sociedade brasileira, que experimentava os primeiros efeitos das transformações desencadeadas pela Revolução de 1930⁵ e pela ascensão de Getúlio Vargas à presidência. Essa ascensão, ao desalojar setores tradicionais dos postos de comando da nação, enfrentou períodos de instabilidade e crises de

⁵ - Movimento armado de 03/10/1930, tramado por grupos dirigentes de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul e da Paraíba e encabeçado por Getúlio Vargas, resultou na deposição do então presidente da república, Washington Luís. Este movimento significou a tentativa de desestabilizar o poder regional das antigas oligarquias rurais, buscando atender as novas demandas sociais, políticas e culturais das crescentes camadas médias urbanas, geradas pela incipiente industrialização do país.

legitimidade, favorecendo a fermentação de toda sorte de organizações políticas dispostas a ocupar, contestar ou mesmo tomar o novo Estado que se consolidava.

Nesse ambiente tenso da política brasileira, foi significativo o aparecimento de organizações como a Ação Integralista Brasileira-AIB, em 1932, e mais tarde a Aliança Nacional Libertadora-ANL, em 1935. Ambas deram feição à crescente radicalização das posições ideológicas da época, especialmente aquelas associadas ao fascismo e ao comunismo. De um lado, os integralistas, encarnando as doutrinas nazifascistas de Hitler e Mussolini chegadas da Europa, e os aliancistas de outro, aglutinando diferentes grupos e organizações de esquerda, notadamente o Partido Comunista, numa oposição não apenas ao avanço da AIB, mas também à guinada autoritária que o governo Vargas começava a adotar.

Confirmando todos esses acontecimentos Élis relatou:

Para começar, o homem de maior prestígio e que maior soma de respeito reunia sobre si – Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança – era seu chefe como secretário geral. Esse mistério que cercava o Partido resultava da vigência da ditadura então imposta ao País pelo presidente Getúlio Vargas e seu duríssimo aparelho repressor. (ÉLIS, 2000, p.93).

Tendo envolvimento direto nas disputas ideológicas que grassavam pelo campo político, a geração de intelectuais que iniciaram suas carreiras nos anos 1930 se mostrou sensivelmente mobilizada em torno do desafio de compreender o que eram a sociedade e a cultura brasileiras. Ou seja, suas instituições, seu Estado, a formação de seu povo e sua composição étnica e cultural, sua identidade nacional. Data daquele momento a produção de alguns dos ensaios históricos e sociológicos clássicos do pensamento social: Casa-grande & senzala (1933), de Gilberto Freyre, Evolução política do Brasil (1933), de Caio Prado Júnior, e Raízes do Brasil (1936), de Sergio Buarque de Holanda.

Aparecendo no cenário uma literatura de aspecto realista e de vocação quase sociológica, se relata a decadência das oligarquias rurais e também o proletariado nascente, a luta de classes a miséria no campo e na cidade. Como diz Élis:

Na verdade, como todos (menos os comunistas) denunciavam àquele tempo, a base teórica do chamado Realismo Socialista nada mais era que um retorno

aos postulados do naturalismo francês do século XIX, gerando uma literatura pobre, despida de poesia, muito próxima dos maus relatórios oficiais, visando a fins de propaganda política (ÉLIS, 2000, p.96).

Muitos dos escritores das décadas de 1930-40 entrariam para os compêndios de história literária como representantes do chamado “romance social”, estando o escritor Bernardo Élis entre eles.

Nesse primeiro momento de seu engajamento, que abrange toda a sua produção da década de 1940, ele resolveu os encargos ideológicos de sua arte dando vida a uma escrita de forte inspiração política, um tipo de romance que devia retratar o universo existencial dos grupos mais baixos da hierarquia social. O estilo narrativo se aproximava bastante do modelo inflamado dos manifestos e panfletos políticos, lembrando que o romance *A terra e as carabinas* foi publicado periodicamente no jornal O Estado de Goiás, tendo explícitas intenções doutrinárias. É o que se observa nesta passagem:

Enquanto isso, as reuniões em casa de Carijó eram mais e mais frequentes. Vinham mulheres pretas, brancas, morenas, velhas e novas. Algumas eram pobres como Bila, mas havia outras bem vestidas [...] Jacinta a todas ouvia e dava explicações. Estavam desse jeito porque o governo era constituído de gente rica e que só cuidava dos interesses dos ricos. Com aquele governo, os ricos enriqueciam-se cada vez mais, e os pobres iam ficando cada vez mais pobres [...] O jeito é nós unir e lutar contra a falta de emprego, lutar contra o salário baixo, lutar contra a carestia de vida, contra a falta de escolas. Se a gente reclamar sozinha, o governo não dá ouvido, quando dá, é para espancar e prender. Se todas, porém, nos unirmos e formar um grupo, o governo tem que ceder, tem que atender ao nosso reclamo [...]. Nosso caminho é nos unir (ÉLIS, 1987, v. II, p.37-38).

Nesse romance, o mundo é rigidamente dividido em duas grandes classes antagônicas: os exploradores “ladrões”, os grileiros, grandes fazendeiros, e os explorados “miseráveis” os lavradores, sendo mais fiel ao vocabulário marxista, os burgueses e os proletários.

Grande parte de seus romances estão diante de um mundo ficcional no qual as descrições, ações, espaços e personagens parecem ganhar sentido à luz com dois objetivos específicos: de um lado, servir como evidências das desigualdades socioeconômicas e da violência que afligem a vida dos explorados; de outro, enfatizar os aspectos da realidade

social através dos quais os indivíduos são percebidos como expressões de coletividades.

Portanto:

Sabe-se que o autor, durante alguns anos, no exercício das tarefas partidárias, esteve por diversas vezes em contato com os trabalhadores rurais para ler-lhes os contos que elaborava, buscado sentir-lhes as reações, se entendiam o que escrevera, se gostavam ou não. (ÉLIS, 2000, p.11).

O autor desejava ainda mostrar que as desigualdades só acabarão quando os homens, a despeito de raça, cor, religião ou nacionalidade, tomarem consciência de sua identidade como uma única “humanidade proletária” e explorada. Em *A terra e as carabinas* fica claro o momento em que ocorre a grande descoberta da personagem Totinha: a consciência e a solidariedade de classe. Assim narra o autor:

Daí o seu companheiro passou a mostrar os camaradas: -Aquele dali é um grande escritor. Qualquer jornal daria muitos contos de réis para tê-lo em sua redação, mas ele quer trabalhar ao lado dos operários. Aquele outro ali, -era um de óculos, que discutia com Carijó, -é advogado de grande cultura. Já ganhou muito dinheiro em advocacia, mas hoje está ao lado dos pobres. Está vendo? Podíamos ser riquíssimos, mas que me vale ficar rico, se para isso tenho que escravizar você, sua mulher e seus filhos. Que mundo horrível é esse em que minha alegria é feita com as lágrimas de muitos irmãos! Esse mundo está errado. Nós lutamos para que todos se enriqueçam, para que todos sejam felizes. Aos poucos, Totinha começou a compreender a nova vida(ÉLIS, 1987, v. II, p.37-38).

Na escrita da obra analisada estava o contexto em que os membros do PCB encontravam-se na mais completa ilegalidade, passavam a sofrer as piores perseguições, prisões e torturas desde a divulgação do Plano Cohen⁶ e a implantação do Estado Novo, em 1937.

Sendo *A terra e as carabinas* o exemplo de uma obra engajada que, como poucas, marcou as fronteiras possíveis entre a literatura e a militância política, o resultado foi uma narrativa na qual a descrição do “Goiás real” nunca conseguiu se livrar por inteiro das imagens do “Goiás utópico” que os comunistas, como Élis gostariam que fosse.

⁶ - Documento forjado pelo governo e aliados de Vargas, no qual se apresentava um suposto plano dos comunistas para tomar o poder, o que desencadeou uma forte campanha anticomunista que justificaria ainda a implantação do Estado Novo, cuja constituição se inspirou amplamente nos regimes totalitários nazifascistas europeus.

2.3-Breve Histórico do Regionalismo no Brasil

Procuramos entender o conceito de regionalismo, importante para Elis. Para isso, precisamos retornar

À origem do romance romântico brasileiro e ao significado dessa forma literária, em um contexto em que se debatiam a consciência do indivíduo e o senso da história. No movimento romântico, o romance representaria uma espécie de compensação do individualismo por ter como fundamento de composição a necessidade de ligação à realidade exterior pelo princípio da verossimilhança (SANTINI, 2011, p.71).

Deve-se considerar a existência de quatro grandes temas que presidem à formação da literatura brasileira, conforme Antonio Candido: 1º Contextualização íntima com a elaboração de uma consciência nacional; 2º Conhecimento da realidade local; 3º Valorização das populações aborígenes; 4º Desejo de contribuir para o progresso do país, a incorporação aos padrões europeus:

Sob este aspecto, notamos, no processo formativo, dois blocos diferentes: um, constituído por manifestações literárias ainda não inteiramente articuladas; outro, em que se esboça e depois se afirma esta articulação. O primeiro compreende, sobretudo, os escritores de diretriz cultista, ou conceptista, presentes na Bahia, de meados do século XVII a meados do século XVIII; o segundo, os escritores neoclássicos Ou arcádicos, os publicistas liberais, os próprios românticos, porventura até o terceiro quartel do século XIX. Só então se pode considerar formada a nossa literatura, como sistema orgânico que funciona e é capaz de dar lugar a uma vida literária regular, servindo de base a obras ao mesmo tempo universais e locais (CANDIDO, 2007, p.99).

Alguns escritores foram fazendo do seu texto literário, uma ferramenta de divulgação dos valores morais e culturais do colonizador, seja posteriormente, assumindo a cor local, desejando o progresso e buscando se diferenciar da metrópole. (CANDIDO, 2006, p.197-

217). A literatura produzida no país ultrapassa suas “precípuas condições estéticas e passa a desempenhar um verdadeiro serviço à nação, na maior parte da nossa história literária, política e literatura estão umbilicalmente ligadas na nossa vertente realista” (TEIXEIRA, 2010 p.19).

Essa utilização do texto literário como principal ferramenta de interpretação do país, ainda nas palavras de Antonio Candido, decorre devido a

Duas ordens de fatores. Uns derivados da nossa civilização europeia e dos nossos contatos permanentes com a Europa, quais sejam o prestígio das humanidades clássicas e da demorada irradiação do espírito científico. Outros, propriamente locais, que prolongaram indefinidamente aquele prestígio e obstaram esta irradiação. Assinalemos entre os fatores locais (que nos interessam mais de perto), a ausência de iniciativa política implicada no estatuto colonial, o atraso ainda hoje tão sensível da instrução, a fraca divisão do trabalho intelectual. [...] Ante a impossibilidade de formar aqui pesquisadores, técnicos, filósofos, ela [a literatura produzida no Brasil] preencheu a seu modo a lacuna, criando mitos e padrões que serviram para orientar e dar forma ao pensamento (CANDIDO, 1976, p.131 - 132).

Enquanto forma norteada pela descrição da realidade, o romance romântico articular-se-ia a essa inclinação pela verossimilhança, de modo a situar sua ação em espaços sociais e geográficos diversos, o romance brasileiro nasceu regionalista e de costumes, pela descrição das formas de vida social nas cidades e nos campos.

O escritor Machado de Assis mostrou que sua narração era testemunha de uma época marcada pela afirmação e ânsia de progresso, mas que ao mesmo tempo não abria mão de práticas antigas. Também não podemos perder de vista que esse progresso sucedia de teorias europeias, não adequadas para o cenário brasileiro.

Em junção com outros produtos sociais, a literatura alista-se como uma das vertentes que contribuirão para fazer da pátria recém-nascida, uma grande nação, “manteve-se durante todo o Romantismo este senso de dever patriótico, que levava os escritores não apenas a cantar a sua terra, mas considerar as próprias obras contribuição ao progresso [...]” (CANDIDO, 2007, p.328).

Porém, o senso de localidade, já estava marcado na literatura brasileira, não apenas diferenciando do modelo estrangeiro, mas descobrindo-se como nação, é nesse sentido, a vertente literária conhecida como Regionalismo.

Para construir essa realidade, não uma imitação da europeia, surgiu o indianismo. Na verdade, deve ser entendido como uma tentativa de idealização do autêntico brasileiro. O indianismo teve vida breve, e hoje é visto como marca profunda da poesia de Gonçalves Dias

e escolha estética de algumas obras-primas de José de Alencar, sendo substituído posteriormente pelo sertanismo. Mas podemos imaginar o indianismo como primeiro esforço diferenciador da literatura brasileira em relação à europeia, atendendo ao que se esperava dela: o realce do exótico.

O público no século XIX concentrava-se principalmente nas cidades litorâneas, principalmente no Rio de Janeiro. Assumindo a postura do ex-colonizador, inventariando a nação, certifica-se de que o índio não possui os requisitos para, de fato, ser colocado ao posto de “verdadeiro brasileiro”, começaram a buscar esse homem, nem tão primitivo como o índio, nem a imitação recalcada de modelos europeus. Encontraram-no na figura do homem do interior, que passou a ser figurado no denominado “sertanismo”.

No sertanismo verifica-se o formidável esforço da literatura para superar as condições que a subordinavam aos modelos externos. Observa Sodré: —Verificaram logo que o índio não tem todas as credenciais necessárias à expressão do que é nacional. Transferem ao sertanejo, ao homem do interior, àquele que trabalha na terra, o dom de exprimir o Brasil” (SODRÉ, 2002, p. 369).

Em seu primeiro momento, numa tentativa clara de recompensar o atraso material, supervalorizando não só o elemento mais abundante, que também nos particularizava em relação à Europa, a natureza passou a ser expressão de aspectos regionais. A ideia de país novo produziu na literatura algumas atitudes fundamentais, derivadas da surpresa, do interesse pelo exótico, de certo respeito pelo grandioso e da esperança quanto às possibilidades, era a ideia de que a América constituía um lugar privilegiado, se exprimindo em projeções utópicas que atuaram na fisionomia da conquista e da colonização:

[...] Mais adiante, quando as contradições do estatuto colonial levaram as camadas dominantes à separação política em relação às metrópoles, surge a ideia complementar de que a América tinha sido predestinada a ser a pátria da liberdade, e assim consumir os destinos do homem do Ocidente [...] (CANDIDO, 2006, p.169).

Dessa “literatura sertaneja”, o autor identifica as obras de Afonso Arinos, Coelho Neto e, ainda, Monteiro Lobato. Teria encontrado desenvolvimento diverso, de modo a aniquilar o humano em favor do pitoresco e exótico, uma verdadeira alienação do homem dentro da

literatura, colocando os personagens iguais a outros objetos e animais, para deleite estético do homem da cidade, invadindo a sensibilidade do leitor mediano.

Com sua gênese no ambiente rural, como tentativa de abarcar o desconhecido, o regionalismo, no seu segundo momento, leva para o primeiro plano esse homem rústico e sua problemática de vida:

O livro —O Gaúcho, de José de Alencar, é considerado por muitos como uma das primeiras incursões literárias brasileiras no mundo do homem rural. Criando a partir do desconhecido (uma vez que não tinha contato com o material e a cultura sulista), Alencar é criticado por Franklin Távora, que prega uma aproximação com a realidade, e não uma mitificação do sertão. Contudo, se José de Alencar peca pela criação não tão verossímil, Távora erra mais: transforma o seu O Cabeleira em, praticamente, um documento histórico [...] (CANDIDO, 2007, p.619).

Albertina Vicentini (2007) demonstra quais os traços tornam uma obra, ou escritor, regionalista. O sertão emerge como coordenada específica apenas de algumas literaturas regionalistas. No Sul, por exemplo, o sertão é substituído pelos pampas.

A questão do embasamento histórico do mundo fictício representado, por si só não é suficiente para fixá-la como regionalista, toda narrativa é temporalidade, passada ou presente, com sucessão de acontecimentos que ocorrem a um indivíduo-personagem, que age num certo contexto e contracenam com outros personagens. O discurso narrativo sempre cria, inventa uma representação verossímil de mundo, também expressa uma mentalidade, um imaginário, uma visão de mundo, uma ideologia.

Existe o embasamento histórico para a criação de mundos fictícios representados, mas a literatura regionalista se distingue das demais literaturas através do caráter representativo pelo qual apresenta uma identidade grupal, seja do campo ou da cidade. O mundo representado na literatura regionalista é o mais verossímil possível, já que a falta de verossimilhança pode levar à perda de reconhecimento do mundo representado e à destituição do caráter regionalista do texto. Por isso, os próprios escritores regionalistas se percebem como pesquisadores: recolhem em seus cadernos lendas, provérbios, dicionários de termos, folclore, termos típicos, receitas de comidas, descrições de plantas e animais típicos, esses detalhes aparecem em suas obras literárias, defendendo a posição de que só o nativo ou enraizado no local é capaz de ler, entender e transmitir essa identidade regional.

2.4 - As Cores do Regionalismo

O caráter documental da literatura regionalista não é o único aspecto que a delimita como tal, depende, além disso, de um recorte temático que “aponte de que grupo se quer mostrar a identidade, ao lado de como se fala desse grupo” (VICENTINI, 2007, p. 189). Este recorte temático principal da literatura regionalista, em torno do qual são trabalhados os temas e conteúdos identitários, é, sobretudo, o mundo rural, no qual se encontra inserido o sertão, como acrescentou Vicentini: “No regionalismo, o trabalho é muito próximo ao mundo empírico, por isso, a tendência à mimese propriamente dita, o que dificulta a “reinvenção do imaginário, objetivo máximo de qualquer literatura [...]” (VICENTINI, 1998, p. 42) ”.

Tendo como referência o litoral, o sertão estaria no âmbito do exótico, no segundo momento, deve-se tomar por base certa ação política dos escritores nordestinos da década de 1930: suas obras não eram apenas uma crítica social marcadamente de esquerda, que lutava contra o atraso, ansiando por ver o homem do sertão usufruindo do dito progresso, mas também a retomada de valores culturais que antes foram considerados, (os oficiais da civilização brasileira, e que perderam lugar para os do Sul, com a mudança do centro econômico brasileiro para São Paulo, e a cana-de-açúcar, dando lugar à cultura cafeeira).

O sociólogo Gilberto Freyre, ligado ao movimento modernista de São Paulo, na década de 1920, virou líder intelectual de uma parcela significativa dessa geração e *influenciador de outras que viriam. O próprio Gilberto escreveu:*

Talvez se possa sugerir que a Semana de Arte Moderna foi um fato histórico de singular importância para as artes e as letras brasileiras, sem ter projetado – como o Movimento do Recife se projetou desde o seu início – sobre os estudos sociais. Mas essa importância acentua-se ter sido quase toda estaticamente histórica, não tendo se alongado em trans-histórica. Neste ponto, o Regionalismo tradicionalista e a seu modo modernista parece vir se revelando dinamicamente sobrevivente à época do seu aparecimento. Sobrevivente e recorrente. Trans-histórico, acentua-se. Sua importância ainda hoje se faz sentir [...] (FREIRE, 1976, p. 47-48).

Esse movimento regionalista do Recife não estava apenas empenhado em propor uma estética, mas assumir a nossa formação e valores culturais, fugindo de experiências artísticas estrangeiras não ligadas organicamente a essa formação e assumindo contornos próprios. A influência que Gilberto Freyre exerceu em seus contemporâneos, de fato, foi considerável.

José Lins do Rego admite, no prefácio do livro *Região e Tradição*, do próprio Gilberto Freyre, essa atuação poderosa:

Conheci Gilberto Freyre em 1923. Foi numa tarde de Recife, do nosso querido Recife, que nos encontramos, e de lá para cá a minha vida foi outra, foram outras as minhas preocupações, outros os meus planos, as minhas leituras, os meus entusiasmos. Pode parecer um romance, mas foi tudo da realidade. [...] Começou uma vida a agir sobre outra com tamanha intensidade, com tal força de compreensão, que eu me vi sem saber dissolvido, sem personalidade, tudo pensando por ele, tudo resolvendo, tudo construindo como ele fazia. Caí na imitação, no quase pastiche. Isto não só no seu jeito de escrever como em tudo o mais: nos seus gostos, nas suas relações, nos seus modos de vida [...] (FREIRE, 1968, p. 18).

Queriam escritores que se colocassem como “representantes do seu povo, da sua história, do seu tempo, aproximando-se dessa conquista de forma gradual. A partir do surgimento desses escritores, começa, então, o que Antonio Candido” (2006), chama de segundo momento do regionalismo, sublimado e transfigurado pelo realismo social. Alguns trabalhos atingem o nível de obras significativas. Para Candido, há a tomada de consciência, o que faz o escritor não se contentar mais com imagens exóticas como representativas para a sua terra e afirma:

Mas desde o decênio de 1930 tinha havido mudança de orientação, sobretudo na ficção regionalista, que pode ser tomada como termômetro, dadas a sua generalidade e persistência. Ela abandona, então, a amenidade e curiosidade, pressentindo ou percebendo o que havia de mascaramento no encanto pitoresco, ou no cavalheirismo ornamental, com que antes se abordava o homem rústico. Não é falso dizer que, sob este aspecto, o romance adquiriu uma força desmistificadora que precede a tomada de consciência dos economistas e políticos [...] Temos na ficção de 1930 um homem que está socialmente determinado, referencialmente representado, mas não simplesmente um produto do meio [...] o que temos, de forma geral, é uma postura consciente frente ao subdesenvolvimento [...] (CANDIDO, 2006, p.169,171).

2.5 - O Sertanejo na Literatura

O regionalismo se desenvolveu a partir de resultantes sócio históricas, que vinham se desdobrando desde a metade do século XIX. A Proclamação da República não representou uma mudança significativa na ordem econômica e social das regiões, o poder central continuou a ser excludente e, no âmbito estadual, houve a consolidação das oligarquias devido à política dos governadores, perdurando a descentralização. Muitos artistas, marginalizados pela intelectualidade nacional, viram-se para os assuntos da sua terra, tomando-a como fonte de criação artística.

Em meio a toda essa tendência, emergiu o escritor Bernardo Élis, que denunciou, por meio de seus livros, os acontecimentos do Brasil Central, o senso de pertencimento a um lugar específico:

Essa ausência de Goiás do panorama cultural nacional mexia com meus brios e me fazia prometer a mim mesmo que resgataria, um dia, o nome da minha terra, fazendo-a integrar-se na comunidade literária nacional [...] Frisamos a expressão —naqueles tempos!, por que seu primeiro livro, Ermos e Gerais (contos), publicado em 1944, traz explícitas as preocupações sociais que domina autor, bem de acordo com o clima de agitação que vivíamos desde a década anterior. Preocupações que o levariam a ingressar no Partido Comunista (PCB) antes ainda da publicação de seus contos(ÉLIS, 2000, p. 10 e 78).

Entendemos que a literatura retratou o “homem sertanejo”, em três momentos específicos:

- 1º O homem sertanejo era visto como um ser exótico;
- 2º Temos a tomada de consciência, definindo sobremaneira a luta desse homem, esquecido pelo poder público, em um meio hostil, áspero;
- 3º As perspectivas de uma literatura documental se desfazem completamente. O fatural perde espaço para o experimentalismo linguístico, o episódico deixa de estar isolado e passa a ser reflexão para entendimento de um todo. Neste último momento regionalista, a linguagem passa por uma invenção revolucionária, que conseguiu universalizar mensagens e formas de pensar do sertanejo.

O auge desse momento seria realizado pelo escritor mineiro João Guimarães Rosa, com o livro “Grande sertão: veredas”, de 1956. Precisamente sobre esse livro, mas de determinada maneira sobre toda a obra de Rosa, diz Antonio Candido:

Numa literatura de imaginação vasqueira, onde a maioria costeia o documento bruto, é deslumbrante essa navegação no mar alto, esse jorro de imaginação criadora na linguagem, na composição do enredo, na psicologia. [...] Para o artista, o mundo e o homem são abismos de virtualidades, e ele será tanto mais original quanto mais fundo baixar na pesquisa, trazendo como resultado um mundo e um homem diferentes, compostos de elementos que deformou a partir dos modelos reais, consciente e inconscientemente propostos [...](CANDIDO, 2000a, p. 121-122).

Os romances sociais e regionais continuavam a ser publicados, mas entrava na pauta do dia questões que não se limitavam a um tom de denúncia, para se ter uma ideia da perda de prestígio do romance social e das novas perspectivas da literatura brasileira.

O panorama histórico-cultural de Goiás na década de 1930, marcado, obviamente, pelas mudanças no plano nacional, que incitaram o fim de um isolamento secular do estado. Élis precisa ser entendido como participante de uma tradição literária, tanto no nível estadual como nacional, sem nos esquecermos do goiano Hugo de Carvalho Ramos, que conseguiu romper as fronteiras do estado com seu único livro, “*Tropas e boiadas*”, de 1917. Os historiadores Palacin e Moraes comentaram:

A revolução de 1930 não trouxe, de imediato, mudanças na ordem social do estado. Goiás continuou consideravelmente afastado do poder nacional, porém, no que tange ao estilo de governo, as transformações foram muito relevantes: O governo passou a propor, como objetivo primeiro de sua gestão, a solução dos problemas do estado em todas as ordens, dando especial ênfase ao problema do desenvolvimento [...]. Estabilizado o governo da revolução e durante os dez anos que se seguiram (1932-1942), o grande empreendimento que catalisou e sintetizou esse afã de construir algo novo e desenvolver o estado foi a construção de Goiânia [...]. A partir de 1940, Goiás cresce rapidamente: a construção de Goiânia, o desbravamento do Mato Grosso Goiano, a campanha nacional de marcha para o Oeste, que culmina na década de 1950 com a construção de Brasília, imprimem um ritmo acelerado ao progresso de Goiás. A população se multiplica; as vias de comunicação realizam a integração do estado com o resto do país e dentro do próprio estado; assiste-se a uma impressionante explosão urbana, com o desenvolvimento concomitante de todo tipo de serviços (a educação especialmente); contudo, Goiás continua sendo um estado de economia primária, com uma exploração extensiva de baixa produtividade [...] (PALACÍN; MORAES, 1994 p.106, 112).

Queremos compreender que, geograficamente, o sertão englobaria os

estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, parte de Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, mas a categoria remete a outros sentidos que extrapolam o sentido espacial: político, econômico, social, histórico, antropológico e do imaginário. Utilizado, geralmente, para ilustrar o atraso das regiões cortadas pelo sertão, a partir do início do século XX é que passa a assumir uma dimensão positiva(ARAÚJO, 2009 p.21).

Pela incorporação da fronteira como expansão econômica capitalista, tudo aconteceu sistematicamente, sendo relatado pelos escritores regionais:

[...] define-se de fato como corrente sistemática a partir do final do século XIX, com o mineiro Afonso Arinos, entrando século XX adentro com o gaúcho Simões Lopes Neto, os paulistas Valdomiro Silveira e Monteiro Lobato e o goiano Hugo de Carvalho Ramos no início do século até os anos 20; com o grupo nordestino de Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado pelos anos 30; com o mineiro Guimarães Rosa e os goianos Bernardo Élis e Eli Brás pelos anos 50; com, no caso da literatura goiana, José Godói Garcia, Carmo Bernardes e Bariani Ortencio pelos anos 70 [...] (VICENTINI, 2007, p. 188).

Por revelar as disputas de poder entre grupos, a ideia de região não está livre de preconceitos e estigmatiza a abordagem geográfica através da qual a região é definida como um espaço físico:

[...] a boa literatura regionalista é uma subversão da ordem hegemônica central da cultura, é uma voz da periferia para o centro, e adquire uma função conativo-apelativa de chamar a atenção da sociedade para valores e resoluções literárias autodeterminadas, ou para a denúncia social do desequilíbrio e das diferenças culturais e regionais (caso muito comum) ou até de renovar temas desgastados[...] (VICENTINI, 1998, p. 50).

A partir desta perspectiva, tentaremos a compreensão do que o escritor Bernardo Elis desejava transmitir, quais foram as decepções, as angústias, as realizações e os desejos de seus personagens e como foi retratada a vida daquele povo esquecido. Com diferenças regionais, em uma rápida síntese os escritores regionalistas buscaram denunciar as desigualdades e os preconceitos da época. Visto que, em suas obras, os protagonistas estão inseridos no sertão

contexto, observaremos naquele momento histórico período do Estado Novo, analisaremos tudo isso, através dos personagens e narrativas do livro.

Os escritos de Bernardo Élis estão intimamente relacionados com a literatura popular, sendo “causos” típicos do sertão brasileiro. Podem perfeitamente ser considerados regionalistas, encaixando-se na definição de Alfredo Bosi sobre a cultura popular brasileira:

Cultura popular implica modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem-mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, a divisão de tarefas durante a jornada e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras tabus, os eufemismos, o modo de olhar, o modo de sentar, o modo de andar, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, as festas de padroeiro, o modo de criar galinha e porco, os modos de plantar feijão, milho e mandioca, o conhecimento do tempo, o modo de rir e de chorar, de agredir e de consolar[...] (BOSI, 1992 p. 324).

Recorreremos a essas fontes com um olhar perspicaz diferenciado, sobre como vivia aquela população isolada do Brasil, e como as mudanças históricas afetaram a vida dos seus habitantes. O Realismo Socialista, que também chegou a Goiás por meio de Élis, juntamente com a verossimilhança, apresenta traços originais. O autor procura retratar, em sua obra, a sociedade local e os conflitos injustos tão comuns no ambiente sertanejo.

CAPÍTULO 3

AS REPRESENTAÇÕES EM —A TERRA E AS CARABINAS‖ E SUAS SENSIBILIDADES

Eles lutavam por um mundo em que todos possuíssem de tudo que necessitassem, por um mundo em que todos pudessem trabalhar, comer bem, viver bem, educar os filhos tratar da saúde e não precisar de viver eternamente receosos de passar fome e privações. Eles queriam um mundo em que um homem não precisasse explorar o outro – fala do protagonista: Totinha refletindo sobre o sistema socialista. (ÉLIS, 1987 v. II, p.59). Grifo nosso.

Nesta obra literária, *A terra e as carabinas*, o autor opta por narrar e não somente descrever; participar e não apenas observar. Esse romance elaborado em aspecto de novela, com suas cenas muito bem definidas, possui dezesseis capítulos. Foi publicado nos folhetins de “O Estado de Goiás” e “Goiânia” entre 1951-1953 (ALMEIDA, 1970, p.224). Depois, reeditado em Obra Reunida de Élis em 1987 – Coleção Alma de Goiás e novamente em 2005 pela editora R&F patrocinadora ACBEPC.⁷

O contexto histórico e social da obra remete às décadas de 1940-1950, em que o cenário político-social brasileiro passava por muitas transformações, principalmente no Brasil Central, onde prevalecia o poder dos coronéis, a região era abandonada pelo governo prevalecente e isolada dos grandes centros urbanos. A respeito da elaboração dessa obra o autor relata:

Obras como A terra e as carabinas e alguns contos que não se incluem nas minhas obras reunidas são uma demonstração dessa fase de minha produção, a que se deve agregar um estudo da interpretação literária intitulado Ermos e Gerais, um passo atrás na Literatura Goiana, onde se buscava demonstrar que esse meu primeiro livro era um retrocesso [...] Era o domínio do Realismo Socialista que eu quis praticar em Goiás, embora contando com poucas indicações teóricas. (ÉLIS, 2000, p.95-96).

⁷ - Associação Cultural Bernardo Élis dos Povos do Cerrado, antiga casa de Bernardo Élis, transformada em museu em homenagem ao escritor, localizada no Jardim América, rua: C-237 nº189, está responsável por cuidar, manter e disponibilizar ao público o que restou em Goiás de seu acervo pessoal, bem como troféus e prêmios que conquistou ao longo de sua vida literária.

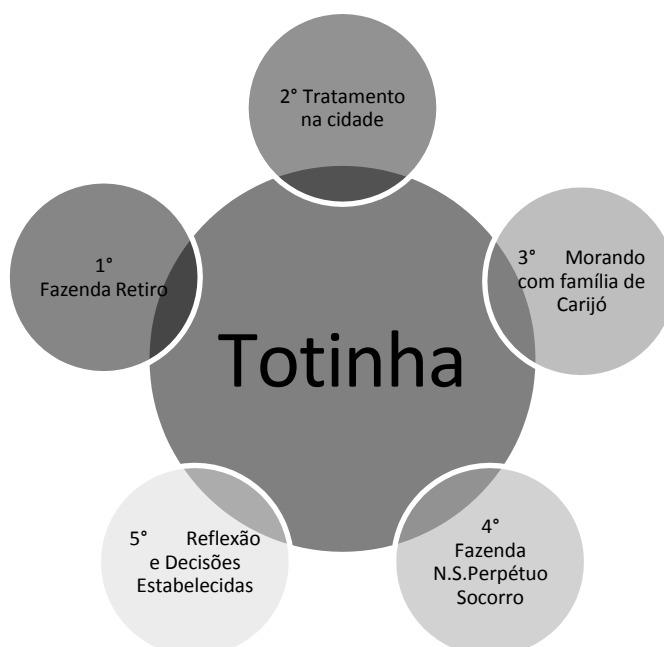
Os personagens estão inseridos em um local longe da civilização, dos acontecimentos do mundo cosmopolita, no ermo onde estão retraídos, sozinhos, configurando um povo sofrido e esquecido. O autor suscitou como ponto principal as relações sociais de produção no campo, no estado de Goiás, tendo como protagonista em sua obra: Totinha, camponês, explorado por aquele que detinha o poder, o coronel Jeromoão.

José Sobrinho, companheiro partidário fez o seguinte comentário sobre essa obra de Élis:

O que era garantia de terra era carabina. Teve até uma vez o Bernardo Élis, falando naquele tempo sobre a proposta de pôr nome aqui na [...] decarabina 'terra de carabina', a [...] talvez seja a melhor obra sobre Trombas que saiu publicada. Ele ficou com medo, mas ficou escrito 'Terra de Carabina', então a terra ali era mais ou menos como um adubo [...] acarabina era um adubo pra a terra em minha terra. (SOBRINHO, 1990).

As transformações do personagem central podem ser vistas no esquema abaixo:

Situações do Protagonista, Reflexões e Decisões Realizadas



3.1 - Primeiro Momento: A Fazenda Retiro

O personagem principal desse enredo chama-se Totinha. Ele é negro, analfabeto, lavrador, casado com Bila e mesmo tendo filhos, morava no paiol com a família na Fazenda Retiro de Jeromoão. Chamavam-no de camarada, andava descalço no curral, e esse regime de camaradagem representava a produção nas terras de um proprietário em troca de uma parcela da produção total. Nessa relação de trabalho, o camarada, fica impedido de sair do trabalho e abandonar a fazenda, pois já devia dinheiro ao patrão, que trata de endividar o camarada lentamente, passando a utilizar o trabalhador sem que tenha que pagar pelo seu trabalho. Acabava tornando-se um escravo devido à dívida que não conseguia pagar:

Devido a essa labuta, no Retiro quase não parava camaradas, empreiteiro, arrendatário ou trabalhador em geral. Permanecia ali um Damas, um Cassimiro, um Pertença e um Totinha por que não podia mesmo sair. Totinha, por exemplo, devia a Jeromoão duzentos mil réis. Não conseguia pagar nunca essa quantia que agora já subia a quase trezentos com os juros e adiantamentos. Fazia dois anos que estava ali sem ver um níquel sequer, só trabalhando para pagar os gastos, e cada vez a conta subindo. Bem que tentou fugir, certa vez. Mas Jeromoão deu parte à polícia, dois soldados o trouxeram de volta para o Retiro, como um negro fujão (ÉLIS, 1987 v. II, p.5).

Essa prática foi comum em Goiás e no Brasil, nos lugares onde os trabalhadores prestavam serviços no campo. O censo agrícola do IBGE de 1940 demonstra o grau de dependência da população em relação aos grandes donos de terra:

[...] 66,95% da população ativa ocupada na agricultura, pecuária e silvicultura pertencente às categorias dos empregados e parceiros (não proprietários); somando-se os pequenos proprietários (até 50 ha), cuja situação em muitos lugares é de todo precário, aquela percentagem sobe a 90,12%. [...] não será difícil, diante de dados tão impressionantes e referentes à população ativa, avaliar a situação de dependência da gente que trabalha no campo, já que, em termos de generalização, pouca diferença existe entre a miséria do proletário rural e a do parceiro e do pequeno proprietário. Não há, pois, que estranhar os votos de cabresto (FIGUEIREDO, 2004 p.195).

Na fazenda Retiro também morava Damas, outro explorado e humilhado, tanto fisicamente como mentalmente, sujeitando-se a isso devido ao vício do álcool. Este inseriu ainda sua esposa e seus cinco filhos nesta escravidão. O fazendeiro aproveitava a situação da família, explorando a todos da família. Outro personagem que residia nesta fazenda era

Casimiro. Ele apoiava as tramóias do “coronel”, tendo sempre ares de superioridade, mas era na verdade um ignorante, explorado sua própria família. Não deixando os filhos estudar, colocava todos em total retrocesso. Pertencendo, outro morador, vivia sendo explorado na fazenda Retiro, sempre resmungava quando acordava de madrugada.

Um personagem que passa pela conscientização, como Totinha, e reflete junto com o protagonista sobre aquela situação é sua esposa Bila. Quando ela morava na fazenda, “não tomava banho, cabelos cheios de piolhos, os filhos viviam em situação miserável, reclamava que aquela situação era “mais pio que o inferno”. Totinha a enganava dizendo: “Aminhã, Aminhã!, sempre a ludibriava”(ÉLIS, 1987 v. II, p.8). Todas essas condições eram evidentes e reais nas décadas de 40-50, principalmente nos municípios interioranos. Conforme relato de Figueiredo:

*Se ainda não temos numerosas classes médias nas cidades do interior, muito menos no campo, onde os proprietários ou posseiros de ínfimas glebas, os —colonos ou parceiros e mesmo pequenos sítiantes estão pouco acima do trabalhador assalariado, pois eles próprios frequentemente trabalham sob salário. Ali o binômio ainda é geralmente representado pelo senhor da terra e seus dependentes. **Completamente analfabeto**, ou quase, **sem assistência médica**, não lendo jornais, nem revistas, nas quais se limita, a ver as figuras, o trabalhador rural, a não ser em casos esporádicos, **tem o patrão na conta de benfeitor**(FIGUEIREDO, 2004 p.194). Grifo nosso.*

Agora chegamos ao dono da Fazenda Retiro: “Jeromão, era forte, disposto, usava chapéu na cabeça, roupa grossa de algodão, precata de couro cru, facão a cinta, tendo sete filhos, acordava de madrugada e forçava todos a trabalhar” (ÉLIS, 1987 v. II, p.4-5). Isso ocorria no curral e no engenho, explorando todos desde os filhos e principalmente os arrendatários, podendo com certeza ser considerado um “coronel”. Confirmando:

A expressão —coronel‖ permanecia no linguajar popular, mesmo extinta a Guarda Nacional e seu cargo de coronel, e mesmo após as reformas de 1930. Como diz Basílio de Magalhães, —o sistema ficou arraigado de tal modo na mentalidade sertaneja, que até hoje recebem popularmente o tratamento de —coronéis‖ os que têm em mãos o bastão de comando da política edilícia ou os chefes de partidos de maior influência na comuna‖; e ainda complementa, mencionando outro significado da palavra coronel: Homens ricos, ostentando vaidosamente os seus bens de fortuna, gastando os rendimentos em diversões lícitas ou ilícitas — foram tais —coronéis‖ os que deram ensejo ao significado especial que tão elevado posto militar assumiu, designando

demopsicologicamente —o indivíduo que paga as despesas (FIGUEIREDO, 2004 p.193).

3.1.1 - A Moagem

Menciona o romance apenas alguns nomes dos filhos de Jeromoão: “Bento cuidava do engenho na parte da fabricação do melado, para produção da rapadura, Rute grandalhona, fala grossa, organizava os bois para moer a cana-de-açúcar no engenho”(ÉLIS, 1987 v. II, p.7-9). Os bois usados no engenho possuíam nomes: “Chitado e Cheiroso, eram mal tratados e recebiam ferroadas para trabalharem mais rápido”(ÉLIS, 1987 v. II, p.10).

Nesse momento, o autor esclarece como estava a condição econômica do Estado de Goiás nas primeiras décadas do século XX, confirmando os historiadores:

As três primeiras décadas do século XX não modificaram substancialmente a situação a que Goiás regredira em consequência da decadência da mineração no fim do século XVIII. Continuava sendo um estado isolado, pouco povoado, quase integralmente rural, com uma economia de subsistência(PALACÍN; AUGUSTA, 1994 p.89). Grifo nosso

A economia assentava-se, basicamente, na pecuária – qualitativamente inferior – com métodos bastante primitivos. A agricultura se desenvolveu apenas até o nível de subsistência, não apresentando participação na receita do estado(CAVALCANTE, 1999, p.82). Grifo nosso.

Totinha estava “cansado devido ao excesso de trabalho (no engenho e curral), os bois aceleraram e ele não conseguiu acompanhar seu ritmo sua mão é triturada até os punhos no engenho” (ÉLIS, 1987 v. II, p.11).

Os lavradores eram muito explorados conforme sua fala: “Trabalhamos desde que a estrela desaparece do céu, até que ele surja de novo no céu. E não temos comida, não temos casa, não temos saúde, nem aprendemos a ler! ” (ÉLIS, 1987 v. II, p.57). A historiadora Janaina Amado, em suas pesquisas, mostrou que essa era a condição de muitos lavradores:

Se o lavrador não tem a terra, minha amiga, pode esperar: ele vai viver a vida inteira [...] naquela pobreza, a vida inteira [...] sofrendo. Quem não tem terra,

é como quem não tem mãe: fica jogado no mundo. Nós não conseguia livrar dos patrão, dos fazendeiro, da miséria [...] (AMADO, s/d, p. 14,22-23).

Esse 1º Momento finaliza com a viagem de Totinha para buscar tratamento de saúde na cidade.

3.2 - Segundo Momento: Tratamento na Cidade

No segundo momento, o protagonista passa a conhecer o mundo civilizado e entram em cena outros personagens. Na casa de saúde onde busca tratamento para o braço mutilado, conhece Doutor Macioso ou Agostinho dos Anjos, advogado há quinze anos na profissão (embora não assumisse em público), casado, com sete filhos, religião católico e espírita, possuía casas de aluguel, uma fazenda e um moderno automóvel, ficava à espreita em locais públicos procurando seus possíveis clientes, ou melhor, vítimas, para tirar delas vantagens, pois como um homem como ele estaria em um local público. Élis assim relata:

Como a sala de espera da Casa de Saúde estivesse cheia demais, Totinha ficou ali na porta, de pé. Era o seu segundo dia de tratamento [...] o dia anterior amputara a mão direita, vinha para curativo. Debalde ele metia os olhos pela sala na vã esperança de encontrar um lugar vazio. Mulheres gordas, homens magros, crianças tristes, todos tesos [...] O lavrador cuidou que fosse o médico entregou-lhe um cartão, o camarada limpinho tomou do envelope, abriu, leu. [...] O Sr. espere que o doutor não tarda em chamar [...] esboçou o mais encantador dos sorrisos e, maciamente, passou a interrogar o roceiro. Então ficou sabendo minuciosamente, como se dera o desastre (ÉLIS, 1987 v. II, p.14-15).

Consegue a confiança do lavrador com conversa macia, enganosa, fazendo com que o protagonista sem malícia acredite em tudo que lhe é dito. Sendo um advogado perito na arte de enganar as pessoas, convence-o facilmente a contar toda sua vida. Sempre que o Dr. Macioso quando quer ludibriar, mentir para alguém, tira um cigarro e coloca na boca de suas vítimas (este ato ocorre no decorrer de toda narrativa, cinco vezes: p.16, 24, 27, 78, 109).

Quando o escritor fez este livro, a população estava bombardeada, pela indústria do tabaco por meio de propaganda impressa e visual, os grandes filmes de Hollywood nas décadas de 1930-1950, promoviam as campanhas publicitárias onde associavam o cigarro à imagem de sucesso, prazer, aventura e afirmação social, colocando como algo glamoroso, veja:

*As campanhas publicitárias durante a Segunda Guerra e, mesmo no período da Guerra-Fria, eram influenciadas por teorias da comunicação social que disputam a legitimidade de modelos comunicativos. Nos lábios glamourosos dos atores de Hollywood, como objeto de sedutoras campanhas publicitárias que o associaram a imagem de sucesso, prazer, aventura e afirmação social. Aliada a esta indústria do tabaco estava a indústria cinematográfica que **mostrava o quanto era glamoroso fumar**. Para isto valia o trocadilho: —Ao sucesso com Hollywood! O ato de fumar era sinal de status, ritual de iniciação de vida adulta e prova de independência. O absurdo era não fumar. É inequívoca a dimensão desses meios de comunicação e o poder de persuasão dos filmes, mobilizadores a ponto de criar um repertório comum na sociedade. Nas telas da televisão e do cinema, **o cigarro sempre esteve associado a uma determinada característica de suas personagens, que, na maioria das vezes, remetia ao sucesso**(RUAS, 2012 p.16-17). Grifo nosso.*

A situação dos personagens que fumam é tão difícil, que aquele cigarro funcionava como uma válvula de escape, para anestesiar a vida miserável, etentavam fugir da sua dura realidade. Interessante, conforme nos afirma Dr. Jack Henningfield, do Instituto Nacional do Abuso de Drogas dos Estados Unidos é que das pessoas que “recorrem a um vício de substâncias tais como drogas, álcool, e até mesmo alimentos, muitos tentam abafar seus problemas pessoais, em vez de resolvê-los”, (HENNINGFIELD, 1994, p.3-4).

Então, Dr. Macioso, homem muito hipócrita, enganava Totinha com seus falsos raciocíniosde que realizava esses serviços por amor ao próximo. Com argumentação diabólica, o convence a autorizar uma procuração sob seus cuidados para mover ação contra Jeromão e receber indenização pelo braço triturado no engenho, o combinado foi dividir o total entre os dois em partes iguais, o lavrador pediu para mover ação após tratamento do braço.

Após conversa procurou seus parentes na cidade, os quais vivem em total sofrimento, moram em um rancho feito de barro e tábuas, coberto com telhas e capim, morando seis pessoas em dois cômodos. Manezinho, parente de Totinha, trabalhava como servente de pedreiro, casado com Veva, queera lavadeira de roupa em córrego, serviço que começava

muito cedo. Sua filha mais velha cuidava de seus irmãos em casa, e algumas destas crianças trabalhavam vendendo jornais e engraxando calçados. Essa era a situação:

Quando lhes contou que ficaria por alguns dias, não gostaram, pois passavam necessidade e viviam uma vida desumana, mas após comentar a indenização que receberia, dez contos de reis, deixam ficar, por interesse em tirar algum proveito dele, sonhavam na construção de uma casa digna para terem uma vida melhor, Veva era descrente com respeito a receber essa indenização, pois estava acostumada a ser passada para trás e não possuir direito algum, mas com muita insistência deles concorda(ÉLIS, 1987 v. II, p.19-20).

3.2.1 - O Malévolo Capital

Visto que Dr. Macioso intimou a Jeromão, este cortou imediatamente os gastos com Totinha e na Casa de Saúde o médico recusa fazer seu tratamento. O que se visa no sistema capitalista é o dinheiro, que descriminaliza cruelmente as pessoas, o que fica claro em sua declaração:

Você tem dinheiro para custear a continuação do tratamento? Totinha: Quer dizer que o dinheiro assim limpo, doutor, eu não tenho. Mas o doutor Macioso, isto é, o doutor Agostinho vai cobrar de Jeromão dez contos de réis pelo desastre e [...] O médico interrompeu: Não serve não. Não serve. Eu trabalho é para ganhar dinheiro [...] Virou as costas, a enfermeira chamou o novo cliente (ÉLIS, 1987 v. II, p.22).

Observamos neste momento como é malévolo o sistema capitalista, onde as pessoas são tratadas como mercadorias, o mais importante é o ter e não o ser, as pessoas são valorizadas por sua condição social e não por seu caráter. O escritor faz uma dura crítica ao sistema capitalista, no qual, conforme o economista Dowbor: “O modo de produção capitalista caracteriza-se justamente pela profunda injustiça na repartição dos sacrifícios de criação do capital, e dos benefícios da sua aplicação” (DOWBOR, 1985 p.90).

Outra surpresa teve o protagonista quando retornou a casa do seu parente: Damas trouxera sua esposa Bila e os filhos. Foram expulsos por Jeromão. Veva ficara horrorizada, toleraria até o outro dia. Então Damas e Totinha procuram o Dr. Macioso para ajudá-los com algum dinheiro. Novamente ele os engana, escrevendo algo em um papel, colocando no envelope e entregando a Totinha. Encaminhava-o para a *Santa Casa de Misericórdia*:

Para caridade existe aí uma tal de Santa Casa, que mata todo mundo disse o médico[...]Apresentou o tal cartão ao destinatário e recebe outro cartão, no qual dizia que deveria voltar ali daquela data a cinco dias. Totinha reclamou, disse que o braço estava apodrecendo, que já não aguentava a catinga, que precisava de um curativo urgente, mas só viu gente bem vestida e bem alimentada balançando a cabeça negativamente. —Não havia vagas. —Não havia médicos. —Não havia remédios. O governo não paga a verba destinada ao hospital [...] responderam (ÉLIS, 1987, v. II, p.22,26).

A situação aproxima-se do modo como, conforme FIGUEIREDO, as Santas Casas de Misericórdia funcionavam. Ali os excluídos recorriam para tratamento de saúde, mas eram maltratados nesses estabelecimentos, chegavam em péssimo estado de saúde. Isso ocorreu no início do século XX década de 1950 e continua no século XXI, foi relatado:

Com exceção de um reduzidíssimo número de técnicos o restante era constituído de carvoeiros, alimentadores de fornalhas, fazendo serviços quase suicidas pelas bronquites, pneumonias, reumatismos, que iam contraindo [...]quando chegavam eram para formar filas nas clínicas gratuitas da Santa Casa de Misericórdia, como indigentes. Todos, ou quase todos, analfabetos, supersticiosos, tímidos, humilhados por palavrões e insultos depreciativos. Ignorância total(FIGUEIREDO, 2004 p.355-356 - grifos nosso).

O texto acima reafirma a situação dos pobres nas cidades, onde viviam quase como escravos, totalmente explorados. Muitos passavam fome. A família de Manezinho estava nessa situação, também não conseguiam tratamento na Santa Casa, e não eram tratados com dignidade.

Por não conseguir ajuda financeira do Dr. Macioso, o protagonista fez acordo com Damas para vender sua égua (o meio de transporte utilizado por eles). Combina de pagá-lo assim que recebesse indenização. Vendem e dividem o dinheiro. Totinha comprou latas velhas, panelas de barro, sacos de cimento vazios e paus, para fazer um puxado na casa de Manezinho para abrigar a família.

Após procurar emprego por muito tempo, conseguiu alguns remédios de um funcionário da Santa Casa para vender, e quando não vendia procurava emprego. Não

conseguia devido à burocracia, e a sua atual condição de deficiente. Toda a família passava fome, viviam em condições sub-humanas.

Sempre procurava Dr. Macioso, que o enganava com sua conversa macia, o ludibriava, e nunca ajudava:

Como rotineiramente colocava um cigarro em sua boca, falando muitas mentiras, por fim o incentivava a pedir esmolas, Totinha ficou chateado no momento, mas com tanta argumentação do Dr. Macioso, faria, mas no último caso (ÉLIS, 1987 v. II, p.27-28).

3.2.2 - Discurso Empolgante

Estava próximo das eleições e havia vários comícios na cidade. Ouviu um que não lhe agradou: queriam forçar as pessoas a voltarem para as fazendas devido a tantas pessoas que vinham das fazendas para cidade. Totinha ficava indignado, pois não sabiam como a condição no campo era precária. Com outro escutou um discurso diferente:

Os lavradores deixavam a roça por que ali eles não tinham dinheiro nenhum, não tinham remédio, ganhavam jornal muito pequeno e assim mesmo pequeno não recebiam, pois os patrões lhes vendiam as coisas por preços de hora da morte. Se reclamassem, os patrões mandavam bater e mandavam matar. Se o governo quisesse ver o pessoal na roça trabalhando, que desse terra ao lavrador, emprestasse dinheiro a ele e não deixasse os comerciantes safados comprar o arroz e outros gêneros, na safra, por preços miseráveis (ÉLIS, 1987 v. II, p.32).

O povo alegre aplaudia! Ficava feliz, pois pensavam: “Até que fim alguém entendia os sofrimentos dos pobres”. Mas quando o comício se dissolvia, o orador sumia. Um sujeito, de passagem, ainda avisou: - “É capaz de vir a polícia” (ÉLIS, 1987 v. II, p.32). Essa situação acontecia de modo semelhante em Goiás, pois as associações de camponeses organizadas por membros do Partido Comunista Brasileiro foram reprimidas pela ação policial. Por exemplo, assim descreve o jornal O Anápolis:

Na noite de quinta-feira, cerca das 20 horas, quando se realizava uma grande reunião na Praça de Santana, reunião essa promovida pela União dos Camponeses de Goiás, houve intervenção da polícia, sendo a mesma dissolvida. (O ANÁPOLIS, 22/02/1953, p.1).

Cansada de esperar a tão sonhada indenização, vendo seus filhos passarem fome, por ter que dividir o pouco que tinha com outros, vivendo em extrema miséria, Veva toma a seguinte decisão radical:

Expulsa Bila e filhos de sua casa, Totinha chegando vendo aquela situação briga com Veva, Manezinho entra no meio e todos vão parar na delegacia, após sair da prisão o vendeiro o procura para receber o que lhe vendera fiado, não tendo dinheiro, o vendeiro o denuncia na polícia que ele vendia remédios da Santa Casa, foi preso novamente, mas após investigação constatou que esses remédios vinham de pessoas influentes na sociedade, o diretor da Santa Casa, e parentes do juiz e delegado(ÉLIS, 1987 v. II, p.33).

O escritor deixa claro que com pessoas influentes, nada acontecia quando roubavam dos cofres públicos, mas, quando o mesmo delito acontecia com as pessoas carentes em nossa sociedade, eram tratados com extrema severidade. Criticando a impunidade e possibilitando uma nova perspectiva de vida ao protagonista, o autor diz:

Foi liberto, mas ameaçado para parar com essa vadiagem, senão seria deportado da cidade e enviado para uma fazenda, saindo da cadeia e andando pela cidade, observa outra vez o comício daquele orador com ideias diferentes, o local estava muito cheio, mas consegue falar com ele, conta toda sua situação a ele, e pede ajuda, o orador pede a um rapaz que colhe assinaturas a leva-los a casa de Carijó, para tentar arrumar um lugar para o lavrador e família e algum trabalho (ÉLIS, 1987 v. II, p.33).

3.3 - Morando com Família de Carijó

Entram na trama outros personagens importantes. Um deles é Carijó, homem alegre, forte, enérgico, trabalhava em um jornal, cuidava da limpeza do prédio. Fazia compras, e às vezes vendia jornais. Casado, tendo um filho, defendia os menos favorecidos, querendo ajudá-los. Tratava todos com igualdade. Neste momento, o escritor mostra uma alternativa para os

problemas não só de Goiás, mas do Brasil. As concepções do Partido Comunista Brasileiro são descritas desta forma:

Trabalhamos para melhorar nossa própria vida, isto é, para acabar com o arrendo que mata os lavradores, para acabar com a miséria em que vive o trabalhador. Podíamos ser riquíssimos, mas que me vale ficar rico, se para isso tenho que escravizar você, sua mulher seus filhos. Que mundo horrível é esse em que minha alegria é feita com as lágrimas de muitos irmãos! Esse mundo está errado. Nós lutamos para que todos se enriqueçam, para que todos sejam felizes. Aos poucos, Totinha começou a compreender a nova vida. Carijó estava ao lado de todos, animando-os, conversando com eles, resolvendo em conjunto as questões que surgiam. Nas horas vagas, reuniam-se e punham-se a ler livros que falavam como seria o mundo ideado por eles (ÉLIS, 1987 v. II, p.42,44).

Nesta ocasião ninguém tentava o explorar, maltratar, tirar vantagens deles, ao ponto de desconfiarem e mencionarem: “Muita esmola, santo desconfia... Num é, Bila? Ela respondia: Nesse mato tem coêio, resmungava ela” (ÉLIS, 1987 v. II, p.36).

O outro personagem que se destaca é Jacinta esposa de Carijó, mulher enérgica, corajosa, leala seus princípios e lutando por eles. Procurava ajudar quem precisa, não queria que seu filho fosse escravo de ninguém, como não queria que ninguém fosse escravo dele. Fazia protestos com outras mulheres, “realizava longas caminhadas, distribuindo boletins, folhetos, jornais e livros, fazia reuniões, o autor denuncia o que ocorria se reclamassem sozinhos, eram espancados e presos precisavam se unir, para reivindicar seus direitos” (ÉLIS, 1987 v. II, p.38-40- 66).

Convivendo com essa família, conseguem resgatar, devido à condição miserável em que estavam vivendo: o que haviam perdido: a dignidade, o amor próprio e passaram então a

Tomar banho, lavar as mãos, cortar o cabelo e penteá-los, calçar sapatos ou chinelos, andar limpos, (devolveram a eles a dignidade que lhes fora roubada), trabalhando no jornal, ninguém o policiava como na fazenda, fazia o que estava ao seu alcance, então começa a fazer uma reflexão sobre sua vida, e que aprendera desde cedo, que a finalidade da vida era ganhar dinheiro e passar a perna nas pessoas, notou que no jornal todos desempenhavam seu trabalho com zelo, alegria quando almoçavam até o alimento era dividido para todos com igualdade, trabalhavam a favor da liberdade e dignidade de ser operário, lavrador, livre e senhor dos seus atos (ÉLIS, 1987 v. II, p.36-37,44,46).

Eles voltaram a ter reconhecimento social, a ser uma pessoa, relatou AMADO:

Apesar desta diferença, os valores que sustentam a noção de ‘pessoa’ na sociedade brasileira e no grupo camponês são os mesmos. Para ambos, ser uma pessoa significa ser tratada com respeito, cordialidade e consideração, relacionar-se bem com os outros, ter familiares, amigos, vizinhos presentes nas ocasiões importantes da vida, ser reconhecido por suas características próprias. Em suma, ser identificado, entre muitos, como único (AMADO, s/d, p. 36).

3.3.1 - Os Meios de Comunicação

Queremos lembrar que os meios de comunicação mais utilizados entre as décadas de 40-50 eram os jornais, revistas e acabara de chegar o rádio. As publicações possuíam uma ampla circulação, mas severamente fiscalizados pelo governo. Conforme relato:

Lembrado sempre, nos depoimentos dos homens de imprensa, como o momento em que os jornais tiveram sua liberdade inteiramente cerceada pela ação da censura e do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP⁸), não se pode considerar de forma unânime que toda a grande imprensa sofreu negativamente com a ação política do período ditatorial de Vargas. Ainda que tenha havido encampação de alguns periódicos, perseguição de outros tantos, houve mais proximidades, acordos e relações conjuntas entre os homens de governo e os homens de imprensa do que divergências. Em 1938, estão oficialmente registrados no então Distrito Federal, (RJ) 23 jornais, entre vespertinos e matutinos. Os principais diários são editados em média em cadernos de 24 páginas, podendo atingir aos domingos até 60 páginas. As tiragens dos matutinos mais populares situam-se em torno de 40 mil exemplares, já vespertinos como O Jornal podem atingir 120 mil exemplares (BARBOSA, 2006 p. 3-4).

Para entendermos melhor o que envolvia publicar artigos, jornais, revistas e livros naquele período, Nelson Werneck Sodré narra um episódio da cidade de São Paulo no período que convencionalmente se denominou “Estado Novo” que deixa claro como atuavam esses órgãos:

⁸ - Foi criado em 27/12/1939, no auge da ditadura estado-novista, sendo principal organismo estatal de censura e propaganda, ele exerceu seu papel com mão de ferro, ficando subordinado diretamente à presidência da República.

No negro período de 1937-1945, foi grande o número de jornais, revistas e panfletos fechados por determinação do executivo e grande também o número de jornalistas presos por delitos de imprensa [...] A ditadura criou órgão específico, o Departamento de Imprensa e Propaganda, chefiado por Lourival Fontes, segundo o modelo nazista; o famigerado DIP controlava a imprensa e o rádio e baixava listas de assuntos proibidos. Nos Estados, foram instalados os Departamentos Estaduais de Imprensa, DEI, que faziam o mesmo serviço: —Nos dias mais agudos da ditadura, esse controle de imprensa destacava censores em cada jornal e nenhum original descia às oficinas sem o —vistor do fiscal do governo(SODRÉ, 1966, p. 439-442).

Os vários órgãos fiscalizadores criados pelo governo nacional eram levados para cada Estado com finalidade de controlar em âmbito nacional, agindo localmente, a propagação de qualquer conteúdo informativo, tanto por meio de jornais, revistas, quanto através da radiodifusão. Esses órgãos definiam da seguinte forma em Goiás:

DIP eram os DEIPs (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda) que no caso de Goiás era representado por Gerson de Castro Costa e quem exercia a função de divulgar a política expansionista estabelecida pelo Estado nacional, em Goiás. O controle se dava por intermédio da fiscalização do conteúdo publicado e divulgado pelos meios de comunicação. Através do DEIP se elaboravam também programas de rádio, colunas de jornais e revistas que diziam respeito ao ícone do Estado nacional⁹ (COSTA, 1944, p. 868).

Havia também os representantes do DIP em Goiás que eram os redatores daquele órgão e controlavam as informações veiculadas pelos meios de comunicação no Estado. Faziam isso descrevendo os acontecimentos do dia a dia e enviando-os através de relatórios diários:

A central do DIP no Rio de Janeiro possuía Cinco redatores, dr. Waldir Castro Quinta, Eli Brasiliense, José Godoy Garcia, José Luiz Bittencourt. Nessa ocasião [...] às vezes nós não tínhamos assunto, mas éramos obrigados

⁹-Fazendo uma leitura de jornais e revistas da época, podemos perceber o quanto isso era constante. Citamos como exemplo, a Revista Oeste, os jornais O Popular e O Anápolis. Os acontecimentos que envolviam Vargas eram semanalmente divulgados. Até mesmo as festividades referentes ao seu aniversário eram anualmente divulgadas.

a escrever qualquer coisa porque o DIP lá do Rio mandava que se escrevesse qualquer coisa para mandar para lá para compensar nosso trabalho. Então o José Luiz Bittencourt inventou que um galo tinha engolido um diamante e mandou esta notícia para o Rio. Todos os jornais do Brasil a publicaram com destaque. O galo nunca existiu nem também a vaca que deu 35 litros de leite por dia. Também foi publicada. Na falta de assunto nós fazíamos isto(NETO, 1977, p. 183).

Podemos imaginar esse contexto, onde a censura perdurava, a fiscalização era constante também a Élis, por estar fortemente ligado ao PCB. Percebemos sua necessidade de denunciar, através de seus folhetins, em forma de romance, publicados no jornal Estado de Goiás, os acontecimentos com os lavradores explorados no norte de Goiás. Reafirma o autor que “a militância nas fileiras do PCB deu-lhe bem mais que as balizas do hoje execrado Realismo Socialista. Deu-lhe, por exemplo, a possibilidade de melhor conhecer as pessoas simples - personagens de sua literatura, a sua linguagem, de aguçar o senso de justiça” (ÉLIS, 2000, p.11).

3.3.2 - Corrupção no Judiciário

Então neste momento o autor relata por meio de Totinha que os roceiros desconfiavam da “justiça, pois Juízes, Promotores, até as pessoas que faziam as leis eram da confiança dos ricos, e estavam pagos para defender os ricos e oprimir os pobres. Por isso, eles não obteriam justiça” (ÉLIS, 1987 v. II, p.44). O interessante que o historiador José de Souza Martins, analisando os conflitos no Brasil pela posse da terra fez o seguinte comentário sobre Goiás, particularmente sobre a região norte do estado:

*Em Trombas, se os **grileiros**, e entre eles também **autoridades, inclusive membros do judiciário, atuavam no terreno da ilegalidade**, também os posseiros estavam privados de instrumentos legais de propriedade. Portanto, sua luta não se desdobrava no interior das instituições, da lei e da ordem. Eles pleiteavam, implicitamente, uma ampliação da concepção de direito à terra, de modo que seus direitos fossem reconhecidos* (MARTINS, 1999, p. 65). Grifo nosso.

Percebemos que os “roceiros eram perseguidos pelos fazendeiros, onde tomavam a safra inteirinha para pagamento de uma dívida de mentira, deixando o trabalhador na miséria, outro colocava seus bois de carro dentro do seu canavial” (ÉLIS, 1987 v. II, p.44). Migraram muitas famílias para o Norte de Goiás, com o passar do tempo, houve uma disputa pelas terras que foram ocupadas por lavradores, devido à valorização, provocada pela construção da BR-14, conhecida como Belém – Brasília. Queriam tomar a terra deles de forma ilícita.

Sobre a região no norte de Goiás, hoje os municípios de Trombas e Formoso, naquele momento dois povoados do município de Amaro Leite, o historiador Maia explica como chegaram os lavradores aquela região:

A formação das posses teve início nos marcos da política de expansão da fronteira, implementada no período varguista, (conhecida como Marcha para o Oeste). No ano de 1941, foi fundada a Colônia Agrícola Nacional de Goiás – CANG, localizada Médio-Norte do Estado de Goiás. A colônia tornou-se um ponto de atração não só para camponeses, como também para diversos indivíduos interessados em investir no potencial da região. As propagandas do governo indicavam a oportunidade de se conseguir um lote de trinta hectares, com acesso a empréstimos, facilidades no uso de máquinas e ainda assistência técnica, médica e educacional. (MAIA, 2008, p.11 apud DAYRELL, 1974, p. 90). Esta propaganda, realizada através do rádio, atraiu para região toda sorte de camponeses, esperando conseguir um sonhado pedaço de terra, livre da intermediação dos latifundiários e com todas as condições de produção. Ao chegarem à região, os camponeses se defrontaram com uma realidade completamente diferenciada, na qual as oportunidades de acesso à terra eram bastante restritas. Neste momento, alguns foram orientados a se dirigirem para o Norte do Estado, onde havia a possibilidade da posse de terras devolutas. No movimento do deslocamento, encontraram uma grande quantidade de —terras livres, que já contavam com a ocupação de alguns posseiros. A chegada deste novo grupo provocou uma movimentação populacional e uma valorização das terras (MAIA, 2008, p.11).

Essa situação piorava para os lavradores, pois do lado dos fazendeiros, estava o poder público, como o judiciário e a polícia, e um aparato de advogados peritos na grilagem de terras. Totinha continua:

O jornal noticiou que o doutor Agostinho dos Anjos, vulgo Macioso, estava perseguindo pequenos proprietários de sítios vizinhos da fazenda N. S. Perpétuo Socorro, afim de obrigá-los a deixar as terras que ocupavam. Por esta forma pretendia o Macioso ficar com as terras dos sitiantes. Posta à venda (o jornal), a polícia passou a prender a edição, ameaçando prender

quem tentasse distribuir o jornal. Imediatamente vários homens se apresentaram à redação oferecendo-se para distribuir o jornal. Sabiam que seriam presos, mas o que importava era denunciar o crime, mostrar a injustiça, defender o direito dos pequenos sitiantes (ÉLIS, 1987 v. II, p.44,45).

3.3.3-O Verdadeiro Doutor Macioso

Agora neste episódio o escritor e advogado Élis, conhecedor das leis, mostra a verdadeira face do Dr. Macioso. “Grileiro”, embora não menciona o termo grilagem dentro do livro, fica evidente na forma em que a personagem expulsa os pequenos proprietários, querendo aumentar sua propriedade. Em duas apresentações de futuro lançamento do livro *A terra e as carabinas*, que não ocorreu, houve os comentários:

*Também a luta heroica dos posseiros, acuados pela **ganância dos grileiros** que a rápida valorização das terras do planalto de repente sobressalta e aguça, impondo ao autor o tema e ambiente em que sua imaginação parece comprazer-se, resulta nesse meio tempo em tumultuosa novela que em título: *A Terra e as Carabinas*, se esboça e começa a circular, em capítulos soltos, num semanário político da província (ÉLIS, 1965 p.1). O público teve-o em capítulos, no rodapé do jornal —O Estado de Goiás, logo, refundido, será lançado pela Editora Olympio.*

*Seu conteúdo é vazado na luta heróica dos posseiros antigos, que a **ganância dos grileiros** pôs em recuo desoladamente, abandonavam o que lhes pertencia em fuga forçada e dolorosa. E a marca do suor e do sacrifício, através dos quais conseguiram o que lhes pertencia por direito, vai colorindo de amargura o roteiro dessa outra obra que traz, também, como as outras, a marca do sucesso(ALMEIDA, 1970 p. 46-47). Grifo nosso.*

Élis não conseguiu publicar sua obra em forma de livro naquele momento, apenas em 1987, em obra reunida. Mal sabia ele que o “grileiro”, que explorou aquela região do norte de Goiás, seria considerado o maior grileiro da história do Brasil recente. Poucos sabem quem foi o personagem goiano responsável por uma das maiores redes de grilagem de terras devolutas no Brasil. Ele nasceu em Ipameri, foi registrado como João Inácio. Descreve SAMPAIO:

Paralelamente à função de serventuário desse cartório, passou a exercer outra atividade muito mais lucrativa: a de grileiro. De início grilou terras em Porangatu e depois aumentou seu raio de ação, atuando em todo o país. Com o húngaro naturalizado brasileiro Arpad Szuecs, o americano Stanley Amos Seling e Sebastião Peixoto da Silveira, compôs uma sociedade para grilagem de terras, especialmente no norte de Goiás. Prosperou rápido o negócio e passou a contar com a colaboração de profissionais: agrimensores, para alterar limite de terras, o engenheiro Getúlio de Siqueira, que fabricava mapas, e advogados, para orientação nas falcatruas. Depois de griladas, eram as terras divididas em lotes de 500 a 200 acres, que eram então vendidos até nos Estados Unidos. (22.345 hectares ou 8.938 hectares). —De grileiro provinciano, João Inácio deu um enorme salto, passando a ocupar as páginas dos jornais, mesmo de outros países (Jornal Folha de São Paulo, 28/01/1968) (SAMPAIO, 2003 p.58-59).

Esse acontecimento foi tão grave que se instaurou uma CPI¹⁰, para apurar o que estava ocorrendo:

A atuação sempre crescente do grupo acabou por repercutir na Câmara dos Deputados, onde se instaurou uma Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI, para apurar as denúncias. Com o andamento das investigações, constatou-se que a venda de terras brasileiras para estrangeiros correspondia a um quinto do território nacional, com aproximadamente de 160 bilhões de metros quadrados. Descobriu-se também que —O pico da Neblina – quase foi negociado e chegou a ser objeto de apropriação pelo grileiro João Inácio [...] Constatou-se também que os maiores proprietários estrangeiros de terras no Brasil são: Lancashire inc com 978 mil hectares; Daniel Jerris com 427 mil hectares; James Pryan 232 mil hectares; Pert Cornelius com 205 mil hectares e Toishiro Miamoto com aproximadamente 139 mil hectares [...] Na verdade, em todas essas negociações figuravam os nomes de Inácio, Stanley Amos Selling e de Arpad Suecs (Jornal Folha de São Paulo, 28/01/1968) (SAMPAIO, 2003 p.59-62).

A grilagem, conforme, essas fontes tornou-se um problema internacional. Os grandes trustes e cartéis procuram outras fontes de recursos nos países subdesenvolvidos para explorarem cada vez mais, isso ocorreu e continua acontecendo em todo o mundo, principalmente no continente africano.

3.3.4 - Manipulação da Mídia

O protagonista cita um jornal que estava denunciando a perseguição dos posseiros. Isso realmente ocorreu em Goiás nas décadas de 1940-50. Havia uma disputa através dos meios de

¹⁰ - República Federativa do Brasil – Diário do Congresso Nacional. Seção I. CPI criada pela resolução N° 31, de 1967.

comunicação em transmitir informações, lembremos que os meios de comunicação disponíveis para a maioria da população nos centros urbanos foram os jornais e o rádio, falando desses jornais que circulavam e o contexto abordado, o historiador Costa diz:

O que podemos notar nas abordagens dos jornais: O Popular e Folha de Goiás (jornais patrocinados pelo governo local), que estavam totalmente em oposição ao movimento dos posseiros chamando a tais com termos pejorativos e preconceituosos como: comunistas, bandoleiros, criminosos, os vermelhos, assassinos, perigosos, tentavam de todas as formas desmerecerem tal movimento e queriam induzir a população a ter os mesmos pensamentos que os seus, não estavam transmitindo o que acontecia, o que queriam que acontecesse e induziam as pessoas a pensarem assim.

O outro Jornal de Notícias publicado por Alfredo Nasser apoiava os posseiros, mas podemos notar que o seu apoio não era simplesmente bondoso, mas também por interesses políticos, pois estava em oposição àquele governo daquele momento (COSTA, 2005 p.44).

Os partidos em Goiás, nos anos 1950, eram uma espécie de extensão das familiocracias tradicionais, opondo-se em dois polos divergentes e às vezes até mesmo representando a antiga rivalidade nascida no “coronelismo entre Caiados e Ludovicos. Enquanto isso, no senado, a disputa para se candidatar pela representação goiana dentro da UDN estava entre o então governador Coimbra Bueno e Alfredo Nasser, sendo senador” (SOUZA, 2010 p.119).

Existia a verossimilhança dos relatos, literários e jornalísticos:

*O conflito pela terra em Trombas e Formoso, apesar de ter sido agravado pela presença das rodovias na região, se iniciou um pouco antes [...], **quando advogados, agentes públicos e fazendeiros** vinculados à pecuária moveram ações para produção de títulos que lhes garantissem terras devolutas na região. Com a constituição dos títulos, começou o processo de **expulsão dos posseiros com a utilização de jagunços e agentes da polícia local** (MAIA, 2008, p.12). Grifo nosso*

Os membros do PCB retratados pelo autor como o casal Carijó e Jacinta eram atuantes faziam palestras, distribuíam boletins, folhetos e jornais, tomando providências para atenuar os sofrimentos dos lavradores. Sacrificavam tempo, riqueza, posição social, para obter uma vida melhor. Diante disso o protagonista faz a seguinte reflexão:

Totinha passou a refletir sobre como essas pessoas agiam, fez uma análise de sua vida, sentiu-se covarde, pois estava com medo de vender o jornal e ser preso, passou a achar que nenhuma grandeza havia em ser homem rico, dono de fazendas de palácios. Difícil era abandonar tais coisas e lutar pelo bem-estar dos outros. Ah, Luiz Carlos Prestes!(ÉLIS, 1987 v. II, p.44-46)l.

Muitos dos que ingressaram no PCB, naquele momento, se sacrificaram pelo que consideravam uma causa maior. Como relata Prestes:

No processo de aproximação ao PCB, Luís Carlos Prestes rompeu de público com seus antigos companheiros, os —tenentesl, posicionando-se abertamente a favor do programa da —revolução agrária e anti-imperialistal defendido pelos comunistas brasileiros. Seu Manifesto de Maio de 1930 é um documento de indiscutível importância, uma vez que consagra o início de uma fase da vida do Cavaleiro da Esperança. A partir daquele momento, Prestes deixa definitivamente para trás os antigos compromissos com o liberalismo tenentista e enveredava pela via da luta pelos ideais comunistas que passaria a nortear, dali por diante toda sua vida. Prestes tomava o partido dos oprimidos, abandonando as hostes das elites comprometidas com os donos do poder (PRESTES, 2006 p.65-66).

Devemos lembrar que, no momento da escrita desta obra. (1951-53), tivemos o governo de dois presidentes da República: General Eurico Gaspar Dutra(1946-1951), e Getúlio Dornelles Vargas(1951-1954). A respeito do governo do presidente Dutra, Lopez comenta:“O governo de Dutra, que sucedeu a Getúlio Vargas, foi a continuação da máquina política e administrativa varguista, apenas que sem o comando do líder máximo e sem as tendências nacionalistas (LOPEZ, 1987 p.99).

Luiz Carlos Prestes se encontrava naquele período em clandestinidade que durou dez anos, pois os parlamentares comunistas tiveram seus mandatos cassados pelo Congresso Nacional, devido à repressão adotada pelo governo de Eurico Gaspar Dutra. Notamos que

Com a intensificação da histeria anticomunista, provocada em grande parte pelo clima de —guerra fria l no cenário internacional, e com as medidas de repressão adotadas pelo governo Dutra contra os comunistas e as forças democráticas atuantes no país, em maio de 1947, o PCB era posto na ilegalidade pelo Tribunal Superior Eleitoral. Em janeiro de 1948, os

parlamentares comunistas tinham seus mandatos cassados pelo Congresso Nacional, apesar da mobilização popular promovida pelo Partido contra tais medidas, com a realização de atos públicos, protestos, abaixo-assinados etc. Prestes era forçado a ingressar na clandestinidade, que, para ele, significaram mais de 10 anos de isolamento quase total (PRESTES,2006 p.55-56)

3.3.5– Colheita:Alegria e Tristeza

O protagonista depois de refletir sob sua vida, e que rumo tomar, “viajou com Carijó para uma fazenda, a fim de ajudar os lavradores dando esclarecimento e treinamento, sobre seus direitos, estava próximo à colheita de arroz” (ÉLIS, 1987 v. II, p.46). Também, em outro relato, mostra como realizavam o processo de produção e armazenamento do arroz:

Aos poucos, o arrozal começou a abater-se ao brilho das foices e dos facões. Outros homens pegavam os molhos de arroz e vinham batê-los no girau, colhendo os grãos num pano, de onde as mulheres enchiam os sacos, costuram-nos e chamavam algum homem para empilhar(ÉLIS, 1987 v. II, p.98-99).

A cultura do arroz e a pecuária começaram a ganhar força entre o período de 1920 a 1930, se tornaram as principais atividades econômicas, “principalmente nos estados de Mato Grosso e Goiás. A produção crescia rápido, pois as terras eram muito férteis e chegou a ocupar uma escala de aproximadamente 6% da produção nacional” (CARNEIRO, 1988, p. 74).

Esse relato de Élis confirma a grande produção de arroz que ocorreu na região central do nosso país nas décadas de 40-50:

Foi a —Marcha para o Oeste, criação do Estado Novo, responsável por intensificar o fluxo migratório para Goiás e criação da Colônia Agrícola Nacional nesse estado em 1941. Essas medidas vieram se juntar a política de colonização proposta pelo governo goiano, desde 1935, e a construção de Goiânia. Então, entre 1940-1950 a população rural goiana cresceu 73,3% e a urbana 26,7% e expandiu-se a população agrícola e a produção de arroz quadruplicou de 61.361 toneladas (1940) para 256.069 toneladas (1950) (SOUZA, 2010 p.85).

Após Amadorealizar várias entrevistas com lavradores que participaram dessas colheitas de arroz na década de 1950, no Norte de Goiás, conseguiu os seguintes comentários:

Era uma fartura de dar gosto. Aqui nesta Trombas era uma fileira enorme de caminhão comprando arroz, dia e noite, tu não via o fim, caminhão carregando, caminhão descarregando, o maior movimento. Os comerciantes gostavam de fazer negócio com nós, eles sabiam que nós pagávamos ali na bucha, direitinho, cumpria os prazos tudo. [...] Se não cumpria, a Associação dava em cima pra valer, tinha que cumprir. [...] Os comerciante dizia assim: _Não, eu prefiro de vir aqui, comerciar c'ocês, que eu sei que ocês aqui tudo é gente direita (Ananias Ribeiro apud AMADO, s/d, p. 26, grifos da autora).

Um dos principais assuntos dessa literatura engajada é a exploração dos lavradores por meio da cobrança do Arrendo devido a essa situação viviam em extrema pobreza. Conforme conversa entre os lavradores:

-Não vê que a vida de quem paga arrendo tinha que ser aquela desgraça! – De vera, concordou o Cearense, que contou que para fugir ao arrendo, deixou sua terra e veio para S. Paulo, onde o arrendo continuou a chupar-lhe o sangue. Goiás, como lá diziam, era a terra onde todo mundo virava fazendeiro. Bastava cercar um pedaço de chão, e pronto! No entanto, fazia muitos anos que Chico estava em Goiás e continuava chupado pela desgraça do arrendo [...] Esse tal de arrendo é uma porqueira. É como lá diz o outro: quem paga arrendo sustenta duas famílias. A família dele e pro riba a do patrão! Por trás dos homens, as mulheres resmungavam. Achavam um desaforo tirar comida dos menininhos para dar ao danado do coronel que vivia num faturão medonho [...] (ÉLIS, 1987 v. II, p.48, 50).

Essa era a situação da maioria dos lavradores em Goiás, de modo que o PCB passou a se organizar por meio de congressos para exigir o direito dos lavradores a não pagarem um arrendo tão exorbitante:

Ocorreu o primeiro congresso camponês do estado, em março de 1951, com reivindicações voltadas contra o preço exorbitante do arrendo, que chegava a 50% e até 70% em alguns lugares, a falta de crédito e maquinário agrícola e ainda, a exploração feita pela indústria na compra de produtos das mãos de camponeses e trabalhadores rurais. Todavia esse congresso ainda não cogitava discutir a luta pela posse da terra, ao invés da imediata baixa do arrendo já garantida na constituição estadual. No segundo congresso camponês do estado (1952), predominantemente influenciado pelo PCB que tinha como principal bandeira a luta pela baixa do arrendo, a necessidade de

conquista da posse da terra também não foi cogitada. Nacionalmente, em 1953, a I Conferencia dos Trabalhadores Agrícolas e a II Conferência Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas fundaram a ULTAB, União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (1954), que evidenciando a atuação do Partido Comunista Brasileiro como agente de mediação na organização do campesinato em Goiás elegeria como seu primeiro presidente o membro desse no estado; Geraldo Tibúrcio. Era até esse momento o Partido Comunista Brasileiro o principal agente de mediação a influenciar o campesinato brasileiro(SOUZA, 2010 p.79-80).

Antes de ser cassado, o PCB possuía uma proposta de Reforma Agrária que foi exposta por seu representante senador Luiz Carlos Prestes. Este pronunciou em discurso na Assembleia Nacional Constituinte em 1946¹¹, no qual denunciou um dos grandes problemas do Brasil:

[...] Devemos buscar a causa de nosso atraso. E vamos encontrar a explicação disso tudo no monopólio da terra, na propriedade privada da terra e na concentração da propriedade. A propriedade da terra em nossa pátria está concentrada nas mãos de uma minoria [...] O censo de 1940 revela os seguintes fatos bem expressivos: Dos 41.574.894 habitantes do Brasil, 28.432.831, ou seja, 68,39%, vivem no campo [...] Mais ou menos 18% dos proprietários possuem 2/3 da área total das propriedades rurais, ou em números absolutos: uns 340 mil proprietários, isto é, apenas, 3,7% de todos os que labutam na terra, seja, um pouco mais de 1% dos habitantes do campo, são donos de 2/3 da área total das propriedades [...] O camponês é contratado e paga arrendo do pedaço de terra de que tira, com seu trabalho [...] Na maioria das nossas grandes propriedades, os direitos dos proprietários são superiores a todos os direitos de seus trabalhadores, aos mais elementares direitos dos cidadãos, que vivem sujeitos ao chicote do capataz, ao regime brutal dos restos do feudalismo [...] Temos de partir da distribuição da terra, para que sejam criadas e estimuladas as pequenas propriedades, por meio do cooperativismo e do crédito barato, ajudas pelo Estado, para que agricultura possa se desenvolver no Brasil. Senhores: o progresso do Brasil exige que seja modificado o conceito de propriedade monopolista da terra. É a miséria da grande massa camponesa sem terras que determina a miséria da renda nacional e, conseqüentemente da renda pública(STEDILE, 2005, p.17-28).

Passaram então os lavradores reunidos a narrar os acontecimentos da década de 1940. Contam

¹¹- Seleção das emendas feitas pelo senador no discurso pronunciado no dia 18/06/1946.

que em Porecatú, no Paraná, havia muitos lavradores que tinham pequenos sítios. Um dia, apareceu um ricoço dizendo-se dono do chão e exigindo que os sitiantes desocupassem o terreno. Os sitiantes resolveram não desocupar e como o ricoço teimasse em tomar as terras, eles se reuniram, armaram-se e lá estão guerreando com os soldados que o governo mandou para defender o ricoço. Fortes gargalhadas estrondaram. As palmas estralaram para apoiar a vitória dos irmãos distantes(ÉLIS, 1987 v. II, p.49).

Esses fatos ocorreram e tiveram apoio do PCB. Os lavradores se armaram em defesa de suas terras, conforme Priori:

A colonização se daria ali em pequenas posses de terra com plantio de café, culturas alimentares e criação de porcos. Em meados da década de 1940 os grandes grileiros expulsaram os posseiros e estruturaram as propriedades no cultivo da cultura do café, criação de gado, cana-de-açúcar e o trabalho assalariado [...] O conflito entre posseiros e grileiros levou à expulsão de posseiros por polícia, jagunços e pistoleiros e motivou a organização de uma resistência que posteriormente se transformou em resistência armada. Foi no final de 1948 que começaram os conflitos armados e somente em julho de 1951 foram desmobilizados, com a atuação das tropas da Polícia Militar do Estado e de agentes das Delegacias Especializadas de Ordem Política e Social (DOPS) de São Paulo e Paraná. Tendo esses acontecimentos sido alvo de grandes reportagens [...] Em Porecatú, assim como em Trombas e Formoso, o PCB foi um agente fulcral da resistência armada. Nesse caso atuando através dos diretórios municipais de Jaguapitã e de Londrina, depois do Comitê Central, e o envio pelo partido de vários militantes experientes que deram retaguarda com o envio de armamentos, munição e suporte financeiro (PRIORI, 2000, p.13-14,16).

Os lavradores se “reuniam, com os companheiros (forma de tratamento dos membros do PCB), de noite, o pessoal que morava mais ou menos de um grito uns dos outros beirando o córrego, reuniu-se em torno da fomalha, na cozinha” (ÉLIS, 1987 v. II, p.48). Reforçando o que o PCB, realizava no campo para mobilizar os lavradores e dar-lhes treinamento, existiram os Conselhos de Córregos, segundo relata Souza:

Esses Conselhos de Córregos assumiam as características de reunir ali conforme o —sentido de localidade os posseiros de uma região e através da discussão direta entre os interessados em verem resolvidas as suas demandas chegavam às definições que satisfizessem as partes interessadas. Foram fundamentais para o exercício dessa forma incomum de atuação política, sem a mediação representativa, a sociabilidade camponesa. Desse modo, as diferentes funções desempenhadas dentro da estrutura organizativa de um Conselho de Córrego eram destituídas da condição deliberativa burocrática comum a algumas instituições. O problema que fosse levado a reunião era decidido dentro do horizonte de expectativas da coletividade(SOUZA, 2010 p.181)

Também confirma Machado:

Foi a experiência pregressa dos camponeses fundamental na elaboração de uma sociabilidade camponesa que posteriormente tornou-se a base sobre a qual se edificou a Associação de Lavradores e os Conselhos de Córregos incentivados pelo partido [...] Entre as muitas condições encontradas em Trombas e Formoso pelo Partido Comunista Brasileiro estava essa sociabilidade camponesa como determinante fundamental das formas de lutas adotada pelo movimento (MACHADO, 2006, p.4 apud SOUZA, 2010 p.189).

3.3.6 - A Liga Camponesa

Ao longo dessa narrativa “os lavradores se reúnem em várias ocasiões e lugares diferentes dizendo que iriam pescar, tirar mel, caçar, pois o PCB estava na ilegalidade, não possuíam o direito de reunirem, haviam sido cassados, faziam suas reuniões em secreto” (ÉLIS, 1987 V.II, p.52, 55, 91, 107, 120). Então, a partir do capítulo VI, o protagonista entra em contato com as Ligas Camponesas, dedicando dois capítulos do romance sobre elas com os temas “Une-se o povo” e “A liga camponesa”. A partir desse momento, o enredo estará com Totinha conscientizando os camponeses dos seus deveres, direitos e alfabetizando-os.

Esse movimento ocorreu no Brasil, durante o primeiro momento da década de 1940, no início de forma legal, depois durante a proscricção, se organizavam nas cidades, mas principalmente no campo a atribuição ao PCB da criação de ligas camponesas. Nessa época:

[...] operaram os ativistas do Partido Comunista, realizando, entre 1945 e 1947, uma grande e organizada mobilização de trabalhadores agrícolas em quase todos os Estados brasileiros. Fundaram-se então, centenas de Ligas Camponesas, que reuniam milhares e milhares de pessoas. Os êxitos alcançados foram de tal importância que nem os elevados índices de analfabetismo do meio rural impediram a eleição de considerável número de representantes comunistas para as assembleias estaduais e municipais, com a grande contribuição da votação camponesa (MORAIS, 2006, p.22).

Tiveram tamanho êxito devido darem grande apoio aos lavradores, que permaneciam em isolamento do eixo urbano desprovidos de seus direitos, e das mínimas necessidades básicas para sobrevivência, mostrando sua atuação relatam:

Um primeiro aspecto que salta aos olhos é a importância que as Ligas comunistas davam ao fornecimento de assistência jurídica aos seus associados, em clara sintonia com o lema do Partido, pelo qual a resolução de todo e qualquer tipo de conflito deveria se dar pela —via legal‖ [...] Outro ponto em comum - que se devia ao fato de todas essas Ligas reunirem —arrendatários‖ - seriam os esforços de seus advogados em estabelecer melhores condições de arrendamento. Mas há que se destacar que em Goiás, as Ligas puderam contar com o apoio de dois deputados do PCB —Abrão Isaac Neto e Paulo Alves da Costa— na luta pela baixa do arrendo, que variava entre 40% e 70%. Fator decisivo para que a redução da taxa de arrendo para 20% fosse incluída na Constituição estadual. Outras ações judiciais recorrentes tinham a ver com violências praticadas por—fazendeiros‖ e —grileiros‖, como —tomada de terra‖ e queima de lavoura. Não raro os—arrendatários‖ se diziam prejudicados por essas ações, contudo elas atingiam com muitomaior frequência os —posseiros‖. Os quais eram maioria entre os membros da LigaCamponesa do Distrito Federal. Cabe assinalar que além da assessoria jurídica, a Liga de Cruzeiro dos Peixotos fornecia produtos farmacêuticos aos seus associados. É bem provável que a mesma prática ocorresse em outras Ligas. Outro ponto visível em todas essas Ligas - exceto nas de Goiás— era a preocupação com a questão das condições de produção e comercialização dos produtos agrícolas. A propósito, é interessante notar que alguns aspectos dessas Ligas permaneceriam presentes na trajetória das organizações —camponesas‖ das décadas de 50 e 60 - incluindo-se as outras Ligas, comumente associadas à figura de Francisco Julião. (SANTOS, 2005 p.77-79).

O PCB pretendia por meio das ligas a solução de muitos problemas que afetavam os camponeses naquele momento, e em longo prazotentariam solucionar alguns problemas sociais no Brasil:

Mas antes desse, um golpe anterior - a decretação da ilegalidade do PCB em maio de1947, poria cobro a toda uma série de experiências que o Partido vinha vivenciando a partirda redemocratização. Os debates e discussões surgidas dentro e fora do Partido a partir daatuação que ele começava a implementar no campo foram subitamente abortados. E comeles uma determinada leitura que se fazia da —Questão Camponesa‖, cuja resolução - assimera entendida - não se daria por um simples —assalto ao poder‖. O trabalho no campo então desenvolvido pelos comunistas sugeria que o problema era bem mais complexo, poispassava por um sistemático

trabalho de mobilização e organização dos trabalhadores em—organizações camponesas, acumulando forças por meio de alianças com outros setores da sociedade (inclusive com —os da cidade); por esse prisma, o PCB acreditava que estavam sendo criadas condições para que a classe —camponesa pudesse atuar como um agente capaz de alterar a correlação de forças políticas do país(SANTOS, 2005, p.96).

O autor também relata como as “pessoas viviam na cidade onde era uma tremenda desigualdade social, na fala de Carijó o escritor sucinta que as pessoas deveriam estar voltadas em solucionar, questionar para resolver os problemas do país” (ÉLIS, 1987 V.II, p.54), critica os “capitalistas gananciosos que aproveitavam da 2º Guerra para ganhar mais dinheiro explorando o povo” (ÉLIS, 1987 V.II, p. 55).

Então o autor passa a mostrar os acontecimentos daquele momento: “[...] no quadro negro da escola estava escrito: Pela vida e pela cultura! Abaixo a bomba atômica. Jacinta e suas companheiras fazem abaixo-assinado para melhorar a qualidade de vida” (ÉLIS, 1987 V.II, p. 58). Essa situação representava o clima da época. Um que participou desse momento foi Gregório Bezerra, em 1951, com o camarada José Basílio peregrinaram, a cavalo, o interior de Goiás para recolher assinaturas” (CALADO, 2006, p. 80).

Totinha começa a fazer uma “comparação entre Carijó e Jeromão, começando a ter consciência de seus deveres e direitos, compreendendo por que existia o “coronel”, entendendo todo seu contexto”(ÉLIS, 1987 V.II, p. 59). Entra em cena o papel da mulher, e temos ao longo do enredo “Jacinta uma mulher que luta por seus ideais, Bila que vai se conscientizando sobre seus deveres e direitos e incentiva Totinha a tomar sua posição a favor do socialismo” (ÉLIS, 1987 V.II, p. 37-40- 90), por reivindicar seus direitos: “os protestos, realizados pelas Ligas das Donas-de-Casa, (Benedita era a presidente), em praça pública. Faziam abaixo assinados contra os altos preços, retorno dos exilados, as mulheres tinham uma participação ativa, foram violentadas” (ÉLIS, 1987 V.II, p. 37, 45, 63, 69). As mulheres tiveram realmente uma participação importante, tanto no campo como na cidade lutando. Vejamos depoimento de uma das principais lideranças femininas dos camponeses no Norte de Goiás, Dirce Machado:

Bom aí que vem o problema na hora da dificuldade os homens corriam, não ficavam em casa pra aguentar os jagunços, para aguentar os grileiros, para aguentar a polícia, as mulheres que eram espancadas, as mulheres é que eram mais torturadas, as mulheres que viam suas casas queimadas, que via o

filho desamparado chorando, então agente começava a orientar que a mulher tinha que brigar também, tinha que lutar, tinha que ajudar o marido, e agente procurava entrosar isso aí. E as mulheres tiveram participação ativa, começou a desenvolver o trabalho [...] (MACHADO, s/d, p.9).

As mulheres sempre tiveram uma participação importante nas várias realizações da nossa sociedade, mas ficaram excluídas da história, por muito tempo, a história cultural veio dar voz a essa classe desprivilegiada “[...] uma história social renovada: do estudo dos pobres, dos subalternos enquanto classe ou grupo, detentores de uma expressão cultural dita popular, passou-se a uma história de vida das pessoas humildes [...]” (PESAVENTO ,2005 p.56).

3.3.7 - Governantes Truculentos

Nesse tempo, eram proibidas as “passeatas, quando aconteciam os manifestantes eram severamente violentados, até matavam nesses locais deixando o rastro de sangue” (ÉLIS, 1987 V.II, p. 64).O governo usava os “meios de comunicação existentes para colocar a culpa nos camponeses, classe operária que possuíam o apoio do comunismo, a polícia os perseguia” (ÉLIS, 1987 V.II, p. 68).

O autor os classificou de “cachorros do governo, também suscita que estavam sendo violados os direitos dos cidadãos [...] prendiam os que distribuíaam os jornais, que falavam dos acontecimentos, a sociedade muitas vezes os apoiava, a perseguição era brutal” (ÉLIS, 1987 V.II, p. 69-70,73,76). Essa situação se assemelhava à existente em Goiás nos anos 1950:

Foi no governo de Pedro Ludovico (1951-1954) que se desenrolou esse acontecimento conhecido como —Luta do Arrendol. Esse governo havia sido eleito em um contexto de afirmação das especificidades do PSD goiano quanto a política nacional. Já que esse partido lançara candidato próprio à presidência da república, Cristiano Machado (PSD), mas em Goiás recebeu seu apoio o candidato Getúlio Vargas (PTB). Haviam[sic] dois setores que passaram a exigir planejamento: energia elétrica e rodovias. Segundo Itami Campos, analisando os grandes problemas desse contexto, faltava um plano

*criteroso e racional para a divisão de terras e colonização no governo anterior e o latifúndio era responsável pelo êxodo rural. Tratando-se de um **governo marcado pela truculência** exemplificada em episódios como a invasão de “**jagunços do PSD**”, na Assembleia Legislativa (1952) e o assassinato do jornalista Haroldo Gurgel (1953) (SOUZA, 2010, p.79). Grifo nosso.*

Voltando ao episódio em que Totinha está na cidade, morando com a família de Carijó e trabalhando no jornal comunista (mantido pelo PCB) o narrador continua:

*Damas e o vendeiro procuram Totinha para receber adívda, não tendo dinheiro passa uma declaração para receber do Dr. Macioso, até receber a indenização, vão a Dr. Macioso ele os engana e afirma que Totinha não possuía nenhum direito pois de propósito colocou braço em engenho para receber indenização, se quisessem poderiam deixar declaração tentaria receber dele, pede para registrarem queixa na polícia [...] sendo preso o protagonista em sua casa pela polícia e levado a delegacia passando por severas torturas psicológicas e físicas: pescoções pontapés, quando Damas o encontra não concorda com a ação da polícia de o torturarem, o capitão pede ao soldado para tirar Damas imediatamente da cidade, enquanto Totinha continua no xadrez, levam ele para interrogatório, o capitão Siqueira queria força-lo a assinar papel incriminando Carijó de criminoso perigoso, que a oficina do jornal era um depósito de armas e munições e que Carijó, Jacinta, Belisário e Benedita planejavam matar as autoridades para saquear as casas comerciais, negou a assinar **falsas acusações**, dez soldados armados apoiavam a tortura (ÉLIS, 1987 v. II, p.78-80).*

Lembremos que no período da escrita dessa obra os brasileiros estavam sob o governo do presidente General Eurico Gaspar Dutra que foi uma extensão do governo de Getúlio Vargas na questão política e administrativa. Ocorreram “prisões arbitrárias, torturas, banimentos e abusos de poder dos escalões subordinados. A pressão policial foi total, a liberdade de pensamento e de reunião foi abolida e as lideranças populares mais expressivas acabaram eliminadas” (GALDINO, 1986 p. 02). Um dos que foi “severamente perseguido durante esse período, sendo deputado do PCB e depois cassado em 1947 [...], preso por um ano e meio por falsas acusações, Gregório Bezerra, torturado também após o golpe de 1964” (CALADO, 2006 p. 72-74).

O autor continua narrando a tortura por que passava Totinha:

*Após negar assinar o levam para cela usam outras formas de tortura: deixam com fome, **usam palmatória**, algemam pés e mãos, vendam os olhos, tampão na boca, o espancam tanto que perde a consciência, depois o colocam no carro com os olhosvendados, com o carro em movimento saem da cidade, começam seus torturadores a conversar a forma que o mataria, falam de um **ciganinho que o mataram com mais de 20 tiros**, Totinha conheceu um camarada cujo corpo havia sido queimado com ponta de cigarro, tentou fugir mas lhes dão vários pontapés. Vinha-lhe à lembrança as passagens da vida de Luiz Carlos Prestes, de Júlio Fuchik, de **Olga Benário Prestes**, trechos que ouvira ler em várias reuniões. Somos milhões no Brasil, no mundo. O espancam novamente tiram do carro e o prende em poste com vendas nos olhos, ameaçam que se voltasse a cidade morreria, consegue se libertar, fazia dias que não se alimentava, que não dormia em cama, que não tomava banho, encontrou um rego de água, lava o rosto e entra em uma fazenda(ÉLIS, 1987 V.II, p.77 – 81). Grifo nosso.*

A sobrevivente dessas perseguições narrou à história de seus pais Luiz Carlos Prestes e Olga Benário durante o período do Estado Novo governo de Getúlio Vargas. A historiadora Anita Leocádia Prestes comenta:

Com o fracasso dos levantes de novembro de 1935, inicia-se um período de repressão intensa. Prestes é preso em 5 de março de 1936, juntamente com sua companheira, a comunista alemã Olga Benário Prestes. Graças à coragem de Olga, que o protegeu com seu próprio corpo, não conseguiram matá-lo no ato da prisão, conforme as ordens expedidas pelo então chefe de polícia, o capitão Filinto Müller. Diante dos tribunais de exceção, Prestes adota uma posição de firmeza inabalável e assume toda a responsabilidade pelo movimento que liderara. É condenado a mais de 47 anos de prisão. Sua companheira é deportada para a Alemanha hitlerista no sétimo mês de gravidez, num requinte de perversidade do governo Vargas. Após dar à luz, numa prisão nazista, a sua filha Anita Leocádia, Olga seria assassinada numa câmara de gás no campo de concentração de Bernburg, em abril de 1942. Prestes permaneceria preso durante 9 anos, a maior parte do tempo no mais absoluto isolamento(PRESTES, 2006 p.36-37).

Em seu livro “A Era dos Extremos”, o historiador Eric Hobsbawm comentou sobre Olga Benário e Luís Carlos Prestes:

Olga Benário, filha de um próspero advogado de Munique [...]. Ela iria ver-se organizando a Revolução no hemisfério ocidental, ligada e afinal casada com Luís Carlos Prestes líder da longa marcha insurrecional pelos sertões brasileiros, que havia convencido Moscou a apoiar o levante no Brasil em 1935. O levante fracassou e Olga foi entregue pelo governo brasileiro à Alemanha de Hitler, onde acabou num campo de concentração [...]. Depois que tenentes rebeldes brasileiros como Luís Carlos Prestes passaram dos caminhos do sertão para o comunismo em fins das décadas de 1930, nenhum grupo esquerdista importante escolheu o caminho da guerrilha em outra parte [...](HOBSBAWM, 1994 p.79,85).

Não esqueçamos a forma como o protagonista foi torturado. Deixaram-no com fome, “usaram palmatória, algemaram os pés e mãos, vendaram os olhos, tamparam a boca, o espancaram tanto que perdeu a consciência, foram utilizados esses métodos pelos militares após o Golpe de 1964, com mais requintes de crueldade”(BARRETO, 2010 p.64-71).

Comentando sobre tipos de tortura usados durante a ditadura civil-militar, Aluizio afirmou:

A Palmatória era como uma raquete de madeira, bem pesada. Geralmente, este instrumento era utilizado em conjunto com outras formas de tortura, com o objetivo de aumentar o sofrimento do acusado. Com a palmatória, as vítimas eram agredidas em várias partes do corpo, principalmente em seus órgãos genitais [...]. De certa forma, falar de Tortura Psicológica é redundância, considerando que todo o tipo de tortura deixa marcas emocionais que pode durar a vida inteira. Porém, havia formas de tortura que tinham o objetivo específico de provocar o medo, como ameaças e perseguições que geravam duplo efeito: fazer a vítima calar ou delatar conhecidos (PALMAR, 2012, p.6,9).

3.4-Quarto Momento: Fazenda N. S. Perpétuo Socorro

O nosso protagonista foi abandonado próximo à “Fazenda N. S. Perpétuo Socorro. Balbino com seu rosto morto, sendo o gerente, o dono Dr. Macios critica os comunistas e tenta enganá-lo. Totinha volta a morar no paiol, lhe dão uma roça para cuidar, sua família é trazida da cidade”(ÉLIS, 1987 V.II, p. 84-85). A situação dos que moram ali condiz com o

nome Perpétuo Socorro, pois vivem em condições desumanas. Dr. Macioso tenta novamente ludibriá-lo com falsos raciocínios, que “poderia ficar rico e crítica os comunistas que comiam criança viva. Totinha observa que as pessoas eram severamente escravizadas no capitalismo, não queria ficar rico explorando outros, compreende que está inserido em um sistema” (ÉLIS, 1987 V.II, p. 85-88).

Notamos que, nas décadas de 30 a 50, houve grande propaganda contra o comunismo, que foi severamente difamado. Sobre essa propaganda, Almeida afirma:

A década de 30 foi, assim, marcada por um grande movimento repressivo ao comunismo que — através de uma propaganda tenaz e contínua — auxiliada pelo estado de sítio e a psicose anticomunista — exageram o perigo existencial. Nesse contexto de intensa concorrência ideológica entre diversas organizações políticas (integralismo, Igreja, forças de esquerda) os intelectuais contribuíram para o trabalho de dominação, correspondendo a expectativas ditadas pelos interesses do poder e das classes dirigentes. Analisando o modo como a linguagem do intelectual ressoa no discurso do poder, Octavio Ianni (1989, p.77) diz: —Em cada época sempre que as forças sociais que controlam o Estado se vêem obrigadas a modificar os seus arranjos, renovam-se os intelectuais que escrevem o discurso do poder; ou renova-se apenas o discurso. Foi assim no Império, República, Revolução de 1930, Estado Novo, República Populista, Ditadura militar (ALMEIDA, 2003b p.40-41).

Usavam o perigo do comunismo, como desculpa, para o autoritarismo:

O pânico do —perigo vermelho, enraizado na mentalidade norte-americana, levou a atitudes de conivência — por exemplo, a triste e covarde atitude de delatores - com a onda de repressão que abateu sobre a sociedade a partir da segunda metade dos anos quarenta. Por esse tempo, aqui no Brasil, encerrados os momentos de autoritarismo estatal explícito do regime Vargas, persistiria, no entanto, conforme observa Emir Sader (1995, p. 89), a continuidade de um processo de repressão sistemática a qualquer presença considerada comunista, nas áreas sindical, estudantil, artística e outras, também como reflexo do fenômeno da Guerra Fria. Assim, a paranóia anticomunista segue pela década de 50, encenando momentos de violência repressiva contra a livre manifestação de pensamento e expressão (ALMEIDA, 2003b, p.72).

A solução para os problemas, conforme o protagonista seria, “fazermos protestos para reivindicarmos nossos direitos, exigindo das autoridades a aplicação das leis, Bila reclama da

vida difícil e raciocina com o esposo que todos os companheiros não se esqueceram dele, ficariam ali por pouco tempo” (ÉLIS, 1987 V.II, p. 89-90).

Totinha também sente falta dos companheiros, mas teme a polícia, voltam a serem explorados como eram por Jeromão, desta vez pelo Dr. Macioso, que impiedosamente escraviza toda família, até o momento ele achava que seu advogado era bondoso e lhe prestava ajuda.

3.5-Quinto Momento: Reflexões e Decisões Estabelecidas

Na última parte do romance em forma de novela, entram em cena outros personagens para orientar o protagonista:

Daniezão, era gordinho mas alegre, ficou responsável à pedido de Carijó em auxiliá-lo no que precisasse na fazenda, fazendo muitas palhaçadas para divertir os companheiros, sendo o líder dos lavradores pela Liga naquela fazenda, organizava e planejava olhando no coletivo as ações que os lavradores deveriam tomar, Chico Lemes, lavrador não gostava de piadas ou brincadeiras, valente, tinha consciência da força da liga e apoiava, Benedito Gusmão temperamento forte, fazendo eles parte da Liga Camponesa, convidaram Totinha para caçar com ele, não queria mas devido insistirem aceitou, foram para um lugar escondido, largaram as armas, assentaram-se e puseram-se a conversar (ÉLIS, 1987 V.II, p. 91). Grifo nosso.

As Ligas Camponesas neste período funcionavam na clandestinidade, conforme GUIMARÃES:

Com a entrada do Partido Comunista na ilegalidade, em 1947, as ligas camponesas tiveram outras denominações, como irmandade, união camponesa, associação rural e concentração. Emergiam sob o pretexto da organização de um time de futebol, da obtenção do arale para combater a maleita e outras reivindicações, como escola, professores, assistência médica, etc. Em geral, dissolviam-se rapidamente, na proporção das repressões feitas pelos fazendeiros e de acordo com o jogo político local (GUIMARÃES, 1988 p.49).

Então começam a desmascarar Dr. Macioso, pois o protagonista imaginava que ele fosse um homem bom, sendo seu advogado, falam:

-Daniezão, Chico Lemes e Gusmão entreolharam-se quando Totinha falou da bondade de Macioso. Um deles ponderou: - É de vera. Ele é tão bom que obrigou Jeromão a te pagar a mão esmagada...Tirou você da cadeia. Não deixou que te batessem...

-Totinha logo compreendeu a ironia com que o companheiro dizia aquilo. Já sabia que aqueles três homens lutavam contra Macioso, mas temia uma cilada. Para sondar, disse que não sabia de nada contra Macioso. –O que sei é que está cobrando indenização de minha mão...Aí Daniezão explicou: - Olhe, Totinha, Carijó nos contou tudo. O Macioso era seu advogado e tinha que cobrar de Jeromão a indenização pelo esmagamento de sua mão no engenho dele.- Isso mesmo - confirmou Totinha.-Pois é. Esse malvado do Macioso recebeu do Jeromão sete contos de réis para não cobrar indenização. Com esse dinheiro ele –engraxou o delegado e no inquérito apuraram que você estava bêbedo no dia que moeu a mão, que você botou de propósito a mão na moenda para receber o dinheiro e viver de papo prá riba.

-Está vendo que bandido!– exclamou Gusmão. -E tem mais, - prosseguiu Daniezão. Aí contou que o Macioso recebera do Damas e do vendeiro conta de Totinha para cobrança. De posse desta conta, Macioso pagou o delegado para judiar bastante de Totinha e soltá-lo ali na fazenda. Dali agora Totinha não sairia, enquanto não pagasse a dívida do Damas e do vendeiro. (ÉLIS, 1987 V.II, p. 92).

Passou então o protagonista a compreender muitas coisas e ficou claro o “dedo de Macioso em tudo que lhe aconteceu, os companheiros da liga narraram todos os sofrimentos que os lavradores enfrentavam, principalmente a cobrança absurda do arrendo, pagariam apenas 20% conforme Constituição do Estado¹²” (ÉLIS, 1987 V.II, p. 93). Neste momento menciona essa questão dos 20%, que os lavradores deviam pagar aos proprietários das terras cultivadas. Esses 20% são mencionados oito vezes neste último episódio nas páginas: 92, 93, 101, 109, 119. A historiadora Maria Tereza Canesin Guimarães comentou:

Em geral, a principal reivindicação consistiu em lutar pela baixa do arrendo cuja taxa oscilava em torno de 40% a 70% no sul do estado de Goiás. A defesa dessa reivindicação teve o respaldo jurídico de dois deputados estaduais do Partido Comunista, Abrão Isaac Neto e Paulo Alves da Costa, que introduziram, na Constituição de Goiás, o artigo 138 que versava sobre o limite de arrendamento, em torno de 20% [...] Em 10/03/1951, realizou-se em Goiânia, o 1º Congresso Camponês, indicando um certo nível de articulação dos trabalhadores rurais em Goiás. Participaram 146 delegados de mais ou menos 18 municípios o congresso a situação do trabalhador rural, o

¹²-De acordo com o artigo 138 da constituição do Estado de Goiás, a “lei disporá sobre a maneira de vir a exercer a fiscalização de terras agrícolas para obstar que a taxa de arrendamento exceda de 20% da produção”, Diário da Assembléia Legislativa, ano 1948, Goiás.

diagnóstico destacou o arrendo exorbitante, que chegava de 50% a 70% em muitos lugares [...] o documento salientava, genericamente a necessidade de proteção contra a grilagem necessitavam de um representante (entidade) estadual que pudesse ser representativa dos trabalhadores rurais, ou a criação da União dos Camponeses de Goiás(GUIMARÃES, 1988 p. 47, 51-52).

Entramos em uma questão muito discutida naquele momento em Goiás, que foi a exorbitante cobrança do arrendo. Legalmente devia-se pagar uma taxa de 20% conforme legislação estadual, mas embora a lei garantisse o direito, o cumprimento dela não estava acontecendo, direito este conseguido com muita luta.

Os camponeses decidem se unir contra extorsão do arrendo. Unidos conseguiriam lutar contra os grandes fazendeiros e grileiros que tanto os exploravam. Nesta ocasião, Macioso faz uma proposta indecente a Totinha se “vigiasse seus companheiros não precisava pagar o arrendo [...] então planejam enganar Macioso, ameaçando um ataque em sua fazenda, nesta ocasião vendem as sacas de arroz, apoiando o protagonista seus companheiros” (ÉLIS, 1987 V.II, p. 109-114), o interessante que houve um confronto semelhante nos fins dos anos 40, afirma GUIMARÃES:

A luta pela baixa do arrendo, encaminhada através das ligas camponesas, teve certa expressividade no sul do Estado, na proximidade de Pires do Rio e Orizona. Chegou a constituir-se em um movimento que perdurou de 1948-1951, com a envergadura do enfrentamento dos arrendatários e parceiros contra os proprietários da terra. Era uma região predominantemente de grandes fazendeiros, e o cultivo de arroz fazia-se em larga escala. Sob as diretrizes do Partido Comunista, constituíram-se ligas camponesas nesta região. Em cada 4 ou 5 fazendas, foram organizadas ligas com certa autonomia de ação, mas subordinadas à direção central, localizadas em Orizona. A luta teve início na colheita da produção de arroz, quando se deveria fazer a partilha, ou seja, a entrega entre 40 e 50% da produção aos proprietários da terra. Os trabalhadores negaram-se a pagar a taxa de arrendo estipulada e exigiam seja o cumprimento do artigo 138 da Constituição do Estado, seja que o pagamento não excedesse os 20%. A partir da resistência feita, o Estado interveio para defender os interesses dos proprietários da terra(GUIMARÃES, 1988 p. 49).

Não podemos deixar de mostrar onde todos seus personagens estão inseridos geograficamente quando saem da cidade região cheia de morros, “cerrado”, mencionando o termo e muitas árvores como: assa-peixe, goiabeiras, Jaraguá, que compõe sua vegetação e animais, nas várias cenas exemplos páginas: 51, 81, 98-99. Na colheita de arroz apareciam além dos outros já mencionados, também o comprador das safras o “Adib Turco,

lavradores: Benedito Gusmão, irmãos Pereira, Honestino, o velho Balduíno, Hanastácio e seu filho de 12 anos, todos eram explorados pelo arrendo, a criança analfabeta, viviam em precárias condições” (ÉLIS, 1987 V.II, p. 99-101, 107-108). Por ser mão de obra barata e fácil nas primeiras décadas do século XX, “os menores eram empregados em serviços pesados, alguns incompatíveis com sua idade e sua constituição física e mal chegavam a adultos [...] quase todos, analfabetos [...] Ser dispensado do serviço representava mais fome, mais miséria em casa” (FIGUEIREDO, 2004 p.355-356).

Totinha apoiou seus companheiros, mas existiam os traíras, pérfidos, Judas conforme relato: “tem muita gente que está do nosso lado, está arrotando rodela, **mas se Macioso lhe mandar um recadinho, adeus Liga!**” (ÉLIS, 1987 V.II, p. 108). A historiadora Maria Esperança Carneiro conta que os posseiros, em número “aproximado de 100 homens, entrincheiraram-se sob a liderança do velho Biinha, reagindo à entrega das terras e ao pagamento do arrendo. Em troca de favores e dinheiro, passou para o lado dos fazendeiros o próprio líder do levante” (CARNEIRO, 1988 p. 101). Grifo nosso. Também outro historiador que confirmou relato foi Paulo Ribeiro Rodrigues da Cunha: “No entanto o próprio líder Biinha acabou passando para o lado dos grileiros em troca de dinheiro e favores que resultou na desmobilização dos posseiros e sua resistência de forma individual” (CUNHA, 1994, p.145-). Grifo nosso. Existiu um confronto de dois sistemas capitalismo X socialismo. Comentando a respeito das ideologias usadas pelos governantes, FILHO relatou:

O propósito declarado desses vários sistemas humanos é promover um modo de vida que é considerado o melhor para todos ou, pelo menos, para o maior número. Atribuem importância em grau maior ou menor à liberdade ou à igualdade como sendo básica para a felicidade humana. O capitalismo está disposto a sacrificar a igualdade em favor da liberdade. O comunismo põe a igualdade acima da liberdade. A socialdemocracia tenta conciliar o interesse de ambos. Mas nenhum deles conseguiu mudar a natureza humana. O egoísmo humano revela o pior nos capitalistas, transformando muitos deles em exploradores injustos; converteu as experiências comunistas em capitalismo de Estado, as pessoas comuns sendo exploradas pelo Estado em vez de por capitalistas individuais ou gigantescas empresas; arruinou os sonhos socialistas utópicos (FILHO, 1982 p.9).

Entramos então em um último questionamento, um provável confronto de ideologias, da ficção à realidade. Na ficção, Totinha representando o socialismo utópico e na realidade Biinha sendo representante do capitalismo; na ficção o representante dos lavradores toma

partido dos seus companheiros no campo, na realidade o representante do sistema capitalista toma o lado dos grandes fazendeiros e grileiros, a fase pior do capitalismo é o egoísmo, não se importando com o coletivo, e preocupado com os seus próprios interesses.

Capitalismo - Biinha(Realidade)



Socialismo – Totinha (Ficção)

O protagonista passa por muitas transformações ideológicas, podemos compará-lo com “O mito da caverna” onde:

Precisaria de algum tempo para se a fazer à claridade da região superior. Primeiramente, só discerniria bem as sombras, depois, as imagens dos homens e outros seres refletidos nas águas; finalmente erguendo os olhos para a lua e as estrelas, contemplaria mais facilmente os astros da noite que o pleno resplendor do dia [...] Recordando-se então de sua primeira morada, de seus companheiros de escravidão e da ideia que lá se tinha da sabedoria, não se daria os parabéns pela mudança sofrida, lamentando ao mesmo tempo a sorte dos que lá ficaram? [...] Não preferiria mil vezes, como o herói de Homero, levar a vida de um pobre lavrador e sofrer tudo no mundo a voltar às primeiras ilusões e viver a vida que antes vivia? [...](PLATÃO, 1956 p. 287-291).

Durante sua trajetória de vida, o protagonista passa por uma metamorfose, tornou-se um cidadão consciente do mundo a sua volta, particularmente seus direitos e deveres, tendo a obrigação de ajudar os que estivessem na mesma situação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Após analisarmos essa obra tão rica em detalhes de sua época início dos anos 50, chegamos a algumas reflexões importantes. A literatura pode tranquilamente ser usada como fonte histórica, mas lembremo-nos de que não foi elaborada para esse fim. O historiador pode usá-la para compreensão melhor de um momento histórico, realizando uma intersecção dela com fontes confiáveis, “[...] ao trabalhar com a Literatura como fonte, o historiador se depara, forçosamente, com a necessidade de pensar o estatuto do texto e realizar cruzamentos entre os dois discursos, em suas aproximações e distanciamentos”(PESAVENTO, 2005 p.84).

Bernardo Élis, único goiano que pertenceu à Academia Brasileira de Letras, foi um escritor que relatou o pertencimento de seus personagens o local distante, o “ermo”, que não possuía apoio das autoridades. Essa era a realidade da região central do Brasil naquele tempo. Suas primeiras obras, pertencem à linha do Realismo Socialista, pois era militante do PCB e fazia engajamento de sua literatura com objetivos claramente ideológicos. Sua produção literária pertence também à literatura regionalista, pois relata onde estão inseridos geograficamente os personagens, trata, em sua narrativa, do “cerrado” com todas as características evidentes, sendo óbvio o homem sertanejo por costumes e dialeto.

Existe, nesta obra, a possibilidade de aprofundamento em outros temas :na questão do gênero: como as mulheres estavam organizadas, como apoiaram e tiveram apoio em suas lutas, conquistas e derrotas, que tiveram naquele momento marcante da história de Goiás e do Brasil. Cabe ainda uma pesquisa mais apurada sobre a situação do negro naquele momento na sociedade; aqui, apenas ressaltamos que o personagem principal Totinha é negro e poder-se-ia fazer uma comparação com a realidade. Seria também possível uma pesquisa sobre a questão linguística de todos envolvidos na trama, podendo se confrontar as falas do campo com as da cidade. No entanto, essas são possibilidades que estavam além de nossos objetivos, visto que nosso foco neste trabalho é a luta pela terra.

Nesta obra o autor realizou a representação de nossa sociedade por meio dos personagens, mostrou a condição econômica do Estado de Goiás e Brasil, que se mostrava bastante atrasada pela existência do coronelismo, de hospitais em péssimo estado de funcionamento. Os governantes foram omissos e os meios de comunicação manipulados.

O grileiro da ficção existiu em Goiás, sendo considerado pela CPI como o maior do Brasil. Apesar disso, o judiciário era corrompido pela influência dos grandes fazendeiros, comerciantes e governantes. Eles gananciosamente tomavam as terras dos lavradores, devido à valorização das terras que possuíam, um claro direito de posse pelo tempo de permanência, que, gananciosamente, tomavam as terras que os lavradores possuíam por um claro direito de posse pelo tempo de permanência, quando constatavam a valorização que estas terras haviam alcançado.

Essa literatura engajada por pessoas do PCB, forneceu o ideário socialista como meio de resolver os problemas de Goiás e do Brasil. Élis colocou os personagens que tinham esses ideais como iguais, não existindo distinção racial e social. Organizavam-se por meio das Ligas Camponesas onde tratavam de todas as questões de forma coletiva para solução dos problemas.

Narrou e confirmou a situação de escravidão que viviam os lavradores sendo severamente explorados, ao ponto de tornarem escravos dos grandes fazendeiros. Estes cobravam exorbitante taxa de arrendo, chegando de 50% a 70%, quando a legislação do Estado de Goiás permitia a cobrança de 20%. Então, com o apoio do PCB, se organizam e planejam resistir à cobrança do arrendo.

Nesta literatura se demonstra confronto de duas ideologias, o capitalismo X socialismo, típico do período da Guerra Fria. Tentamos decifrar um pouco a história desta década de 1950, pesquisa inacabada podendo outros historiadores decifrar melhor os códigos contidos nesta obra literária.

Portanto, a obra *A terra e as carabinas* constitui uma fonte para o historiador perceber melhor os episódios da nossa história, de Goiás e do Brasil, pois, existindo uma lacuna não compreensível de fontes, deve-se agir como detetives: buscar pistas, tentar a intersecção de fontes para a compreensão mais cabal das lutas ocorridas em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo. Ed. UNESP, 2006. ABREU, Sebastião de Barros. **De Zé Porfírio ao MST** (A luta pela terra de Goiás). Brasília. André Quicé Editor. 2002.
- __. **Trombas**: A Guerrilha de Zé Porfírio (Sebastião de Abreu; e apresentação de Janaína Amado). Brasília. Ed. Goethe, 1985.
- AGI – Associação Goiana de Imprensa. **Nas ondas do rádio**. Jornal da AGI. Goiânia, ano VI, nº 38, outubro de 2004.
- AGL – Academia Goiana de Letras. **Bernardo Élis**: Imortalidade de nome e obras. Revista da AGL, Goiânia, julho/1998 nº21.
- ALMEIDA, Nelly Alves de. **Presença literária de Bernardo Élis**. Goiânia: UFG, 1970.
- __. **Estudos sobre quatro regionalistas**. 2. ed. Goiânia: UFG, 1985.
- ALMEIDA, Cristiane Roque de. **História e sociedade em Bernardo Élis**: uma abordagem sociológica de O Tronco. 2003a. 152 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.
- ALMEIDA, Maria Isabel de Moura. **O anticomunismo na imprensa goiana: 1935-1964**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003b.
- ANDRADE, Mônica. **Ano de Bernardo Élis**. dm. Revista, Goiânia, 22 jul.2007, p.3.
- AMADO, Janaína. **Eu Quero Ser Uma pessoa**: Revolta Camponesa e Política no Brasil. Mimeografado s/d.
- __. O Grande Mentiroso: Tradição, Veracidade e Imaginação em História Oral. In: **Revista História**, UNESP, 1995 p125-136.
- ARAÚJO, Miryam Moreira Mastrella de. **O mundo imaginado, mas nem tanto, de Carmo Bernardes**. Dissertação de Mestrado em Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.
- ARINOS, Afonso. **Tristão de Athayde**. 2ª ed. São Paulo: LISA, 1981.
- ATHAYDE, Tristão de. **Afonso Arinos**. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil; Lisboa: Seara Nova; Porto: Renascença Portuguesa.
- AURÉLIO. **Dicionário**. 2013, disponível: www.dicionariodoaurelio.com/Fonte.
- BARBOSA, Francisco de Assis. Prefácio do livro O Tronco, in ÉLIS, Bernardo. O Tronco,

- BARBOSA, Francisco de Assis. Romance de protesto. In: ÉLIS, Bernardo. **O tronco**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1967.
- BARBOSA, Marialva. **Meios de Comunicação no Brasil Pós-30**: reflexões em torno da historicidade e do papel da imprensa, UNI revista, Rio de Janeiro, v. 1, n.3, p. 3-4, jul.2006.
- BARRETO, Nelson de Azevedo Paes. **O suplício do corpo e a destruição do eu**: sensibilidades diante da tortura na história recente do Brasil. Dissertação de mestrado em história, Universidade Católica de Goiás, 2010.
- BOSI, Alfredo, **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo, Cultrix, 1994.
- ___. Prefácio 1. In: OLIVAL, Moema de Castro e Silva. **O processo sintagmático na obra literária**. Goiânia: Oriente 1976. p.21-26.
- ___. "Situação e Formas do Conto Brasileiro Contemporâneo" in **O Conto Brasileiro Contemporâneo**, São Paulo, Cultrix/ USP, 1974.
- ___. "Cultura Brasileira e Culturas Brasileiras" in **Dialética da Colonização**, São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução de Sérgio Goês de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CALADO, Alder Júlio Ferreira. **Gregório Bezerra**: um lutador do povo. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- ___. et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- ___. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1976.
- ___. **Ficção e confissão**. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- ___. O homem dos avessos. In: **Tese e antítese**. 4.ed. São Paulo: Nacional, 2000a. p.119-139.
- ___. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.
- ___. **Brigada ligeira**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2004a.
- ___. Degradação do espaço. In: **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 2004b. p.47-79.
- ___. A nova narrativa. In: **A educação pela noite e outros ensaios**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000b. p.199-217.
- ___. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, 1972.

- ___ **Formação da literatura brasileira:** momentos decisivos. 9. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000c. v.1 e v.2.
- ___ **Literatura caligráfica.** Minas Gerais, Belo Horizonte, ano 9, n. 948, dez. 1984. Suplemento Literário, p. 3-4.
- ___ **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- ___ **Literatura e subdesenvolvimento.** In: **A educação pela noite e outros ensaios.** 3. ed. São Paulo: Ática, 2000d. p. 140-162.
- ___ **Formação da literatura brasileira – momentos decisivos.** 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.
- CARNEIRO, Maria Esperança Fernandes. **A revolta camponesa de Formoso e Trombas.** Goiânia: Ed. UFG, 1988.
- CARVALHO, Leonice de Andrade. **Opressores e oprimidos na contística de Bernardo Élis.** 2006. 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2006.
- CARVALHO, José Murilo de. **A Academia Brasileira de Letras:** subsídios para sua história. (Coleção Afrânio Peixoto; v. 89), Rio de Janeiro: ABL, 2009.
- CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. **Tocantins o movimento separatista do Norte de Goiás, 1821-1988.** São Paulo: Ed. A. Garibaldi e UCG, 1999.
- ___ **O discurso autonomista do Tocantins.** Goiânia: Ed. UCG, 2003.
- COSTA, Gerson de Castro. A propaganda e o progresso de Goiaz. In: **Revista Oeste,** Goiânia, ano III, nº 21, outubro de 1944.
- COSTA, Ginegleyson Amorim da. **Como os meios de comunicação retrataram a revolta de Trombas e Formoso.** Monografia, Goiânia. Universidade Católica de Goiás, 2005.
- CUNHA, Paulo Ribeiro da. **Aconteceu Longe Demais- A Luta Pela Terra dos Posseiros em Formoso e Trombas e a Revolução Brasileira (1950-1964).** São Paulo: Editora UNESP, 1994.
- ___ **Formoso e Trombas:** A luta do Partido e dos Posseiros. Revista Princípios nº36. 2009. Site www.vermelho.org.br/museu/principios.
- CUNHA, Wilma de Jesus Coelho. **A oralidade na obra de Bernardo Élis.** 1991. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1991.
- DENIS, Benoît. **Literatura e engajamento:** de Pascal a Sartre. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.

- DOWBOR, Ladislau. **O Que é Capital**. São Paulo: Coleção -Primeiros Passos, 1985.
- ÉLIS, Bernardo. **Ermos e Gerais**. São Paulo: Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, 1944.
- ___ **Primeira Chuva**. Goiânia: Escola Técnica Industrial, 1955.
- ___ **O tronco**. São Paulo: Martins, 1956.
- ___ **Caminhos e Descaminhos**. Goiânia: Brasil Central, 1965.
- ___ **Veranico de Janeiro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.
- ___ **Antologia de contos brasileiros**. Tradução para o alemão por Kurt Mayer Classon. Alemanha Ocidental, 1967.
- ___ **Marechal Xavier Curado, criador do Exército Nacional**. Goiânia: Oriente, 1973.
Prêmio Sesquicentenário da Independência do Brasil, 1972.
- ___ **Seleção de Bernardo Élis** (antologia). Gilberto Mendonça Teles (org.). Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- ___ **Caminhos dos Gerais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
Goiás. Estudos Sociais (1º grau). Rio de Janeiro: Bloch, 1976. (Coleção Nosso Brasil).
- ___ **André Louco**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- ___ **Vila-Boa de Goiás**. Álbum fotográfico, texto de Bernardo Élis. Rio de Janeiro: Berlendis & Vertechia, 1978.
- ___ **Short Story International**. Tradução para o inglês do conto “Ontem, como hoje, como amanhã, como depois”, por Silas Curado. International Cultural Exchange, New York, USA, 1979.
- ___ **Os enigmas de Bartolomeu Antônio Cordovil**: bibliografia seguida de antologia do primeiro poeta goiano do Brasil - Colônia. Goiânia: Oriente 1980.
- ___ **Cadeira um**. Discursos da Academia Brasileira de Letras: Bernardo Élis (posse) e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (recepção). Rio de Janeiro: Cátedra, 1983.
- ___ **Duo em si menor**. Discursos na Academia Brasiliense de Letras, Fundação da Cadeira n.3: Herberto Sales (posse) e Bernardo Élis (recepção). Brasília: Horizonte, 1983.
- ___ (antologia). Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por Benjamim Abdala Jr. São Paulo: Abril Educação, 1983.
- ___ **Apenas um violão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- ___ **Dez contos escolhidos**. Brasília: Horizonte, 1985.
- ___ **Goiás em sol maior**. Estudos de história, sociologia e literatura sobre Goiás. Goiânia: Poligráfica, 1985.

___A posse da terra: escritores brasileiros hoje (antologia). Perfis biobibliográficos e fragmentos antológicos de autores da atualidade. Coedição Imprensa Nacional/ Casa da Moeda de Portugal e Secretaria de Cultura de São Paulo, Brasil. Lisboa, Sociedade Industrial: Gráfica Telles da Silva, 1985.

___**Jeca Jica – Jica Jeca**: crônicas. Goiânia: Cultura Goiana, 1986.

___**O Centro-Oeste**. Álbum de pintura com obras inéditas de A. Poteiro, Omar Souto, A.Espíndola e Siron Franco, com apresentação de Bernardo Élis, patrocinado pelo Banco Francês e Brasileiro S.A. Rio de Janeiro: Colorama, 1986.

___ **Chegou o governador**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

___ A terra e as carabinas . In: **Obra reunida de Bernardo Élis**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987. (Coleção Alma de Goiás).

___ **A vida são as sobras**. Organização de José Lino Curado. Goiânia: Kelps, 2000.

___ **O tronco**. 9. ed. São Paulo: J. Olympio, 2003.

___**A terra e as carabinas**. Goiânia: R & F Editora, 2005.

FERNANDES, José. **A ontologia do nome**. Revista da Academia Goiana de Letras, Goiânia, n. 21, p. 91-100, jul. 1998.

FERREIRA, Antonio Celso. Literatura: A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi, (Org.). **Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 61-92.

FILHO, A. S. Machado. **É suficiente a prosperidade material?**Awake!, U.S.A. New York:Watch Tower,p.9-12, 08-jun. 1982.

FILHO, Romualdo P. Campos. **Guerrilha do Araguaia**: a esquerda em armas. Goiânia, Ed. UFG, 1997.

FIGUEIREDO, José Ricardo. **Modos de ver a produção do Brasil**. São Paulo, Editoras: Educ; Campinas e Autores Associados, 2004.

FREIRE, Tereza. **Dos escombros de Pagu**: um recorte biográfico de Patrícia Galvão. São Paulo: SENAC, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista**. 6. ed. Recife; Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1976.

___ et al. **Livro do nordeste**. Edição fac-similada. Recife: Secretaria da Justiça; Arquivo Público Estadual, 1979.

___**Perfil de Euclides e Outros Perfis**. 2. ed. aumentada. Rio de Janeiro: Record, 1987.

- ___ . "Aspectos da ficção em Goiás" in **Dimensões da Literatura goiana**,Goiânia, Cerne, 1992.
- ___ . **Região e Tradição**, Rio de Janeiro, 1968.
- GARCIA, José Godoy. **Aprendiz de Feiticeiro**: estudos críticos. Brasília: Thesaurus, 1997.
- GALDINO, Luiz. **O Estado Novo**.São Paulo: Ed. Ática, 1986.
- GOMES, Modesto. AGL – Academia Goiana de Letras. Bernardo Élis: Imortalidade de nome e obras. A paisagem em Bernardo Élis, p.26, Revista da AGL, Goiânia, julho/1998 n°21.
- GUIMARÃES, Maria Tereza Canesin. **Formas de organização camponesa em Goiás (1954/1964)**. Goiânia, Centro Editorial e Gráfico da UFG, 1988.(Coleção Teses Universitárias).
- HENNINGFIELD, Jack. **Observando o mundo**. Awake!, U.S.A. New York: Watch Tower, p.3-4, 22-abr. 1994.
- HOBBSAWM, Eric J.; RUDÉ, George. **Capitão Swing**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- ___ . **Pessoas Extraordinárias**: Resistência, rebeliões e jazz. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- ___ . **Era dos Extremos**: o breve século xx:1914-1991, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ___ . **Escritos sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- JUBÉ, Antonio Geraldo Ramos. **Síntese da História Literária de Goiás**, Goiânia, Oriente 1978.
- LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. 5. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.
- LEÃO CARNEIRO, Flávia. **O Acervo Bernardo Élis**. Revista:Remate de Males, IEL/UNICAMP, Campinas, n°17, p.141-142, anual,1997.
- LIMA, Herman. Bernardo Élis. In: **Veranico de Janeiro**. Rio de Janeiro: José Olympio,1966.
- LOPEZ, Luiz Roberto. **História do Brasil Contemporâneo**. Porto Alegre, Ed. Mercado Aberto, 1987.
- MACEDO, Ercília. **Um Contista**.Anápolis: Departamento de Cultura, da Secretaria da Educação e Cultura Goiano, 1968.
- MACHADO, Dirce. **Entrevista realizada pelo historiador Renato Dias Souza**, 2006.
- ___ .**Entrevista realizada pelo historiador Paulo Ribeiro da Cunha**, s/d.

- MACIEL, David. **A argamassa da Ordem**: da Ditadura Militar a Nova República. São Paulo: Xamã, 2004.
- MAIA, Cláudio Lopes. **Os Donos da Terra**: A Disputa pela Propriedade e Pelo Destino da Fronteira- **A Luta dos Posseiros em Trombas e Formoso 1950/1960**. Goiânia, Universidade Federal de Goiás, 2008 [Tese de Doutorado].
- __. et. al. **Canudos**: um povo entre a utopia e a resistência. Goiânia:Centro popular de Estudos Contemporâneos. 1999.
- MANTEGA, Guido; MORAES, Maria. **Acumulação monopolista e crises no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MARTINS, José de Souza. **A Aparição do Demônio na Fábrica**-Origens Sociais do Eu Dividido no Subúrbio Operário. São Paulo: Editora 34, 2008.
- __. Fronteira- **A Degradação do Outro nos Confins do Humano**. São Paulo. Editora HUCITEC, 1997.
- __. **O Cativo da Terra**. 6º Ed. São Paulo, Editora Hucitec, 1996.
- __. **O poder do atraso**- Ensaio de Sociologia Lenta. 2º Edição. São Paulo. Editora HUCITEC, 1999.
- __. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. 4º Edição, Petrópolis-RJ, Vozes, 1990.
- __. **Reforma Agrária**: O impossível diálogo. São Paulo: Ed. da USP, 2000.
- MARX, Karl. **A origem do capital**: a acumulação primitiva. 5º ed. São Paulo: Global, 1985.
- MELAZZO, Helena Ferreira. **A dimensão simbólica em Bernardo Élis**. 1990. 134 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1990.
- MORAIS, Clodomir Santos de. História das Ligas Camponesas do Brasil. In: STEDILE, João Pedro (org.). **A Questão Agrária no Brasil**: história e natureza das Ligas Camponesas 1954-1964. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 21-71.
- MOTTA, Márcia e Pinheiro, **Voluntariado e universo rural, Theo Lobarinhas**, Rio de Janeiro, Editora Vício de Leitura, 2001.
- NASSER, Consuelo (Coord.). **Alfredo Nasser**: o líder não morreu. Goiânia: Líder, 1995.
- NETO, Francisco Pimenta. IN: **Imprensa Goiana**: depoimentos para a sua história. Goiânia, Cerne, 1977.
- O ANÁPOLIS, 05/01/1950 n°948 p.1 e 26/01/1950 n° 954 p.1.
- OLIVAL, Moema de Castro e Silva. **O processo sintagmático na obra literária**. Goiânia: Oriente 1976.

___ . **Bernardo Élis**: o “silêncio ruidoso” de um escritor. Revista da Academia Goiana de Letras, Goiânia, n. 21, p. 35-41, jul. 1998.

PALACÍN Luís; MORAES, Maria Augusta de Sant.,anna. **História de Goiás**. 6. ed. Goiânia: Ed. UCG, 1994.

PAULA, Lerinda Cardoso Coelho. **A violência no conto de Bernardo Élis**. 1991. 193 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1991.

PAUL, Junia Bernardes da Silva Schaefer. **A Recriação do Universo Goiano por Carmo Bernardes nos contos de A ressurreição de um caçador de gatos**. Dissertação de Mestrado em Estudos Românicos Universidade de Lisboa Faculdade de Letras Departamento de Literaturas Românicas, Lisboa, 2008.

PALMAR, Aluizio. **Torturadores**. Brasil, 2012. Disponível, <http://www.historiadigital.org/ditadura-militar/10-torturas-da-ditadura-militar>.

PLATÃO, **A República de Platão**, 6º ed. Ed. Atena, 1956, p. 287-291.

RIBEIRO, Darcy in **O Povo Brasileiro**. A Formação e o sentido do Brasil. 2 ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**, Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2005.

PRESTES, Luiz Carlos. **Discurso pronunciado na Assembleia Nacional Constituinte**. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/prestes/1946>.

PRESTES, Anita Leocádia. **Luiz Carlos Prestes Patriota, revolucionário, comunista**. São Paulo, Expressão Popular, 2006.

PRIORI, Ângelo Aparecido. **A Revolta Camponesa de Porecatú: A Luta pela Defesa da Terra Camponesa e a Atuação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) no Campo (1942-1952)**. Tese de Doutorado em História, Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, Assis-SP, 2000.

RUAS, Ester Cristina Machado. **Imagens de advertências impressas nos maços de cigarros brasileiros: um estudo de caso**. Dissertação (mestrado) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde, Rio de Janeiro, 2012.

SAMPAIO, Jacinta de Fátima Rolim. **A História da Resistência dos posseiros de Porangatu -GO (1940-1964)**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

- SANTINI, Juliana. **A formação da Literatura Brasileira e o regionalismo, o eixo e a roda**, Belo Horizonte, v.20, n°1, p.71, 2011.
- SANTOS, Rogério Santana dos. **O triunfo do conto: em Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Élis**. 2004. 358 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- SANTOS, Leonardo Soares dos. **As Ligas Camponesas do PCB: A transformação em questão agrária para ação política (1928-1947)**. Revista: Trocadero, n°17, p.77-98, anual, 2005.
- SILVA, Vera Maria Tietzmann e TURCHI, Maria Zaira, (org.) **Antologia do Conto Goiano II: o conto contemporâneo**, Goiânia, Editora UFG, 1994.
- SOBRINHO, José. **Diário Pessoal (1978-1982) e seus manuscritos**. (Acervo da Universidade Estadual de Goiás-Uruaçu/GO).
- __. Entrevista realizada por Paulo Ribeiro da Cunha, 1990.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Burguesia Brasileira**. 3° Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- __. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
- __. **A ideologia do colonialismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- __. **História da Literatura Brasileira**. 10. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.
- STEDILE, João Pedro (org). **A Questão Agrária no Brasil 1- O Debate Tradicional: 1500-1960**. 2ª Edição, São Paulo, Expressão Popular, 2005.
- __. **A questão agrária no Brasil 4- História e natureza das Ligas Camponesas – 1954-1964**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- __. **A questão agrária no Brasil 3- Programa de reforma agrária: 1946-2003**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- SOUZA, Renato Dias. **“Fazia tudo de novo”**: camponeses e partido comunista brasileiro em Trombas e Formoso (1950-1964). Dissertação de Mestrado em História, da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, 2010.
- TÁVORA, Franklin. **O cabeleira**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1969.
- TELES, Gilberto Mendonça. **O Conto brasileiro em Goiás**, Goiânia, 1969.
- __. **A Poesia em Goiás - Estudos Goianos, I volume**, 2ª ed., Goiânia, UFG, 1983.
- __. **Memórias Goianas**, volumes I e II (coord. José Mendonça Teles), Editora da UCG, Goiânia, 1984.
- __. **Sociologia Goiana**, 6ª ed., Goiânia, Kelps, 2004.

___ . O testemunho literário de Ermos e Gerais. In: **Seleta**. Antologia de contos. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

___ . **Estudos goianos II**: A crítica e o princípio do prazer. Goiânia: UFG, 1995.

TEIXEIRA, Átila Silva Arruda. **Do Projeto ao Romance**: uma análise de O tronco, de Bernardo Élis. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

UNES, Wolney (org.). **Bernardo Élis: vida em obras**. Goiânia: Agepel: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.

VIEIRA, Emílio. **O expressionismo em Bernardo Élis e Siron Franco**. Goiânia, UFG, 2000.

VICENTINI, Albertina. **Regionalismo literário e sentidos do sertão**. Sociedade e Cultura, Goiânia, vol. 10, n. 02, jul/ dez 2007, pp. 187-196.

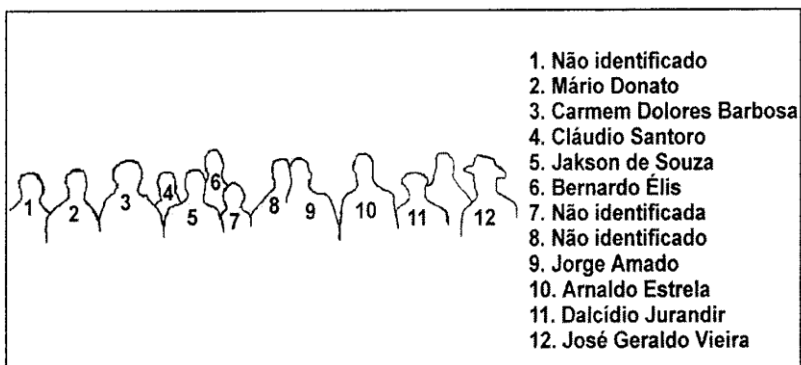
___ . **O sertão e a literatura**. Sociedade e Cultura, Goiânia, vol. 01, n. 01, jan/ jul, 1998, pp. 41-54.

REVISTA, REMATE DE MALES-IEL/UNICAMP, 1997.

- A VIDA SÃO AS SOBRAS, ENTREVISTA: BERNARDO ÉLIS, foto p.59.



Grupo de intelectuais e artistas, em visita a URSS, na estação Maiakóvski do metropolitano de Moscou. 1952 [?].



QUEM É O GRILEIRO JOÃO INACIO

Jose Carlos Botelho
(Da Sucursal de Brasília)

Um homem de 44 anos, casado, pai de 4 filhos, alto, moreno claro, é o responsável pela grilagem, e sua alienação a estrangeiros, de imensas áreas do território nacional.

Usando de todos os expedientes imagináveis, desde a falsificação de escrituras e certidões de nascimento, até suborno, alijamento e ameaças, montou uma gigantesca quadrilha, da qual fazia parte toda espécie de gente: gangster norte-americano, penitenciário húngaro, falsários brasileiros e de outras nacionalidades e, até, gente honesta, envolvida e ludibriada por ele.

Apa meticolosamente nos cartórios do interior do país, cujos arquivistas eram seus cúmplices, e nos quais obtinha as "fichas" das terras a serem griladas. Até agora, as autoridades encarregadas de investigar a venda de terras a estrangeiros apuraram que ele e sua quadrilha alienaram um milhão e quinhentos mil hectares de terras, ou seja 18 mil quilômetros quadrados, em duas vezes maior que o território do Libano ou de Israel, igual à metade da Dinamarca e quatro vezes o Distrito Federal.

Quem é João Inácio

Este misterioso personagem já é conhecido como "o homem que vendeu o Brasil". Quem é ele?

João Inácio é o seu nome. Nasceu em Ipameri, Goiás, em 21 de novembro de 1913, com 44 anos, portanto. Casou-se em 21 de julho de 1953, com dona Alda Arruda Inácio, em Pombal, cidade onde dará, mais tarde, seus primeiros passos na grilagem de terras.

João Inácio teve quatro fi-

Dolares ampliam os negócios

De grileiro provinciano, João Inácio deu um enorme salto, passando a ocupar as páginas dos jornais, mesmo de outros países. Seus negócios começaram a desenvolver-se quando conheceu um penitenciário húngaro, chamado Arpad Szabo, com quem fez sociedade para explorar o negócio de tomar terras dos outros. Este húngaro tinha relações com norte-americanos, também interessados em terras no Brasil. Entre eles estava Stanley Ames Selig, hoje um dos maiores latifundistas do país e elemento de pestes anteriores em seu país. Com a vinda de Selig ao Brasil, formou-se uma sociedade entre Inácio, Arpad, Petrólio da Silveira e o norte-americano. Tinha um documento passado em cartório sacramentando a sociedade.

Dai por diante, as trapaceas se avolumaram e o negócio tornou-se rentoso. Eram os dólares que chegavam. A quadrilha e esta sílaba tinha agrimensores que falsificavam mapas ou alteravam seus li-



João Inácio chegou até envolver sua família nas transações ilícitas de terras, cujos documentos foram apreendidos em Campinas pela Polícia Federal.



como hoje. Uma legua de terras representava uma semana, ou seja 600 metros quadrados

do campo, geralmente pobre e analfabeto, os grileiros

que mister Selig mostrava ao IBRA), cartas a companheiros

que João Inácio exigia o sumiço de Alencar, pô-se de prante

André Lima, conforme registro parcelar, número 82, de 10 de setembro de 1957, com "meia legua de terra". Filipe não deixou herdeiro e Inácio e seus cúmplices a grilaram, pela forma já descrita.

Brações da República falsos

Para suas trapaceas imobiliárias, o grupo Inácio-Arpad Selig contou com a colaboração da grafia "Brasiliana Ltda. de Goiás", localizada à rua 87, lote 94. A grafia falsificava as escrituras e demais documentos que a quadrilha encomendava, bem como os brações da República e do Estado de Goiás. Para melhor impressionar os interessados no exterior, a quadrilha carimbava as escrituras com os brasões, dando um aspecto "oficial" às transações.

Certa vez, João Inácio enviou um bilhete ao proprietário da grafia, Leonardo Luciano Borges, pedindo-lhe que tirasse das futuras escrituras a serem falsificadas uma taxa preta "porque estavam pagas recendo anuário de enterro".

As áreas griladas

Além de áreas adquiridas legalmente pelo grupo em Mato Grosso, Bahia e Amazonas, ainda são totalmente desconhecidas pelas autoridades, o grupo grilou as seguintes propriedades, em Goiás:

Município de Ponte Alta, fazenda Formiga, com 2.812 mil hectares; Rio Verde, 1.972 mil hectares; Mutumbeira, 2.886 mil hectares; Sítio Novo, 2.721 mil hectares; Vaila, 471 mil hectares; Rio Novo, com 1.844 hectares;

município de Niquelandia, fazenda Cachoeira, com 14.404

hectares do município, sem qualquer comunicação com as capitais. Ponte Alta e Piana, por exemplo, inicialmente totalmente griladas, já não acessíveis por carro de boi, ou por avião bi-motor. Os grileiros construíram campos de aviação, única forma de acesso rápido a essas localidades.

Cartórios envolvidos

Diversos cartórios estão envolvidos na grilagem de terras. Entre eles se destacam, como os mais implicados, o de Ponte Alta e do São João de Goiás. Este último já sofreu uma batida do delegado Newton Quirino, do capitão Wilson Roberto e do juiz serrador de Goiás, Sr. Sebastião de Souza. No ocasião, foram apreendidas diversas fichas para reconhecimento de firmas de pessoas honestas.

Dando mostra evidente de que as coisas não andavam muito corretas em seu cartório, seu titular, o sr. Jovencio Cândido de Oliveira investiu furiosamente contra jornalistas ao ver que as fichas e os arquivos viticiados estavam sendo fotografados.

O fim da quadrilha

Mas a quadrilha de João Inácio, Arpad Szabo, Petrólio da Silveira e Stanley Ames Selig e outros está praticamente desmantelada. O volume de documentos que o Comitê Especial tem em seu poder é mais do que suficiente para incriminar todo o grupo de grileiros e denunciá-los à Justiça. O delegado Newton Quirino, está fechando o cerco e Inácio e seus companheiros estão acusados, sem possibilidade de fuga.

Diversos membros membra